



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS (PROGEPE)

GILSON BORSATO BATISTA

ESCOLA PÚBLICA: TODAS AS GENTES CABEM LÁ! COM A PALAVRA, OS
ESTUDANTES

SÃO PAULO
2022



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS (PROGEPE)

ESCOLA PÚBLICA: TODAS AS GENTES CABEM LÁ! COM A PALAVRA, OS
ESTUDANTES.

GILSON BORSATO BATISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosiley Aparecida Teixeira

SÃO PAULO
2022

Batista, Gilson Borsato.

Escola pública: todas as gentes cabem lá! Com a palavra, os estudantes. / Gilson Borsato Batista. 2022.

129 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2022.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Rosiley Aparecida Teixeira.

1. Escola. 2. Cotidiano escolar. 3. Estudantes da escola pública.

I. Teixeira, Rosiley Aparecida. II. Título.

CDU 372

**ESCOLA PÚBLICA: TODAS AS GENTES CABEM LÁ! COM A PALAVRA, OS
ESTUDANTES**

GILSON BORSATO BATISTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove), como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

São Paulo, 21 de Março de 2022.

**Presidente: Prof^a. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira – Orientadora
Universidade Nove de Julho – UNINOVE**

**Examinadora: Prof^a. Dra. Nima Imaculada Spigolon
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

**Examinadora: Prof^a. Dra. Patrícia Aparecida Bioto
Universidade Nove de Julho – UNINOVE – PROGEPE**

**Suplente: Prof. Dr. Celso Carvalho
Universidade Nove de Julho – UNINOVE – PPGE**

**Suplente: Prof^a. Dra. Claudia Panizzolo
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP**

A todos que direta ou indiretamente estiveram presentes e serviram de inspiração, acreditando em mim, nos meus sonhos, e a todas as luzes que me conduzem sempre adiante.

AGRADECIMENTOS

Obrigado primeiramente a Deus, que me conduziu e deu forças para enfrentar as adversidades do caminho. Aos meus pais, que na sua simplicidade sempre estiveram me apoiando, mesmo sem entenderem o quão importante foi essa etapa para a minha vida acadêmica. Agradeço o compreender do meu distanciamento dos amigos e família, que foi necessário para os momentos de estudo e reflexão.

Obrigado à minha cúmplice Gildália, que me incentivou e proporcionou poder estar presente nas tardes de estudos, e à Viviane, que me apresentou o Programa de Mestrado da Uninove.

Obrigado a todo o corpo docente do Programa de Gestão e Práticas Educacionais. Cada qual, à sua maneira, fez-me refletir sobre a educação; em especial, a professora Patrícia Biotto, que me acompanhou nesses dois anos de caminhada, a professora Rosiley Teixeira, minha orientadora, pela paciência, respeito e dedicação, e a Professora Nima, que aceitou participar do final deste processo, com seu olhar poético.

Obrigado às minhas companheiras de sala de aula virtual, Débora, Priscila e Roberta, que juntos nos desesperamos com calma.

O meu muito obrigado a todos os alunos da Escola Estadual Gustavo Barroso, que participaram desta pesquisa e proporcionaram, por meio das suas percepções, um estudo aprofundado da escola.

Certamente foram tantas as pessoas, as quais admiro e respeito, que não foram citadas, mas não são menos importantes. Por isso, a todos que fizeram parte da minha vida pessoal, profissional e acadêmica, meu sincero agradecimento e respeito.

RESUMO

As escolas são espaços de interação e aprendizagens sobre si e sobre os outros. Portanto, é no seu cotidiano que se estabelecem as práticas educativas alienantes ou emancipatórias. Logo, consideramos conhecer a escola pública estadual Gustavo Barroso, a partir do modo como os estudantes a compreendem. Sendo assim, o objeto de estudo desta pesquisa é a Escola Estadual Gustavo Barroso e buscamos responder que lugar é esse a partir da leitura de um grupo de estudantes que convivem nesse espaço. Possui por objetivo geral entender como os estudantes da Escola Gustavo Barroso compreendem o espaço escolar e as relações ali existentes. Como objetivo específico, visa identificar como os estudantes concebem a escola, seus professores, seus colegas e os demais profissionais que ali atuam. Entendemos que muitos dos estudantes da referida escola se encontram em um momento de sofreguidão, devido ao afastamento da escola, ocasionado pela pandemia do Covid-19, que, fomentado no ambiente educacional, causa uma convivência social inquieta com seus pares, professores e familiares. A metodologia utilizada foi a qualitativa, que, por meio de um recorte etnográfico, mapeou, junto aos alunos, como convivem, entendem e compreendem a instituição de ensino e os profissionais que ali atuam. A coleta de dados se deu por meio de questionários, análises da documentação escolar, entrevistas e rodas de conversas, tendo como referencial teórico a fundamentação em Dubet (2003a, 2003b, 2008); Charlot (2000, 2001); Freire (1996, 2011, 2013) e Masschelein e Simons (2017).

Palavras-chave: escola; cotidiano escolar; estudantes da escola pública.

ABSTRACT

Schools are spaces for interaction and learning about oneself and others. Therefore, it is in their daily lives that alienating or emancipatory educational practices are established. Soon we consider knowing the Gustavo Barroso state public school, from the way students understand it. Thus, the object of study of this research is the Escola Estadual Gustavo Barroso and we seek to answer what this place is from the reading of a group of students who live in this space. Its general objective is to understand how students at Escola Gustavo Barroso understand the school space and the relationships that exist there. As a specific objective, it aims to identify how students conceive the school, their teachers, their colleagues and the other professionals who work there. We understand that many of the students at that school are in a moment of eagerness due to the removal from school, caused by the COVID 19 pandemic, which fostered in the educational environment, causes an uneasy social coexistence with their peers, teachers and family members. The methodology used was qualitative and, through an ethnographic approach, it mapped, together with the students, how they live, understand and understand the educational institution and the professionals who work there. Data collection took place through questionnaires, analysis of school documentation, interviews and conversation circles. Having as a theoretical reference, the foundation in Dubet (2003a, 2003b, 2008); Charlot (2000, 2001); Freire (1996, 2011, 2013); Masschelein e Simons (2017).

Keywords: school; daily school life; public school students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A casa de chão vermelho.....	14
Figura 2 – As rodas de conversas.....	34
Figura 3 – Os grupos: dos novatos aos "de partida"	37
Figura 4 – Visão aérea da EE Gustavo Barroso.....	53
Figura 5 – Jova Rural em 1993 e início da construção da EE Gustavo Barroso.....	54
Figura 6 – O Barracão: EEPG Gustavo Barroso (1992)	57
Figura 7 – O conceito de escola.....	69
Figura 8 – O que também desejo aprender na escola	70
Figura 9 – O que faço quando não estou na escola	71
Figura 10 – O catacata de respostas	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras selecionadas que dialogam com a pesquisa.	25
Quadro 2 – Indicativo dos professores e funcionários da Unidade Escolar.	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de pesquisas EM que as palavras-chave se encontram NO título. ..	24
Tabela 2 – Número de pesquisas com busca das palavras-chave no título nos últimos 5 anos.	24
Tabela 3 – Número de turmas e quantidade de alunos por modalidade de ensino...	58
Tabela 4 – Metas e Resultados do Idesp de 2007 a 2019.	61

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AMA	Ambulatório Médico de Atendimento
CAA	Centro para Crianças e Adolescentes
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano
CEI	Centro de Educação Infantil
CEL	Centro de Estudos de Línguas
CIC	Coordenadoria de Interação de Cidadania
CMSP	Centro de Mídias de São Paulo
DOE	Diário Oficial Estadual
EE	Escola Estadual
EEPSG	Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
EMEI	Escola Municipal de Ensino Infantil
FEUC	Faculdade Euclides da Cunha
FFCL	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
IDESP	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PROCON	Programa de Proteção e Defesa do Consumidor
PROGEPE	Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais
SAPE	Sala de Atendimento Pedagógico Especializado
SARESP	Sistema de Avaliação de Resultados Educacionais de São Paulo
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TM	Termo Médio
UBS	Unidade Básica de Saúde
UE	Unidade de Ensino
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNINOVE	Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: A ARTE DE SER FELIZ.....	13
AS PAINAS DAQUELA PAINEIRA, A BICICLETA AZUL E O MERTHIOLATE VERMELHO	13
INTRODUÇÃO	21
AS PESQUISAS SOBRE O TEMA.....	23
1 AS CONCEPÇÕES E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	30
1.1 A ENTREVISTA	31
1.2 A ANÁLISE DOCUMENTAL.....	32
1.3 AS RODAS DE CONVERSAS	33
1.4 CAMINHANDO, CANTANDO E REGISTRANDO AS CANÇÕES.....	35
1.5 OS GRUPOS: DAS CRIANÇAS-ADOLESCENTES AOS ADOLESCENTES- JOVENS	36
2 AS ESCOLAS, A ESCOLA GUSTAVO BARROSO, OS SEUS ESTUDANTES E OS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA.....	40
2.1 DO MESTRE DE OFÍCIO A ESCOLA HÍBRIDA	40
2.2 OS EDUCANDOS DA ESCOLA PÚBLICA: O SUJEITO ALUNO, ESTUDANTE, CRIANÇA, ADOLESCENTE, JOVEM E ADULTO.....	43
2.3 O APRENDER A SER: MENOR OU MAIOR ALUNO	46
2.4 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, ECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS DO BAIRRO JOVA RURAL	51
2.5 A ESCOLA ESTADUAL GUSTAVO BARROSO	55
2.5.1 A proposta pedagógica da EE Gustavo Barroso.....	61
2.5.2 Como foi o primeiro contato dos alunos com a escola que a comunidade pinta, desenha e rabisca?	62
2.5.3 As pequenas felicidades: os alunos da EE Gustavo Barroso	63
2.5.4 Como os estudantes “pintam” a estrutura da EE Gustavo Barroso: os rabiscos de uma trajetória.....	66
3 OS RESULTADOS DA PESQUISA: COMO SE PERCEBEM, PERCEBEM OS OUTROS E A ESCOLA.....	69
3.1 EU, O OUTRO E A ESCOLA	73
3.1.1 Como se percebem?	73

3.1.1.1 Esforçado(a) x preguiçoso(a)	74
3.1.1.2 Bom(a) estudante x falante	74
3.1.1.3 Tímido(a) x inteligente x preguiçoso.....	75
3.1.1.4 Extrovertido(a) x bagunceiro(a) x etc.....	76
3.1.2 O que acham da escola?	76
3.1.3 Sobre a sala de aula?.....	78
3.1.4 Sobre os seus professores?	80
3.2 O INÍCIO DOS REGISTROS: BARULHOS	85
3.2.1 Os barulhos de felicidade.....	85
3.2.2 Os novos de 2020.....	87
3.2.3 Uma sala vazia, os registros e um monte de sentidos.....	87
3.2.4 O estudante: o estágio final dos “barulhos de felicidade”	88
3.2.5 A personalidade enclausurada	89
3.2.6 Dança das canetas: lapisando o futuro com a borracha na mão.....	91
3.3 AS VOZES SE ESCUTAM	92
3.3.1 O adolescente: o estágio final dos “barulhos de felicidade”	92
3.3.2 O que fala a dança das canetas: lapisando o futuro com a borracha na mão.....	103
3.3.3 Um segundo momento: os mesmos autores e outras gentes	110
3.3.4 A escola que frequentei: seus significados e sentidos	111
3.3.4.1 O que mais amo?	112
3.3.4.2 E o que menos gosto na escola Gustavo Barroso?	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXO A – Questionário da Pesquisa Socioeconômica	126
ANEXO B – Perguntas para as Rodas de Conversa	128

APRESENTAÇÃO: A ARTE DE SER FELIZ

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz. Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz. Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles

AS PAINAS DAQUELA PAINEIRA, A BICICLETA AZUL E O MERTHIOLATE VERMELHO

De uma família de lavradores de São José do Rio Pardo, interior de São Paulo, sendo o terceiro filho de um total de quarto, nascia eu em agosto de 1984, em meio a todas as dificuldades de uma vida simples, porém cheia de muito acalento. Tive uma infância de criança que aprontava, caía, ralava os joelhos, brigava com os irmãos, mas tinha neles grandes companheiros para as bagunças. Grandes lembranças das quedas da bicicleta azul com garupa, a qual eu sempre ocupava e sempre caía; a cada tombo uma bronca e para curar os ralados o verdadeiro merthiolate, aquele que demorava um mês para sair da pele e muitos banhos de arnica para ajudar na cicatrização.

Desse tempo, eu me recordo com nostalgia da casa de colônia em que morávamos – lugar simples, cheio de pequenos mimos, como um pé de paineira bem em frente à porta da cozinha e que, em determinada época do ano, os frutos amadureciam e soltavam as painas, que chamávamos de neve e até serviam para fazer travesseiros; do outro lado, na porta da sala, uma imensa mangueira, que

sobrevive e conta a história daquele lugar até hoje, diferente da paineira que não existe mais. O piso da casa era de “*vermelhão*”, o qual minha mãe *dava um duro danado* para deixá-lo brilhando, o que acontecia principalmente aos finais de semana, pois durante a semana estávamos cuidando das plantações.

Figura 1 – A casa de chão vermelhão



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Tudo era uma brincadeira para mim e meus irmãos. Todos os dias, um grande piquenique, pois levávamos marmitas para a lavoura e sempre tínhamos o horário do café da tarde. Nesses momentos simples, porém cheios de expressões e cuidados demonstrados em cada gesto, faz-me recordar que acontecia sob uma barraca, a qual geralmente minha mãe montava com lençóis e pequenos galhos tirados da mata, um momento de ludicidade aprendida pelo mundo, mas nesse momento sem a noção de a estar praticando. Era nosso refúgio nos momentos de cansaço, juntamente com os cachorros, vistos como parceiros e protetores.

Mudamos desse sítio e fomos para outro, onde as atividades dos meus pais eram as mesmas, porém estávamos em um local centralizado, com fácil acesso a tudo. Nesse momento, fui matriculado na antiga pré-escola Escola Estadual de

Primeiro e Segundo Grau (EEPSG) Professora Sylvia Portugal Gouveia de Sylos, escola rural, e me recordo da sala de aula, do cheiro de material novo, da primeira mochila e lancheira, do contato com os novos colegas, das brincadeiras e da socialização que ali existia. Logo na primeira série do extinto primário, tendo como professora Dona Zezé, comecei a ser alfabetizado e, no final desse ano, já estava lendo frases curtas e todos os dias havia as cantigas matinais, além do professor de Educação Artística duas vezes na semana, recém-formado, que marcou muito essa história escolar, com aulas dinâmicas, nas quais cantávamos, desenhávamos, dançávamos, sempre com uma relação muito harmoniosa e rígida, porém uma doçura impregnada em cada “não” falado ou gritado com aquela voz de locutor de rádio.

A professora Ana me chamava a atenção, pois havia a audição da leitura de cada aluno, individualmente, por ela, atrás da porta. Isso causava estranheza; talvez fosse uma forma de resguardar o aluno nesse momento. E a merenda da escola servida em pratos azuis pela janelinha da cozinha. Nesse período, era somente sopa que serviam. No mesmo ano, mudamos para a cidade, porém meus estudos continuaram na escola rural. Eu e meu irmão acordávamos muito cedo para pegar o transporte que passava pelos sítios e fazendas para levar para a escola. Sempre sentávamos no primeiro banco, o mais disputado, e, na volta para casa, todos do ônibus não podiam ver uma plantação sendo irrigada que corriam todos para pôr a cabeça para fora da janela e ser molhados; foi um ano pesado, porém acabávamos nos divertindo quando nossa mãe nos deixava ficar no clube que era ao lado da escola. Um dia, perdemos o horário do ônibus escolar da tarde. Em um belo momento, apareceu um caminhão “pipa” para abastecer a escola com água. Foi nossa carona de retorno para a cidade e, ao mesmo tempo, uma aventura.

Da terceira série, em meados dos anos 90, tenho somente como lembrança a professora Beth. Da quarta série, já em outra escola (EEPSG Professora Stella Couvert Ribeiro), recordo da professora Maria Amélia, sempre muito exigente, rígida. Confesso que tive medo dela. Só de chamar os alunos pelo nome já era um susto enorme, porém foi de grande valia para a conclusão do meu antigo primário. Já da 5ª à 8ª séries, foram anos que passaram rápidos. Lembro que em alguns anos a educação física era feita no contraturno, com saudades da época do grêmio estudantil, das ações que planejávamos na escola, visando à melhoria de alguns aspectos que incomodavam os alunos, tais como: a montagem do laboratório, sala de informática.

Sr. Flávio, bibliotecário ou professor readaptado, não sei ao certo, incentivava-nos a ler. Sempre com a sua bengala, sugeria as leituras. Muitas vezes fui para a biblioteca devolver os livros e para ele assinar a ficha de devoluções; sempre ocorria um breve bate-papo sobre a história ou estória. Após algum tempo, ele se aposentou e a biblioteca ficou às moscas e foi desativada. Essa escola marcou muita minha trajetória escolar, por meio de simples gestos, como plantar uma árvore no Dia da Árvore. Quando passo por lá, após 25 anos, e a vejo; floresce um sentimento de que aquela escola de assoalho de madeira e corredores de cerâmica vermelha foi realmente significativa nessa trajetória em construção e reconstrução.

Iniciei meus estudos no Ensino Médio na EE Professora Laudelina de Oliveira Pourrat, nos anos 2000, frequentando a primeira série no matutino. Quando iniciamos o novo ciclo, tudo mudou. Foram perceptíveis as alterações do ciclo, o número de professores, as formas de tratamento muito diferentes do Ensino Fundamental. E um detalhe, ainda existia aulas de psicologia com o professor Rubens, do carro Variante azul, cujas aulas eram verdadeiros bate-papos agradabilíssimos; e as aulas de Arte da professora Luci, sempre algo diferente, respeitando a subjetividade da arte de cada aluno, a voz meiga e afável e uma afetividade que não tinha fim. Foi nesse ano que decidi seguir meu caminho pela arte, pois sempre tive grandes professores artistas que viraram minha referência: Arioswaldo, Dona Cidinha, Angélica, Leda e Luci.

Nessa escola, participei de vários projetos, como o grêmio estudantil, o Projeto Literário da Nestlé, viagem pela literatura (todos os anos), e o que me trouxe maior satisfação e realização: tocar na fanfarra da escola. Os ensaios eram duas vezes durante a semana no noturno e todos os sábados à tarde. Era sempre uma angústia esperar os dias de ensaios e as apresentações. Éramos em torno de 100 alunos, engajados nesse projeto, no qual o protagonismo juvenil era realmente posto em prática e cada um se empenhava ao máximo para que o resultado coletivo fosse um verdadeiro show, que durou para mim de 2000 a 2002 – belos tempos, belos dias, belas lembranças.

Em 2001, solicitei o remanejamento para o período noturno, pois acabava de ser inserido no mercado de trabalho. Fui trabalhar em uma ONG, gerida pelas Irmãs do Monte Calvário, que arrecadavam fundos e doações para a Santa Casa local, da qual elas tinham a condução da parte religiosa e também a equipe de enfermagem. Fui muito bem acolhido e, durante os dois anos de convivência, aprendi muito sobre

questões humanas, o carinho que cada irmã, ao seu modo, demonstrava pelos pacientes e pelas pessoas que ali estavam, seja na alegria ou na dor. Madre Maria Madalena, com toda a sua doçura, e Irmã Maria Cecília, a motorista da “turma”.

Logo em 2003, ingressei no ensino superior no curso de Desenho e Plástica, inicialmente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), de São José do Rio Pardo; logo em seguida, o nome foi alterado para Faculdade Euclides da Cunha (FEUC), dada a grande influência do patrono na cidade. Foram três anos intensos de muita aprendizagem, conhecendo todos os estados da arte, as subjetividades e as dicotomias proporcionadas, as apresentações que aconteciam do nada e viravam um evento na faculdade, enfim um estudante de artista. E quem foi meu professor nos três anos de curso? Aquele professor lá do primeiro ano do extinto primário, professor Arioswaldo, sempre com o seu humor característico e os melhores dias eram aqueles de avaliação dos trabalhos práticos, uma verdadeira encenação para dizer ao aluno que estava péssimo o trabalho; mas ele entendia a subjetividade da arte. Os demais marcaram e ajudaram na minha formação e cabe aqui o registro: professora Lurdinha, uma enciclopédia de História da Arte; professor Jaime, um verdadeiro ator, professor e desenhista; professor José Renato e a sua busca incessante pela perfeição dos alunos nas aulas de Desenho Geométrico; e professor Wladimir, um camaleão multifuncional. A todos, o meu sincero respeito. No segundo ano da Faculdade de Arte, fui convocado para servir o Exército. Foi um ano maçante em que eu me dividia entre trabalho, estudo e Exército. Recordo-me das aulas físicas, as quais eram divertidas, porém era exaustivo correr pelas ruas logo às cinco horas da manhã com o tradicional uniforme físico do exército (regata branca por dentro do calção verde exército, com o calçado preto e meia branca até a canela) e cantando cantigas militares.

No ano de 2004, por falta de recursos financeiros, fui desligado da Congregação Religiosa Irmãs do Monte Calvário e no ano seguinte surgiu a oportunidade de pôr os pés pela primeira vez em uma sala de aula. Foi meu início na Educação. Substituí uma licença por 30 dias em 2005. Foi a primeira experiência, com ideias que muitas vezes não eram adequadas para a sala de aula, ora dada a complexidade, ora a falta de experiência. Nesse ano, concluí a graduação em Desenho e Plástica e, no ano seguinte, já estava novamente em uma outra graduação, a de Educação Física, e na sala de aula, tanto na pública como na particular; aos finais

de semana estava no Programa Escola da Família, devido à bolsa de estudos da faculdade. Foi mais um ano corrido, de muito trabalho e aprendizagens.

Já em São Paulo, em 2008, com a cara e a coragem e uma mala vermelha, iniciava mais um ciclo da vida: o rompimento do cordão umbilical para tomar as minhas próprias decisões. E o destino quis que eu fosse para uma escola gigante na Zona Norte, nomeada EE Senador Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, com 35 salas de aulas por período, um ambiente vasto e instigante, devido à diversidade de público. Em um determinado período do ano, consegui mais aulas em uma outra escola na Zona Leste, a EE Oswaldo Catalano, com um público eclético. Apesar da escola se situar em um bairro de classe média alta, os alunos que ali frequentavam vinham do extremo Leste, um alunado totalmente diferente da outra escola, onde o que me chamava a atenção era que a questão da diversidade de gênero era muito bem trabalhada na escola, e os alunos, independentemente da opção sexual, tinham um respeito mútuo, o que não havia na escola da Zona Norte.

Como professor de Arte na EE Gustavo Barroso, nosso universo de pesquisa, já com uma vasta experiência de conteúdo, práticas, públicos, posso afirmar que durante estes anos consegui desempenhar tudo que planejei com os alunos. Por meio da relação, desenvolvia vários projetos, desde produções de desenhos, pinturas, dança, música, vídeos, animações, curtas-metragens, sempre respeitando os limites de cada aluno e trilhando caminhos para que todos atingissem os objetivos, cada qual com as suas especificidades.

Passei por todos os níveis ou ciclos ou modalidades de ensino, desde o fundamental ciclo I até a educação de jovens e adultos (EJA), a coordenação pedagógica do ensino fundamental da Unidade Escolar, com foco na aprendizagem, a vice-direção, na qual estou até os dias atuais, desempenhando ainda algumas intervenções na questão da aprendizagem, resolvendo os conflitos gerados na escola e também fora dela, sempre com muito diálogo e audição das angústias que acabam afetando as relações e a aprendizagem de alguns alunos. Tal conduta de trabalho se deu, pois sempre fui tratado, pelas escolas por onde passei na minha formação, com muito respeito e diálogo e nada mais justo que retribuir para a escola pública, da qual sou herdeiro, o mesmo tratamento afetivo, respeitoso e zeloso.

Nos últimos tempos, tenho refletido acerca de algumas questões que estão me incomodando muito. Como os alunos enxergam a escola, o ambiente educacional, o

ambiente de convivência, ou seja, como percebem a escola? E minhas dúvidas e aflições não param por aí. Questiono-me: Quem são esses alunos que frequentam e estão nesse espaço de opiniões e visões discentes subjetivas? De onde vem, para onde vão e quais as suas expectativas em relação à escola e à vida? Com essas indagações em mente, senti a necessidade de me aprofundar nos estudos dessas questões e, por meio de uma professora da escola na qual trabalho, fui informado do processo seletivo para o Mestrado da Uninove. Imediatamente, fiz a inscrição no *site*, fiz o pré-projeto, o processo seletivo, a arguição oral e estou regularmente matriculado no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe).

Desde março de 2020, os desafios vêm sendo grandes para conciliar dois cargos na Secretaria Estadual de Educação, o Mestrado na Uninove e uma pandemia. Tive apenas uma semana de aulas presenciais no programa, em março, e na semana seguinte já estávamos no ensino telepresencial – um desafio para todos, pois não tínhamos a vivência desse estilo de aula. Confesso que a pandemia me ajudou nesse sentido, de poder participar das aulas remotamente, pois, caso contrário, o deslocamento até a Universidade levaria um tempo considerável. Então, foram tardes de grandes trocas de conhecimentos, difíceis, doloridas, porém que foram necessárias para a minha formação.

Juntamente com as dores prazerosas das tardes das terças, quartas e quintas, uma semente de preocupação brotava, pois precisava dos alunos para desenvolver a minha pesquisa. E onde estavam? Estavam todos no ensino remoto. Dessa forma, tive que pensar novamente de que forma conseguiria conversar com esses alunos. Pensei em um formulário e planejei. Pensei em entrevistas via plataformas virtuais e planejei. Em um breve retorno dos alunos para a escola, devido à melhoria dos índices de transmissão do coronavírus, deixei tudo de lado e montei outro esquema de perguntas e respostas, mas, um mês depois, as escolas suspenderam as aulas presenciais novamente e lá vou eu repensar, pois precisava da coleta de dados para escrever a dissertação.

Passando a segunda onda da pandemia, timidamente, os alunos começaram a retornar para a escola e nesse momento colhi quase todas as informações de que precisava. Foi um salto gigantesco. Tive que agir rápido. E as respostas dos alunos me surpreenderam, pois foi exatamente como eu penso, como eu vejo e vivencio.

Agendada a banca de qualificação e sendo aprovado, foi correr para atender as solicitações da banca e prosseguir com os estudos, pesquisas e rodas de conversas para finalizar o texto. Confesso que não foi fácil, porém o aprendizado, as trocas de conhecimentos abriram meus olhos para os estudantes, para entendê-los e suas atitudes, e mais ainda: botei fé nas suas percepções, que são reais, realistas e verdadeiras.

Cabe nesta apresentação a professora Rosiley, que marcou a minha trajetória acadêmica sendo minha orientadora. Foram muitas tardes de quintas-feiras, nas quais eu voltava da escuridão com as suas orientações, pois em muitos momentos me sentia perdido, e seus conselhos foram primordiais para a conclusão desta dissertação. Foi um tipo de aspersão d'água, pela janela aberta e sobre o jasmineiro quase seco. Foi um ritual que gerou pequenas felicidades. É dessas simples e pequenas felicidades que eu digo que faz o coração ficar feliz e o jasmineiro florescer, atraindo borboletas duas a duas, os pardais, os marimbondos, os gatos, tudo isso diante da janela. É preciso aprender a olhar para conseguir ver essas pequenas felicidades. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino, e eu... Feliz!

INTRODUÇÃO

François Dubet (2008, p. 49-53) caracteriza a escola como sendo um espaço articulador de princípios e realidades, carregado de oportunidades e equidade, com a função de oferecer “aos alunos de menor *performance*” um modelo inclusivo, que ressignifique e não desampare os mais fracos, uma vez que a sociedade já se encarrega desse papel, mediante as questões sociais enfrentadas fora dos muros.

Dentre os espaços designados, que supostamente são acolhedores, a sala de aula é onde grande parte das interações acontecem e transparecem de uma forma agradável ou não, através de um encontro de gerações diversas na construção do sujeito.

A escola é culturalmente destinada aos jovens, como se esse ambiente fosse familiar, com regras diferentes e envolvimento de amigos, os quais os deixam à vontade, diferente dos lares dos quais fazem parte ou os que ocupam. Os sujeitos, numa descoberta do sentido do saber, e em uma relação com os agentes educadores na função de mediadores, manifestam-se acerca do outro nesse processo de formação e conhecimento de mundo, indissociável, singular e social, produzido por meio destas relações com os sujeitos. Charlot (2000) defende que a significação tem que ter sentido para o estudante e a relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Portanto, é nesse sentido de dar voz às significações dos estudantes da escola pública, para sabermos como convivem, enxergam e se relacionam no ambiente escolar, que queremos identificar as especificidades de como concebem esse espaço e as pessoas que ali fazem parte do processo de aprendizagem, direta ou indiretamente, e as expectativas dessa instituição pública em suas vidas.

Por meio de um recorte, mapeamos, junto aos educandos, como convivem, o que pensam, como entendem e compreendem a instituição de ensino e o que pensam dos profissionais que ali atuam.

Muitos estudantes do ensino fundamental e médio estão em uma fase de transformações e descobertas, causando muitas vezes um elevado nível de desconforto físico e emocional, devido ao clima existente na escola, ou concebido na sociedade e vindo à tona dentro do ambiente escolar, causando uma convivência social inquieta com seus pares e demais agentes da educação.

Historicamente, o *aluno* era aquele ser iluminado, que era alimentado, a quem era ensinado belas artes, as profissões e que seguia o professor, uma construção social inventada pelos adultos, que tem o poder de organizar a vida dos não adultos, segundo Gimeno Sacristán (2005, p. 11). Na Idade Média, poucos chegavam à universidade e à condição de aluno. A partir do século XIX, essa condição começou a mudar e, já no século XX, os menores faziam parte de todo o sistema educacional e hoje tem um elo estreito ligado à condição de ser aluno, logo, ser *menor*¹. Estamos diante de um estudante “*aluno*”, segundo Gimeno Sacristán (2005, p. 12-13), e certamente o imaginamos como “estudante de algo”, escolar, e um papel vinculado ao ser escolarizado desde a infância até boa parte da juventude.

Freire defende a autonomia do ser educando, um sujeito em construção que caminha lado a lado com o educador em um processo de construção e reconstrução do saber ensinado (FREIRE, 1996, p. 15). O nosso conceito dos sujeitos em processo de escolarização será o “educando” de Paulo Freire, que define com maior clareza a nossa população educacional da atualidade, e o estudante, que estuda, que adquire habilidades e conhecimentos. Utilizamos vários sinônimos de educandos e estudantes, como uma adaptação ao texto, para não ficarem repetitivas as palavras, porém levando em conta a ação do sujeito educando e estudante.

Esta pesquisa está organizada em três seções. A primeira seção, “As concepções e os caminhos metodológicos”, refere-se à pesquisa qualitativa, etnográfica e sobre os instrumentos de coleta de dados, como as entrevistas, a análise de documentos escolares, as rodas de conversas, a divisão dos grupos de alunos, de acordo com o tempo de vivência na Unidade Escolar.

Na segunda seção, abordamos o cenário das escolas, da escola de estudo, dos estudantes e seus estudantes, iniciando com o contexto histórico da formação da escola, cada qual em seu tempo e espaço, do mestre de ofício a uma escola híbrida. Com o histórico da educação paulista, a sua forma, o espaço e tempo escolar, e consultando grandes referências no assunto, queremos traçar um panorama do “ser aluno” historicamente e como ele se comporta mediante as inúmeras ações e transformações que foram inclusas na escola pública. Transitamos por autores que

¹ Utilizo as categorias aluno, criança, pequena, menor etc., muitas vezes como sinônimos. A denominação “menor”, especificamente, utilizo para englobar todo ser humano que “não é adulto”, porque na realidade o aluno não é um adulto completo. O termo menor é mais amplo do que criança. (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 11).

tratam do assunto alunos, educandos, estudantes ou sujeitos e suas vertentes, quais são os caminhos que os levam até esse espaço e as relações que ali existem e se instauram, que é a escola, com o intuito de conhecer quem são esses alunos, de onde vieram e como lidam com as suas questões sociais desenvolvidas fora e dentro da escola.

Abordamos as características sociais, econômicas e demográficas do bairro Jova Rural, que abriga a Escola Gustavo Barroso, e sua história de formação e transformação, bem como a sua proposta pedagógica, que está em busca de um desenvolvimento efetivo. Buscamos saber quem são esses alunos que frequentam o espaço multissocial, como o concebem, como os estudantes veem essa instituição e como a comunidade pinta esse lugar multicultural.

Partindo para o desenvolvimento e os resultados da pesquisa, na terceira seção, manifestaremos os resultados das análises das rodas de conversas, que é quando o aluno solta a voz, sem medo de “levar flechadas de olhares”. Nessa sessão, encontram-se as análises das rodas de conversas realizadas com os grupos, como se percebem, percebem os outros e a escola. Foram um total de 90 alunos que participaram da pesquisa. Nós os analisamos com um olhar poético, como as primeiras impressões dos autores dos “barulhos de felicidade”, os “novos de 2020”, a “sala vazia, os registros e um monte de sentidos”, o “estudante, o estágio final dos barulhos de felicidades”, a “personalidade enclausurada”, a “dança das canetas: lapisando o futuro com a borracha na mão”, bem como algumas perspectivas de cada grupo no momento da aplicação dos questionários, nos quais foram registradas todas as canções. Seguindo as vozes, apresentamos as percepções dos sujeitos que estavam no estágio final do ensino fundamental anos finais e do ensino médio, várias confusões, várias mudanças de planos, várias rodas de conversas para podermos concluir, uma escola viva e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

AS PESQUISAS SOBRE O TEMA

O levantamento de pesquisas relacionadas pode nos dizer muitas coisas. Elas podem detectar teorias e métodos que podem relacionar as pesquisas recentes com

as anteriores e, dessa forma, ir tecendo relações que nos permitam avançar na compreensão do objeto de estudo.

Nesse sentido, mapear as produções acadêmicas ligadas à temática nos permite um aprofundamento das discussões sobre o tema e para isso fizemos uma busca com as palavras-chave, a fim de encontrar o maior número possível de pesquisas. Nas leituras realizadas, deparamo-nos com termos recorrentes, tais como: escola, escola pública, cotidiano escolar, alunos, estudantes e estudantes da escola pública. A partir dessas palavras e expressões, fizemos a busca na plataforma digital da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que nos deu acesso a uma diversidade de produções.

Nesse primeiro contato, realizamos a pesquisa com busca pelo título e obtivemos um número considerável de obras; pelo curto espaço de tempo, foi impossível analisar todas. O quadro abaixo demonstra o resultado da pesquisa.

Tabela 1 – Número de pesquisas em que as palavras-chave se encontram no título

Palavra-chave	Banco de Teses e Dissertações (BDTD)	
	Dissertações	Teses
Escola	14.465	3.849
Escola Pública	2.160	480
Cotidiano Escolar	15	6
Alunos	4.624	806
Estudantes	60.190	21.082
Estudantes da Escola Pública	30	9

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Nesta primeira busca, obtivemos um número considerável de trabalhos a partir do título das obras, por isso, no segundo momento, fizemos um refinamento das palavras-chave que encontramos nos títulos ou assuntos e delimitamos a pesquisa ao período de 2015 a 2020, obtendo uma diminuição significativa no número de trabalhos.

Tabela 2 – Número de pesquisas com busca das palavras-chave no título nos últimos 5 anos

Palavra-chave	Banco de Teses e Dissertações (BDTD)	
	Dissertações	Teses
Escola	6.016	1.698
Escola Pública	867	211
Cotidiano Escolar	46	19
Alunos	1.809	334
Estudantes	18.908	7.115
Estudantes da Escola Pública	14	4

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Realizada a busca e por conter ainda um número significativo de obras nas palavras-chave, refinamos a busca por meio dos filtros oferecidos pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, pesquisas relacionadas à educação. Fizemos um levantamento das obras pelo título e, daqueles que se encaixaram no nosso objeto de pesquisa, analisamos o resumo. Percebemos que muitos títulos se repetiam dentre as diferentes palavras-chave, o que nos permitiu filtrar um pouco mais e chegar a um consenso das obras que seriam lidas na íntegra. Após esse processo, selecionamos, para leitura, as seguintes obras que dialogam com o nosso objeto de estudo e nossos sujeitos em processo de desenvolvimento:

Quadro 1 – Obras selecionadas que dialogam com a pesquisa

Título da obra	Autor	Ano da Publicação	Instituição	Tese / Dissertação
Jovens alunos no ensino médio e suas relações com a sala de aula	Gouveia Júnior, Sérgio Augusto	2015	UNESP – Presidente Prudente	Dissertação
Percepções de alunos adolescentes do ensino médio sobre os estilos de liderança de professores	Leite, Célio Rodrigues	2016	UFPR	Tese
Afetividade, valores e referências morais: um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista	Stach-Haertel, Brigitte Ursula	2017	USP	Tese
Trajetórias escolares no ensino fundamental: estudo de uma escola pública	Sousa, Larissa Renó Gomide de	2015	UNESP - Araraquara	Dissertação
Pra que eu tenho que ir à escola? Com a palavra os praticantes do cotidiano escolar	Cavaliere, Gláucia Cássia Magalhães da Silva	2016	UFJF	Tese
Porque ninguém escuta a gente! Jovens, avaliação em larga escola e cotidiano escolar, entre significados e sentidos	Motta, Maryangela Mattos da	2019	UFJF	Dissertação

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Gouveia Junior (2015), em sua pesquisa *Jovens alunos no ensino médio e suas relações com a sala de aula*, analisa que estudar a educação e os jovens que nela estão inseridos é um trabalho complexo, porque falar de jovens ou juventude é uma atitude que oscila entre uma categoria social e alguns conjuntos de pessoas com características culturais diversas, condicionados ao consumo, lazer e fruição. O autor cita o contexto escolar, como uma “mercadoria cultural”, “sem responsabilidade

educativa” e sugere uma melhoria do Ensino Médio para os sujeitos escolares como: “articular práticas instituintes, “produtoras de sentido” contra uma “escolarização sem sentido”; contudo, traz também algumas perguntas intrigantes: Como ter uma educação com sentido, quando os sentidos são transitórios? Como criar diálogo com o sujeito “jovem aluno” se mal sabemos quais são as suas reais necessidades? Como esperar que a educação melhore se boa parte dos professores têm formação insuficiente e não reveem criticamente a sua formação e suas práticas?

Entretanto, as possibilidades virtuais das TICs são muitas e encantadoras, mas ao mesmo tempo é um obstáculo, além de ser desanimador para muitos profissionais. É um desafio pensar uma educação que vise uma formação “com”, “para”, “sobre” e “pelas” TICs que, de fato, liberte a todos e demonstre ser razoável em uma sociedade onde o espetáculo reina, e leve em consideração o que os estudantes pensam, dizem e sentem em sua relação com a sala de aula e a escola. Gouveia Júnior (2015) conclui que na sociedade contemporânea, quando se pensa em escolas de ensino médio e a relação que os jovens estabelecem com ela, afirma-se mediante a pesquisa que os estudantes gostam da escola sim e da sala de aula também, porém nenhuma conclusão é assertiva e definitiva diante de um quadro de constantes mudanças na sociedade.

A temática *Percepções de alunos adolescentes do ensino médio sobre os estilos de liderança de professores*, apresentada por Leite (2016), abordou a interação professor-aluno, sendo 47 professores e 458 alunos de uma escola pública no Brasil, e identificou, segundo a percepção dos alunos, que os professores com menos tempo de serviço, que teoricamente são mais jovens, são mais autoritativos e menos autoritários e menos negligentes, porém são percebidos como um pouco mais permissivos do que os demais profissionais na visão dos alunos, enquanto os professores mais velhos são menos autoritativos² e mais negligentes na visão do aluno, e uma possível hipótese levantada pelo autor seria o desgaste emocional e uma ineficiente formação. Segundo a pesquisa, Leite (2016) perguntou qual seria a

² “Estilo de liderança **autoritativo** é aquele em que o professor combina as dimensões de responsividade e exigência de forma ‘equilibrada’. O professor estabelece limites, regras claras e coerentes e monitora o comportamento dos seus alunos, com afetividade. Realiza atividades que estimulam o aspecto físico, cognitivo, afetivo e social do aluno. Exemplos de professores autoritativos são observados naqueles profissionais que se entusiasmam com as conquistas de cada um de seus alunos, sem discriminá-los, que demonstram paixão pelo que fazem.” (LEITE, 2016, p. 47).

percepção dos alunos sobre a escola e a sala de aula e 83% afirmaram que gostam da escola, porém fizeram apontamentos ligados aos professores, nas relações interpessoais e outras já citadas, e às salas de aulas, que são pequenas e quentes; e quando dada a oportunidade de fala sobre as disciplinas que mais gostam, foi observado história, matemática e química, e o intrigante foi que nenhum aluno indicou física. E as disciplinas que menos gostam: física, sendo a primeira opção, matemática, língua portuguesa e geografia, com um percentual pequeno, porém de destaque. Por fim, o estudo apresentado por Leite (2016) teve a origem na necessidade de ouvir os alunos e analisar as relações que vêm sendo afirmadas em sala de aula.

Diante da expressão de sentimentos, Stach-Haertel (2017), em sua tese, buscou identificar os valores éticos a partir das referências pessoais de 19 jovens do ensino médio. Abordou tanto o afeto quanto a afetividade, sentimentos estes que potencializam a influência das referências morais específicas das relações interpessoais significativas e do universo de possibilidades que compõem a complexa constituição da personalidade ética e compreendem as influências étnico-morais, tais como a superação das desigualdades oriundas de hierarquias historicamente naturalizadas, seja por questões de etnia, raça, gênero, classe social etc. A autora articula, de uma forma clara e explicativa, os conceitos de afetividade, afeto, sentimento e faz uma análise da ética na educação e defende a mudança da educação formal e a inclusão dos conceitos como objetos de ensino e aprendizagem, instaurando-se um espaço de criação e reinvenção. Conclui seu estudo avaliando de forma positiva e atribui um valor de referência moral para os participantes, relacionado à afetividade, ao sentimento para com aqueles que transmitem esse sentimento e aponta em alguns participantes da pesquisa uma escassez de recursos e de apoio financeiro e afetivo, quer seja do setor público ou privado; e em todos os sujeitos, fazendo parte do mesmo meio social, foram encontradas leituras de mundo muito distintas.

Sendo a sociedade uma ditadora de regras, Sousa (2015) embasou seu trabalho nos conceitos de Bourdieu (1998a, 1998b) de capital cultural, social, econômico, *habitus* e trajetória social de quatro alunos do ensino fundamental. Segundo Pierre Bourdieu, citado pela autora, o capital cultural está na base da compreensão das desigualdades sociais de sucesso ou desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes frações de classe. Ficou constatado que, quanto

menor o capital cultural e econômico, menos chances de progresso esses estudantes terão nos estudos; e, na herança cultural, foi necessário observar o *habitus* adquirido por essas crianças dentro do âmbito familiar. Assim pode ser percebido uma irregularidade entre o histórico familiar dos alunos pesquisados, pois todos os pais e/ou responsáveis não obtiveram êxito escolar e nem possuem familiares próximos que prosseguiram nos estudos. A justificativa de todos foi a necessidade de ingressar no campo profissional, para ajudar no sustento da família, todavia, enxergam a escola como algo positivo, mas desconhecem o funcionamento do sistema escolar, reflexo de uma cultura e herança que vêm sendo passada de geração para geração e ainda não foi quebrada por nenhum dos indivíduos.

Segundo Sousa (2015), desde a antiguidade, as concepções sobre a finalidade social da educação já vêm sendo expostas por diversos pensadores. É no cotidiano escolar que o narrar histórias expressa os sujeitos e possibilita seu melhor entendimento. Essa foi a metodologia utilizada pela autora para captar a percepção dos sujeitos da pesquisa. As escolas, o tempo e o espaço ainda são concebidos como tendo o papel de disciplinadores das mentes e dos corpos das crianças, e os professores, apesar de uma lógica tradicional, tentam inovar suas práticas, a fim de propiciar uma significativa e prazerosa aprendizagem de seus alunos e alunas. Cavaliere (2016) conclui sua tese falando da importância da afetividade nos espaços e tempos escolares, além da importância do cotidiano da escola e do cotidiano escolar, provocando os leitores a problematizar as inter-relações de sentidos, e a pergunta simples, no início da conversa, é algo difícil de responder, tendo em vista a leitura de mundo e dos sentidos.

Tendo em vista esse sentido de mundo, qual será o sentido de mundo das avaliações em larga escala para os estudantes? Motta (2019) coloca em sua dissertação como um tema e um problema a ser resolvido. Contrapondo esse problema, apresenta os dois lados da moeda, com análises e reflexões que divergem quando o tema é avaliação em larga escala. Diante disso, Motta (2019) pauta sua discussão sobre desigualdades na educação em Bourdieu (1998a), Charlot (2000) e Lahire (1997), atribuindo um sentido à escola, que pode ser muito desigual e ao mesmo tempo sensível aos interesses dos jovens. Os agentes da educação, como agentes transformadores, ganham força quando uma percepção coletiva é capaz de um olhar mais sensível diante do menino e do seu mundo.

Os alunos ouvidos por Motta (2019) trouxeram, para as rodas de conversas, sentidos que extrapolaram a pergunta inicial da dissertação e uma enxurrada de percepções sobre a escola que gostariam de ter. O autor, a partir das narrativas dos alunos, chegou à conclusão de que eles aprendem mais com aulas dinâmicas, em um ambiente não tão tradicional como é a sala de aula e que precisam ser motivados para tal. Relacionado às avaliações em larga escala, os alunos percebem uma lacuna entre os conteúdos das avaliações e o que é ensinado na escola; isso os desmotiva. Por fim, os jovens demonstraram na pesquisa valiosas e oportunas considerações para pensar no processo educativo, que sejam capazes de envolvê-los no contexto do ensino e da aprendizagem. Motta (2019) encerra suas considerações citando Paulo Freire, para quem “Ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (FREIRE, 2002, p. 50).

Todas as teses e dissertações apresentadas possuem como sujeitos os estudantes, sejam crianças ou jovens, e todos com direito de fala, que precisam ser ouvidos com atenção, realmente serem ouvidos. Nos estudos, todos, de alguma maneira, apresentaram as percepções dos alunos sobre o tema e refletiram acerca da função da escola no processo de escolarização e o quanto a sociedade, levada pelo seu capital cultural, social e econômico, interfere na formação e no progresso desse estudante em formação.

As pesquisas tratam de assuntos diversos, todavia, em consonância com a nossa pesquisa, ouviram os alunos, mas em situações distintas, abordando um diálogo sobre uma escola justa, democrática e afetiva, em diálogo com os autores Bourdieu (1998a), Charlot (2000) e Lahire (1997). E, ao ouvir os estudantes, abriu-se a possibilidade de eles falarem, ouvirem e conversarem sobre temas distintos, mas que passaram pela escola.

Enfim, as pesquisas apresentaram recortes significativos de várias problemáticas, que são descritas com detalhes pelos autores, sempre em busca de uma resposta para um mundo adverso, para um sistema, muitas vezes incompreensível, que foca em resultados, perpassando o conceito de escola.

1 AS CONCEPÇÕES E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Tratando de pesquisas sobre o ensino, a escola e seus problemas, o currículo, a legislação educacional, a administração escolar, a supervisão, a avaliação, a formação de professores, o planejamento do ensino, as relações entre as escolas e a comunidade, enfim, toda essa rede de assuntos que entram no dia-a-dia do sistema escolar, podemos estar seguros de que, ao entrevistarmos professores, diretores, orientadores, supervisores e mesmo pais de alunos não lhes estaremos certamente impondo uma problemática estranha, mas, ao contrário, tratando com eles de assuntos que lhes são muito familiares sobre os quais discorrerão com facilidade. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 35-36).

Para a pesquisa, utilizamos os métodos quantitativos e qualitativos para escutar os alunos e, a partir dessas informações, traçar um roteiro de perguntas para as entrevistas. Por meio do recorte etnográfico, precisamos mergulhar no universo dos estudantes e observar a cultura da escola para compreender alguns conceitos que serão trazidos pelos alunos em conversas formais e informais e com uma análise documental para ter condições de fundamentar tais observações.

Portanto, esta é uma pesquisa com recorte etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada. Etimologicamente, significa “descrição cultural” e, na Antropologia, o termo tem dois sentidos: segundo André (1995, p. 27), primeiro, como um conjunto de técnicas usadas para coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um grupo social; segundo, como relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.

Esse tipo de pesquisa, segundo André (1995), permite que o pesquisador se aproxime do objeto de estudo, para entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação, ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados.

Essa visão escolar como espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados vai exigir o rompimento com uma visão de cotidiano estática, repetitiva, disforme, para considerá-lo, como diria Giroux (1986), um terreno cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e de resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes. (ANDRÉ, 1995, p. 53).

Para isso, um contato direto com toda a comunidade escolar foi primordial, pois as conversas informais, coletivas e individuais definem uma apropriação ativa dos conhecimentos através da mediação exercida.

Nesta pesquisa, fizemos o uso das entrevistas, análise documental, questionários e rodas de conversas, que implica em instrumento de coleta de dados com planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do pesquisador. Planejar com antecedência “o quê” e “o como” perguntar, definindo claramente o foco da investigação e seu espaço temporal, na entrevista; criar um clima acolhedor, para não pressionar os sujeitos a falarem; e a análise documental, para compreender assuntos factuais e embasá-los, no intuito de oferecer informações oficiais.

O planejamento da coleta de dados e todas as incertezas que foram surgindo no decorrer do “pensar” foi nos levando a refletir, analisar, programar, reprogramar, testar, errar, corrigir, a fim de chegarmos a um ponto de partida.

1.1 A ENTREVISTA

Para realizar a entrevista é necessário criar um ambiente de interação, onde o entrevistado não seja pressionado a responder o que o entrevistador quer e sim a sua percepção sobre o tema, especialmente nas entrevistas não estruturadas, quando o entrevistador vai formulando as questões conforme o discorrer do assunto, com base nas informações que detém e na medida que houver um clima de confiança e aceitação mútua, favorecendo que as informações fluam de maneira notável e autêntica. Dessa forma, fizemos a entrevista com os estudantes; em alguns momentos dentro da sala de aula, em outros, fora, nos espaços da unidade escolar.

O anonimato das respostas sempre ficou muito claro para os estudantes. Com isso conseguiram ficar mais à vontade para expor as suas percepções sobre os assuntos propostos. Cada combinado sobre o sigilo – o registro à liberdade de se expressar ou não – foi seguido à risca para que o rumo das respostas fosse traçado de uma forma natural, livre, em um clima de confiança.

A forma de registro foram anotações, gravação de voz e vídeo, que auxiliaram na análise entre a fala e a comunicação não verbal do entrevistado. Um fator interessante foi revisitar a entrevista por meio somente das anotações, depois somente pela gravação de áudio e por último o vídeo, para ter a percepção da leitura, audição e visão para chegar a uma reflexão e conclusão dos resultados. As entrevistas para a coleta de dados se deram pelo registro escrito e em gravações,

quando foram discutidas as respostas apresentadas. Nessas entrevistas faladas, os membros do grupo não foram totalmente os mesmos da escrita, pois encontramos dificuldades em reunir os mesmos discentes, devido à dinâmica da escola, ocasionada pela pandemia do coronavírus; dessa forma, pudemos ter outras percepções, partindo dos próprios alunos. Não houve uma forma rígida de questões. Os entrevistados discorreram sobre o tema, partindo das informações que detêm e vivenciaram no cotidiano escolar de maneira notável e autêntica.

Organizamos um ambiente propício para o registro das respostas escritas e faladas. Nas escritas, em alguns momentos, saímos da sala de aula e fomos para outros ambientes que estavam disponíveis, como pátio, refeitório, pracinha dentro da escola, criando um ambiente diferenciado; em outros momentos, aproveitando que os alunos estavam sem professor, utilizamos esse momento para conversar e retomar as entrevistas escritas.

Após a conclusão do processo de registro das respostas ou percepções, analisamos os dados e demos seguimento à próxima fase, que foram as entrevistas faladas, e a forma de registros dessas rodas de conversas foram as anotações, gravação de áudio e, em alguns momentos, de vídeo. Notamos que alguns alunos conseguiam se expressar melhor dessa forma, falando, debatendo, expondo a sua opinião para os demais colegas e discordando de algumas opiniões. Em certos momentos, expunham até questões pessoais, envolvendo situações vivenciadas na rua e na escola e que tinham relações com as perguntas propostas.

Percebemos que os alunos precisam ser ouvidos e as respostas foram usadas como uma forma de recurso pedagógico e metodológico, para que a escola acompanhe e perceba as necessidades da comunidade escolar.

1.2 A ANÁLISE DOCUMENTAL

Para compreensão do objeto, realizamos a análise do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Gustavo Barroso, bem como o Plano Gestão do ano de 2020. Ambos com informações complementares, porém sentimos a falta da caracterização do alunado. Quem são eles? Qual a sua situação econômica e social? Portanto, tivemos que fazer essa pesquisa com os alunos, via formulário virtual

(*google forms*), que apresentaremos na esfera alunos. O *link* do formulário foi postado nos grupos das salas de aula de uma rede social, na qual a comunicação da escola com os alunos foi efetiva no período de pandemia e deverá permanecer. Dessa forma, conseguimos atingir um número considerável de alunos, que nos deu a base para traçar o perfil dos alunos da Escola Gustavo Barroso.

Os documentos analisados tiveram algumas fragilidades expostas, que foram apresentadas para a direção da Unidade, e alguns complementos (pesquisa socioeconômica) que fazem parte dessa dissertação foram disponibilizados na íntegra para compor a Proposta Pedagógica, bem como o Plano Gestão de 2022.

Fizemos a análise da Proposta Pedagógica da Escola e do Plano Gestão e utilizamos alguns dados na caracterização pedagógica da unidade, identificando que o documento Plano Gestão é um documento extremamente administrativo que coloca a proposta pedagógica em um segundo plano.

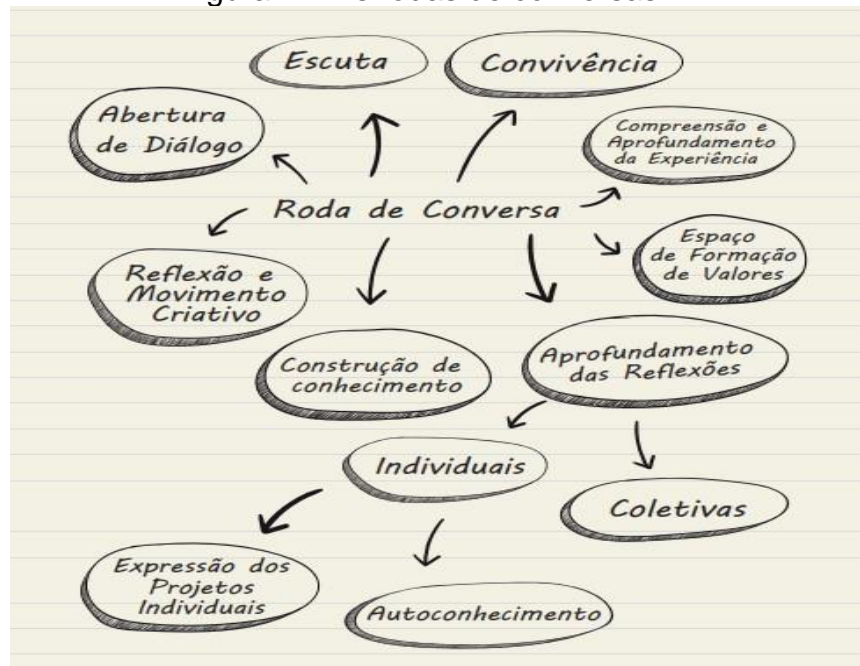
Após um período, montamos um formulário de fácil acesso, com questões de múltipla escolha. Não teve nenhuma pergunta que a resposta fosse dissertativa, porém percebemos que muitos alunos, ao verem o tamanho do formulário, optaram em não responder, uma vez que não era obrigatório. Postamos nos grupos de *WhatsApp* por três vezes, com espaços de 10 dias a cada postagem, sempre com o mesmo texto, explicando o intuito do movimento de pesquisa.

Estudamos os dados obtidos com o formulário, que foram enviados para os alunos responderem via *google forms*, para traçar um perfil da comunidade e principalmente dos autores dessa pesquisa, que será apresentado na esfera aluno, e as perguntas na íntegra estão disponíveis nos anexos.

1.3 AS RODAS DE CONVERSAS

Traçado o perfil, apresentamos aos estudantes as rodas de conversas, que se constituem em ferramenta para coleta de dados, mas que são também formativas. Significa permitir que a história de vida e as opiniões sejam relatadas e transformadas em reflexões.

Figura 2 – As rodas de conversas



Fonte: Silva (2020).

As rodas de conversas, na nossa pesquisa, foram formadas seguindo o critério da livre expressão. Apenas foi feita a pergunta e a voz foi liberada. A voz que fala o que pensa e ouve o que não pensava e reflete acerca do novo na voz do outro aluno, diverge e converge em um consenso. Segundo Silva (2020, p. 45),

Ao se propor a escuta e a reflexão, a abertura ao diálogo, o colocar-se no lugar do outro e fazer das experiências do outro as suas próprias experiências, promove-se a criação de um espaço para formação de valores que permitem a convivência: generosidade, respeito, responsabilidade, colaboração, ética e solidariedade.

As rodas de conversas foram realizadas durante todo o segundo semestre do ano de 2021, após a aplicação dos questionários, pois dessa forma conseguimos ter como base as respostas escritas e confrontar com as faladas nas rodas. Muitas vezes, algumas outras questões surgiam na roda, que não foram expostas nos questionários, talvez por serem perguntas diretas e não terem também as percepções do demais alunos, que pudessem despertar em suas mentes brilhantes outros assuntos, mas que foram apresentados na roda e discutidos.

A socialização falada, para muitos alunos, foi a abertura das portas daqueles corredores. Tinham sua opinião na ponta da língua e foram ouvidos. Houve o debate e muitas vezes chegaram a um consenso entre as divergências apresentadas para a roda.

1.4 CAMINHANDO, CANTANDO E REGISTRANDO AS CANÇÕES

A proposta inicial, que era dar continuidade às rodas de conversa para discutir os dados anotados na primeira conversa e abriremos para novas questões, não pôde ser executada devido à pandemia do Covid-19³, ao distanciamento social e também às medidas de proteção contra a contaminação. Dessa forma, pensamos em montar formulários *on-line* para a “animação” da escola, para que pudessem ser expostas as visões e opiniões sobre a unidade estudada, mas percebemos que a participação desses alunos nas atividades escolares era baixa e poderíamos pecar por estarmos atingindo apenas a um grupo seletivo de alunos com melhores oportunidades de acesso, melhores condições culturais, sociais e econômicas, o que descaracterizaria o intuito da nossa pesquisa.

Mediante tantos encaixes e pedras no caminho, e refletindo como esses alunos poderiam “dar a voz e o tom” no percurso metodológico, resolvemos aguardar, pois a pandemia acabou impedindo a frequência dos educandos na escola presencialmente e os poucos que frequentavam tinham uma assiduidade instável, não tendo uma continuidade. Pudemos evidenciar que essas dinâmicas de adaptação, organização e reorganização dos alunos, da escola, a cada novo ataque do vírus, nada mais foi que uma dinâmica da sala de aula em tempos normais, pois nós, professores, temos que nos reinventar a cada momento para acompanhar o desenvolvimento dessa geração

³ A pandemia ocasionada pelo vírus nominado Covid-19, teve seus primeiros casos na China em 2019 e rapidamente se espalhou pelo mundo em poucos meses, chegando ao Brasil em fevereiro de 2020. O momento foi apavorante, pois pelo desconhecimento da ciência de como combater esse letal e fatal ser invisível aos olhos humanos, foram decretadas, no mundo todo, medidas de segurança para o combate e a prevenção da contaminação, sendo as principais o uso de máscaras, utilização de álcool em gel nas mãos e o distanciamento social.

O governo do Estado de São Paulo, por meio do Decreto 64.862, de 13 de março de 2020, dispôs sobre a adoção de medidas temporárias e emergenciais de prevenção do contágio pelo COVID-19 (novo Coronavírus), bem como recomendações, sendo: a suspensão gradual das atividades escolares no período de 16 a 23 de março 2020. Dessa forma, as escolas foram fechadas, foi criado um ensino remoto e as aulas retornaram bem timidamente em fevereiro de 2021 e novamente teve sua interrupção em março e retomada em maio do mesmo ano. Criou-se um ensino híbrido, presencial e remoto ao mesmo tempo, pois os alunos não puderam estar todos na escola, afastando-os das convivências, gerando defasagens pedagógicas e abandono escolar.

Não podemos citar a pandemia sem falar nas mortes; somente no Brasil foram mais de 600 mil, uns dos principais países no ranking das mortes. A população está sendo vacinada, em meio a um escândalo político de propina ligado à compra de vacinas, a um Presidente que estimula as aglomerações de pessoas e ao não uso de máscaras e a propagação de informações mentirosas. No segundo semestre de 2021, foi indicado a terceira dose, como reforço, a vacinação dos adolescentes e jovens de 12 a 17 anos e, em janeiro de 2022, iniciou-se a vacinação das crianças de 05 a 11 anos.

de estudantes, adaptar as situações imprevistas nas aulas e tentar responder as questões às quais não estávamos preparados para responder.

Achamos uma forma de responder as nossas inquietações: percebemos, em maio de 2021, quando os discentes acanhadamente voltaram para a escola, em uma quantidade reduzida, um público heterogêneo, que nos proporcionou um grande entusiasmo, e fomos pensar, planejar e pôr em prática nossa coleta de dados.

1.5 OS GRUPOS: DAS CRIANÇAS-ADOLESCENTES AOS ADOLESCENTES-JOVENS

Muitas crianças e adolescentes não tiveram o contato com a escola no ensino presencial, devido à pandemia, o que nos preocupou e nos levou a pensar como poderíamos integrar esses educandos na pesquisa, de uma forma que não afetasse o resultado sobre a percepção dos educandos sobre a escola.

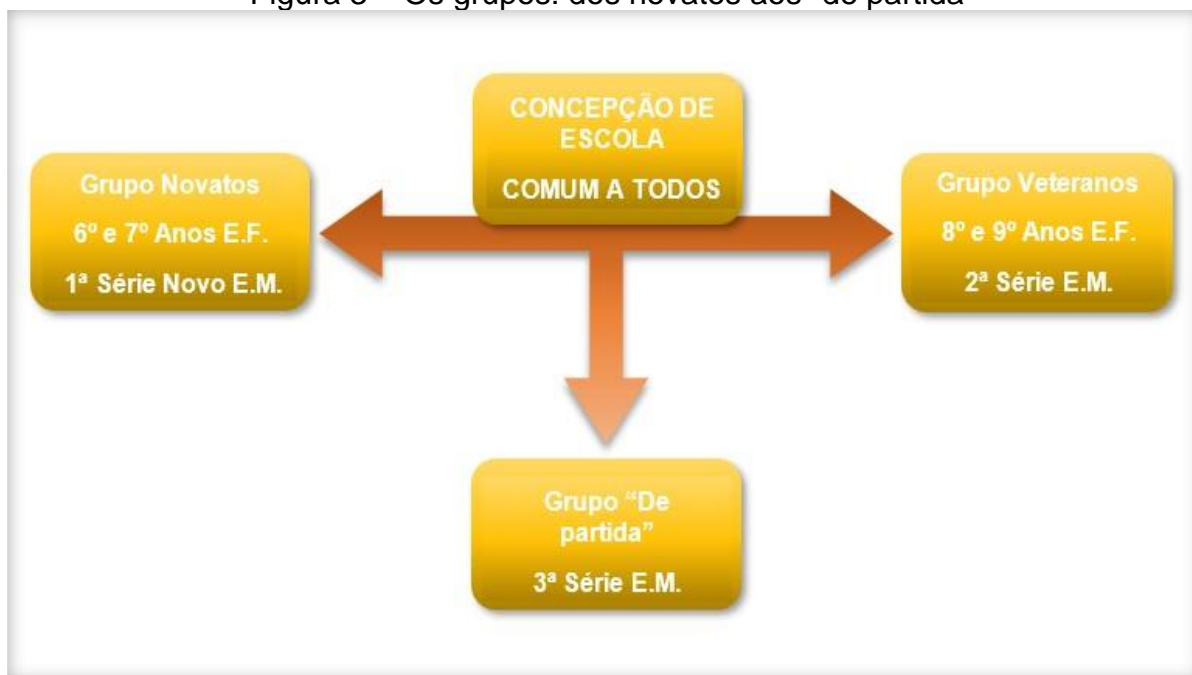
Com o retorno acanhado dos estudantes em 2021, com uma escala de revezamento, para manter o distanciamento em sala de aula, começamos a pensar em como ouvi-los e mantermos as indicações de distanciamento, uso de máscaras e outros protocolos que eram seguidos pela escola.

Separamos os alunos em grupos, por série e ano e criamos um conjunto de perguntas que seriam comuns a todos os educandos e outras específicas para a série ou ano que estivessem cursando.

Em todos os grupos, iniciamos com uma fala, expondo os motivos da pesquisa, a não obrigatoriedade na participação e o sigilo das respostas, para que ficassem mais tranquilos, e combinamos um codinome que cada um escolheu no início da escrita das respostas. Logo após essa fase de perguntas comuns a todos, iniciamos o estudo das respostas de cada grupo, para termos argumentos para levarmos para o segundo momento, com o grupo, que seria a roda de conversa, para expor ou não a sua visão e comentar ou não a visão do outro.

Dividimos os grupos da seguinte forma:

Figura 3 – Os grupos: dos novatos aos "de partida"



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Elaboramos um conjunto de perguntas centrais, em que cada aluno deixou a sua percepção sobre o conceito de escola. Dessa forma, conseguimos compreender o que eles pensam da escola e qual o valor da mesma na sua vida. Todos os alunos que participaram da pesquisa responderam a estas perguntas: Qual a sua concepção de escola? O que deveria aprender na escola? O que você faz no período em que não está na escola? Aproveitamos para colher de todos os alunos um breve conceito da escola pesquisada, de si, do outro e do professor.

Após os alunos passarem por esse primeiro contato com a pesquisa, no qual perguntamos os conceitos deles de escola e outros relacionados à escola pesquisada, fizemos uma divisão dos alunos, seguindo os anos e séries de cada um, que representam o tempo que esses alunos convivem na Escola Gustavo Barroso.

No grupo nomeado de "OS NOVATOS", temos três subdivisões, que são: grupo dos sextos anos do ensino fundamental, grupo dos sétimos anos do ensino fundamental e, por fim, o grupo das primeiras séries do ensino médio. Esse grupo foi nomeado como novatos, pois os alunos dos sextos anos, sétimos anos e primeiras séries do novo ensino médio tiveram um breve contato com a Escola Gustavo Barroso nesse ano de 2021, devido à pandemia do Covid-19, portanto não têm propriedade para avaliar ou perceber várias questões da escola. Porém, perguntamos como estava sendo o contato com a escola nesse período de pandemia. O grupo dos sétimos anos,

mesmo já tendo um ano de vivência, foi incluído nesse grupo, pois seu contato com a escola no presencial, no ano de 2020, foi de apenas 27 dias, tempo insuficiente, o que justifica a permanência nesse grupo.

Fizemos as seguintes perguntas: Como foi seu primeiro contato com a Escola Gustavo Barroso? Quais eram as suas expectativas e como elas se transformaram? Como está sendo a interação com a Escola Gustavo Barroso no período de pandemia?

O grupo dos “VETERANOS: ADOLESCENTES-JOVENS EM TRAJETÓRIA” é formado pelos educandos dos oitavos e nonos anos do ensino fundamental e segundas e terceiras séries do ensino médio, e cada série é uma subdivisão desse grupo. Todavia, as perguntas são as mesmas. Tomamos essa decisão de separar os alunos, pois os mais novos poderiam se sentir constrangidos em falar perante os mais velhos. Esses subgrupos são os responsáveis por caracterizar a Escola Gustavo Barroso, por meio da sua visão pessoal em cada aspecto proposto. Para isso, utilizamos primeiramente a escrita e fizemos as seguintes perguntas: Como você avalia a atuação dos agentes formadores: diretora, vice-diretores, coordenadores, professores, inspetores de alunos, funcionárias da limpeza e cozinha? Qual a sua visão da Escola Gustavo Barroso? Como você avalia a estrutura da Escola Gustavo Barroso? Quais os professores de que mais gostam e as matérias? Qual a diferença da escola de hoje (pandemia) com a escola de ontem (normalidade)?

E, por fim, o grupo “PARADA OU A PARTIDA”, que é exclusivo da terceira série do ensino médio, que tem por objetivo comparar a escola de ontem (anos passados) com a escola de hoje. Buscamos uma avaliação mais crítica desses alunos, que têm tempo, propriedade e vivência com a escola e seus agentes, para essa voz solicitada. Essas vozes são somente as dos jovens adolescentes quase formados, e perguntamos a eles: O que mais ama e o que menos gosta na Escola Gustavo Barroso? O que marcou a sua trajetória na Escola Gustavo Barroso? Qual será a sua trajetória na vida ao término da terceira série? Em que a Escola Gustavo Barroso foi significativa na sua formação para a vida?

As divisões dos grupos, com as suas respectivas perguntas, que foram aplicadas em forma de questionários e em roda de conversas, encontram-se nos anexos. Essas divisões foram necessárias para montarmos os grupos de perguntas

que fossem específicas para cada grupo e para que as percepções dos alunos fossem coesas com a realidade vivida.

2 AS ESCOLAS, A ESCOLA GUSTAVO BARROSO, OS SEUS ESTUDANTES E OS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA

Nesta seção, abordaremos um breve histórico da formação da escola que conhecíamos até o ano de 2020 e como ela se transformou em uma escola híbrida. Apresentaremos as características sociais, econômicas e demográficas do Bairro Jova Rural, o qual abriga a Escola Estadual Gustavo Barroso, e contaremos a sua história, as modalidades de ensino que abriga, os seus professores e funcionários, a sua proposta pedagógica e iniciaremos a exposição das percepções dos alunos sobre a Unidade Escolar e as percepções da comunidade relatada pelas vozes dos discentes. Traçamos um panorama da condição socioeconômica dos estudantes, para os conhecer melhor e as suas condições de vida, e por fim, tendo como base a sociologia, discorreremos sobre o “ser aluno”, as alegrias e tristezas de serem quem são!

2.1 DO MESTRE DE OFÍCIO À ESCOLA HÍBRIDA

Montamos um breve histórico da evolução da escola, no decorrer dos séculos, a começar pelos mestres de ofícios, que eram aqueles aos quais as famílias enviavam os seus filhos para aprenderem a profissão, geralmente de artesões. A escola nem sempre foi da forma que conhecemos atualmente. Ela foi evoluindo juntamente com a proposta de educação, o tempo e o espaço e, na vanguarda, a igreja, sempre na espreita dessa educação. Logo em seguida, partimos para a educação paulista, que foi marcada pelas belas construções que representavam a força do estado paulista e levava o nome de escolas, as escolas monumentos e, na sequência, vinham as escolas de bairro, isoladas, rurais e ambulantes. Várias escolas e um único modelo educacional, que não atendia a todas.

Esse modelo de escola foi perdendo força e dando acesso e permanência a muitos alunos na escola da era moderna e contemporânea, onde o estudante começou a ser visto de uma forma mais humana e as escolas abrem as portas para todos os povos e os acolhem, muitas vezes, não da forma como deveria ser, mas ao seu modo de acolhimento. As crianças com necessidades especiais, a partir de 2012, ganharam um espaço de direito dentro das instituições e vieram para dizer: “estou

aqui e aqui é o meu lugar”. E encerramos falando do modelo híbrido de escola, um modelo forçado, montado para atender as necessidades educacionais em tempos de pandemia (2020-2021).

Conforme Enguita (1889), a escola nem sempre foi uma instituição de aprendizagens e sim a família, por meio dos mestres de ofícios, aos quais as famílias enviavam e que recebiam os filhos para aprenderem o ofício dos mestres artesões. A escrita e leitura ficava em um segundo plano. Após um tempo e em um espaço específico, criaram a instituição escola, destinada ao ensino das crianças, e geralmente essas escolas eram ligadas à Igreja e seguiam seus preceitos. Para Vincent (2001), uma educação opressora que foi se modernizando até a contemporaneidade, na qual a escola é um espaço social, formador de relações, inclusiva, excludente e preparatória para o mundo do trabalho.

Neste breve contexto histórico, abordamos alguns conceitos de escolas conhecidos até meados do século XVIII, no Brasil e no mundo. Lembrando que, no Brasil, tivemos os jesuítas que, por um período, abraçaram a instrução do país. Foram expulsos pela coroa portuguesa, porém a realeza, após um período, chamaria novamente os jesuítas para essa função, entre outras partes da história da educação no Brasil, que podemos encontrar facilmente em pesquisas. Nosso foco é abordar a educação do estado paulista, o qual abriga a escola foco da nossa pesquisa.

O estado paulista institucionalizou sua própria rede de ensino a partir de 1893, regulamentada pela Lei nº 169, de 7 de agosto de 1893, que estabelecia a criação dos grupos escolares no estado de São Paulo, alocadas em prédios monumentais, e com uma arquitetura imponente, com cuidados e requintes tomados durante a sua construção, com fachadas suntuosas, que identificavam e davam a identidade dos grupos escolares que representavam o Estado perante a sociedade e o Brasil. (SOUZA, 1998; FARIA FILHO; VIDAL, 2000; SOUTO, 2005; TEIXEIRA, 2013).

Nesse período, encontrávamos variados modelos de escola, como: escolas isoladas, isoladas rurais, isoladas de bairro, escolas ambulantes, escola preliminares e grupos escolares. Todas seguiam as mesmas instruções para realidades totalmente opostas: isoladas, abandonadas e ausentes.

Aprender se tornou hoje um movimento que se aprende fora e dentro das escolas, pois algumas habilidades, como, por exemplo, os ambientes virtuais, as tecnologias virtuais (de fato, uma era digital), sujeitaram o espaço e tempo a

estabelecer uma renovação da sociedade por meio do conhecimento renovado, a fim de se tornar possível a formação como um objetivo maior que é a experiência com as características escolares, a democratização do acesso, segundo Gimeno Sacristán (2005).

A escola dos sonhos, da realidade ou do inédito viável retrata a percepção de escola que cada sujeito possa ter, pois, por meio de um processo de construção e emancipação da sociedade, podemos definir e caracterizar os espaços aos quais dedicamos uma boa parte das nossas vidas, que é o início da nossa trajetória, que pode contemplar positivamente os nossos sonhos ou não, ou contemplar os sonhos dos outros ou não. Em síntese, uma escola como possibilidades.

Todavia, o acesso e a permanência na escola são primordiais para uma educação efetiva, e o Estado tem que dar meios para todas as crianças, não somente o acesso, mas condições de permanência, a exemplo dos alunos com necessidades especiais, que muitas vezes necessitam de cuidadores, que a discutida Lei⁴ não previu, mas, em 2011, iniciou-se um movimento para a presença de cuidadores e foi concedida pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, garantindo efetivas condições de permanência. A educação é considerada básica desde a educação infantil até o ensino médio e a educação especial e a educação de jovens e adultos também fazem parte dessa educação.

E, já em 2020, deparamo-nos com um modelo de escola híbrida, onde o modelo de escola conhecido teve que renovar as metodologias, abordagens, a gamificação e outras ferramentas digitais para se adaptar à pandemia do novo coronavírus, Covid-19⁵, que trouxe consigo uma necessidade permanente de professores, gestores e comunidade escolar, de colocar o aluno, mais do que nunca, no centro do processo educativo de forma ativa. Nesse período de pandemia, todos tiveram que se reeducar para atender as demandas tecnológicas de um ensino híbrido⁶, um letramento digital

⁴ Resolução SE 68/2017 – Dispõe sobre o atendimento educacional aos alunos público-alvo da Educação Especial na rede estadual de ensino de São Paulo (Estado). Instrução CGEB, de 14-01-2015, que dispõe sobre a escolarização de alunos com deficiência da Rede Estadual de ensino de que trata a Resolução SE nº 61/2014.

⁵ Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus Covid-19 foi descoberto em 31/12/19, após casos registrados na China.

⁶ É uma abordagem pedagógica que envolve momentos/atividades presenciais e a distância. As atividades devem ser complementares, de modo a favorecer o desenvolvimento do estudante, a personalização da aprendizagem e a promoção de sua autonomia.

forçado e urgente, a fim de firmar nosso papel de educador, em meio às resistências pessoais e sociais.

Mesmo sendo um modelo novo, a sua forma escolar seriada, graduada permaneceu e as adaptações foram acerca da organização dos alunos, dos professores e da metodologia, para atender as necessidades educacionais dos educandos. Falamos de uma educação que terá o professor como foco central na escola e nas casas e/ou onde o aluno estiver com os seus recursos tecnológicos, conectados em uma sala virtual de aprendizagem ou presencialmente na escola. Essa abordagem de ensino híbrido e a escola em pandemia e pós-pandemia requerem um estudo mais aprofundado no futuro.

2.2 OS EDUCANDOS DA ESCOLA PÚBLICA: O SUJEITO ALUNO, ESTUDANTE, CRIANÇA, ADOLESCENTE, JOVEM E ADULTO

O sujeito escolar passa a ter uma relevância maior a partir da revolução industrial, liberado do trabalho e institucionalizando a vida de uma infância acolhida, escolarizada por uma questão de controle social das classes mais baixas e consideradas como seres necessitados de crescimento pessoal; primeiramente as crianças e depois os adolescentes e jovens, seguindo uma ordem de prioridade. Contudo, sabemos que essa vida da infância institucionalizada faz parte de uma condição favorável para a indústria, gerando uma mão de obra qualificada e especializada a favor de um capital econômico lucrativo e supostamente acolhedor e fraterno.

Para Gimeno Sacristán (2005), a escolaridade se tornou algo tão comum na nossa sociedade que não conseguimos imaginar um mundo sem o “ser aluno”, sem o rito de passagem naturalizado pelo indivíduo, ocupando uma referência que projetamos, introjetamos e valorizamos. Se a infância e a adolescência são sujeitos mutáveis, devido às suas peculiaridades, contradições e dinamismo, em cada lugar e momento, as pessoas e as formas culturais, não se deve estranhar que os alunos se mostrem diferentes de uma geração passada e evidenciem uma realidade diferente do ser adulto, no educar, nas ideias, nos valores que guiam as relações e cruzam as histórias das sociedades e da cultura. Identificamos que os alunos estão mudando, que o comportamento não é o esperado, porém, estabelecendo laços com os menores nessas complexas relações humanas, compomos uma cultura sobre a educação, que

evolui e se transforma em políticas de comportamentos criadas pelas escolas para a adaptação da evolução do alunado aos tempos contemporâneos e, segundo Freire (2011, p. 86), o educando necessita de liberdade para tomar as suas próprias decisões como parte de seu crescimento e, ainda, segundo ele, “O educando que exercita sua liberdade ficará mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações” (FREIRE, 2011, p. 88).

Portanto, os padrões de comportamento são outorgados e esperamos que os alunos formem relações afetivas e que estabeleçam normas sociais e condutas individuais, dotado de uma certa estabilidade que leve os professores a um modo especial de ver e guiar os estudantes, diante das mudanças dos pupilos, que regem as práticas educativas e constroem uma bagagem dinâmica e peculiar, nas práticas ou formas de tratá-las, dando condições para gerar uma autonomia, como cita Freire (2011, p. 89): “[...] a reinvenção do ser humano no aprendizado da sua autonomia”. A condição de infância ou de ser aluno são duas realidades pessoais e sociais, acumuladas nas práticas sociais em torno de cada uma dessas figuras. Assim, partimos do pressuposto de que a criação da infância, menores ou alunos, é criação da comunidade escolar, partindo de realidades culturais discursivas e práticas, das quais adotamos significados e categorias.

Essas expectativas vão se aperfeiçoando e adquirindo forma de acordo com a acumulação de ideias e características persistentes nos modelos escolares e educacionais, resultando num ser aluno, estudante ou educando, que é a evolução das relações e da concepção da infância em um agir dos adultos, projetando nos menores um outro modelo que é a prática social, a interação de relações significativas acumuladas dos sujeitos e das comunidades. Ser aluno é uma maneira de viver em uma sociedade e dispor dessa condição é uma visão qualitativa, na qual todo pupilo é aluno, mas nem todos os pupilos são alunos. *Educare* significa dirigir e encaminhar, exercido por diferentes agentes, sejam educacionais ou não, guiados pelos mais velhos, naturalmente entre adultos e menor. A figura do menor como aluno é identificada na família, na sociedade, nas contradições diversas repletas de conflitos e de contradições de uma sociedade que está em construção, de uma maneira acentuada, atenuada e singular, como uma classe social diferente e reconhecida.

Ser escolarizado, logo, aluno, estudante e educando, marca uma condição social daqueles que estão traçando seu futuro, uma aceitação com o mundo, com uma

condição de experiências que nem todos terão, no mesmo tempo e nas mesmas condições de igualdades, em um discurso de igualdade que não segue uma linha linear e nem uniforme e nem iguais para todos, repletos de contradições e desigualdades. Nem todos tiveram ou terão as mesmas condições de igualdade e oportunidade, ocasionadas por questões de origem familiar, social, econômica e cultural. Será uma fusão de diferentes representações de subculturas que se representam uma na outra, ambientes de socializações, desde a família até as associações “*corretivas*”.

O saber cultural, projetado pelos educadores, representa uma bagagem cultural de saberes que serão transmitidos aos alunos de uma forma natural e por meio de relações diversas que vão sendo construídas por meio da experiência, carregada de ambiguidades e de conflitos e atitudes que são expressos pelas crianças e pelos jovens. Uma cultura projetada, de conflitos e vigilância, que se mistura com a aceitação de alunos em hospícios, casas de caridade, reformatórios, casas para meninos, que ensinavam as primeiras letras enquanto os pais trabalhavam. Tais misturas explicam por que escola, professores e a experiência em sala de aula é tão contraditória, onde as práticas se fundem às narrativas no processo de disciplinas dos menores, e educá-los prevê uma construção de identidade, uma etapa peculiar do capital humano, a escolarização, o sujeito escolarizado, refinado e disciplinado.

Toda a infância passa pela escola, pelas práticas supostamente educativas, que nós, educadores, fazemos e introduzimos no nosso cotidiano e no do sujeito escolarizado, sem ter uma consciência explícita da ação de nós mesmos como educadores e uma experiência explícita da sua origem. Por exemplo, por que dispomos as crianças em filas para entrar na sala de aula e não fazemos o mesmo para entrar em casa? Essa cultura é uma esfera da vida em diferentes momentos da nossa história, em que a história se repete como uma forma de cultura escolar e o professor, ao ser analisado, está refletindo suas ações como aluno da sua época em uma outra época, momento escolar e forma escolar, uma forma antropológica prévia sobre a educação.

Os laços são relações complexas entre os adultos e os menores para uma suposta proteção com finalidade afetiva de amizade, de instrução, de emancipação e de aproximações positivas na sociedade e na cultura escolar, uma mistura positiva de situações diferentes que coloca o “aluno” como um sujeito a ser amado e ser guiado.

O papel do professor se amplia além do pedagógico; é um prolongamento cultural das relações familiares. É inevitável essa faceta de um mundo reflexivo e de um Estado moderno com uma ação educadora que solicita a ajuda da família, sendo ela o mais primitivo núcleo social de “cuidado” com o menor, e é esse que é entregue em poder do Estado para a sua escolarização, o futuro soldado, produtor, reprodutor e cidadão. Segundo Gimeno Sacristán (2005, p. 12), “O menor é o não-adulto a ser guiado e dominado por seus mais velhos”, um guia “natural” contraditório.

Os atores escolares (em questão, os alunos) vêm se desenvolvendo e estando sujeitos a avanços, fracassos e regras fixadas pelas escolas. Essa condição é avaliada pela determinação que os adultos darão a eles e o seu desempenho está associado a um reconhecimento social, legitimado pelas instituições escolares e dissociados das relações familiares, seus hábitos, valores, conhecimentos e comportamentos. Se a condição da criança ou daquele que estuda não é homogênea, logo temos uma desigualdade de viver a infância em virtude de um capital social e econômico, e essa disparidade deve nos levar a um entendimento, associado com a reflexão, sobre o que significa ser um aluno singular, único e, como cita Gimeno Sacristán (2005), “um subconjunto”.

Ser aluna, menina, estudante, mulher, faz parte desse subconjunto e de um sistema educacional que sempre foi mais visto na sua construção para os homens. As alunas acessavam o sistema educacional mais tardiamente e eram separadas dos meninos, e ser menina significou receber uma educação diferenciada na modernidade, fixando uma desigualdade entre os sexos e reforçando a criação de uma “mãe cuidadora” e, mesmo com o acesso, os níveis educacionais dos homens eram maiores e diferenciados das mulheres.

Dessa forma, o poder disciplinador, e ao mesmo tempo desigual, começou a traçar a opressão dos menores estudantes, tendo como base uma vida social, voltada para a diferenciação dos sexos e a anulação das vontades do sujeito.

2.3 O APRENDER A SER: MENOR OU MAIOR ALUNO

Abordaremos o modelo disciplinador das escolas, levando os estudantes, alunos, educandos a um estado de opressão, tendo como base o modelo de educação disciplinadora dos jesuítas, oprimindo e obrigando a ter um comportamento e conduta

determinada, a modelação da criança estudante, uma ameaça criada pelo mundo dos iguais adultos.

O poder disciplinador foi personificado pela figura do pai, que é aquele que popularmente disciplina e é o soberano absoluto, e o professor se tornou essa “instituição” de controle, disciplinadora e de ordem. Porém, essas regras e ordem tenderão a servir somente a si mesmo, uma obrigação imposta somente para a satisfação de suas necessidades, ou seja, dos espaços fechados, sintetizando um modelo controlador de menores. A disciplina é necessária para a evolução da aprendizagem, porém não pode ser sustentada acima das disciplinas acadêmicas, imprescindíveis para conseguir alcançar as finalidades da educação moderna. Na tradição discursiva, podemos encontrar argumentos a favor de cada modelo disciplinar escolar, inclusive a anulação das vontades dos sujeitos, levando-os por um caminho de *aprender a ser* uma comunidade dedicada totalmente à personificação, afastando-os das experiências da vida e exercendo um controle de acesso, criando um aluno ideal, exemplar e institucionalizado, integrado a um meio escolar dominante, vigilante, passando a fazer parte de uma maquinaria.

O tempo escolar foi suavizando e transformando essa vigilância e alternando com outros tempos de fora da escola, porém não se pode esquecer os novos meios de vigilância que parecem agradáveis, sedutores e bons, gerando um novo conceito de vigilância complacente, invisível e sugestivo. Segundo Gimeno Sacristán (2005, p. 136), “O meio escolar é uma creche que ‘interna’ o aluno, separando-o dos adultos para discipliná-lo”.

A palavra *alumnus* vem do verbo latino *alere*, que significa alimentar. O aluno será alguém que será alimentado de saberes por um adulto, tornando-se um sujeito beneficiário de nutrição e bons modelos que definem o benfeitor. É candidato a ser transformado, sendo educado.

Utilizar o espaço e o tempo escolar sempre foi uma tarefa conhecida, de forma a desenvolver a atividade dos alunos de aprender, de levar uma vida social e se relacionar com o mundo dos mais velhos. Esse meio institucionalizado chamado de escola, na sua invenção, foi pensado para satisfazer as necessidades dos alunos menores, seguindo uma lógica econômica, de interesses do Estado, separando do ambiente familiar e do resto da sociedade, para serem dirigidos por alguns guias exemplares, aparentemente como referência prioritária às crianças e jovens, mas,

como cita Gimeno Sacristán (2005), a lógica das finalidades da escola não tem essa referência.

Aos olhos dos adultos, as crianças são inicialmente alunos que demandam uma escolarização, que não deixarão de provocar conflitos e criar contradições, em busca de reconhecimento de uma personalidade pessoal que se diferencia dos adultos, constituindo uma nova representação mental. E a escola, em contrapartida, sempre exigirá desse aluno um comportamento determinado, com valores que nem sempre são compatíveis com a sua imagem ou com a sua identidade psicológica. O desafio da pedagogia e das políticas de comportamento está em eliminar os efeitos reais das suas práticas e assumir explicitamente esses conflitos, tornando-os compatíveis com o ideal e a realidade, não indo contra a natureza psíquica do “ser aluno”, mas, sim, sendo justa, colaboradora e nunca esquecendo dos fins educacionais, para acolher a criança ou jovem novo. Isso significa que teremos várias possibilidades de ser aluno de diferentes maneiras dentro das instituições escolares, e algumas problemáticas são apontadas por Gimeno Sacristán (2005, p. 203):

Será que é possível reunir em um ambiente acolhedor, o afeto das relações pedagógicas protetores do desenvolvimento humano (que dê segurança e favoreça a expansão e expressão da personalidade), o prazer de aprender, a formação humana que tem como base a cultura que redime da ignorância e cultiva o ser humano, e conseguir, além disso, que tal escolaridade seja útil do ponto de vista social para formar cidadãos e trabalhadores eficientes?

As margens de tolerância e de possibilidades de cada sujeito permitem a individualização de uma expressão pessoal, que pode levar a uma negociação natural ou não. Dessa forma, surgem os mecanismos de condutas, que são criados por adultos, gerando uma política de normas e condutas a serem seguidas, impossibilitando alguns estilos de vida dentro dos espaços escolares, sem que isso gere uma exclusão, ocultação ou um mascaramento institucionalizado. O fato dessa instituição ser ou não ser um espaço aceito pelos alunos vai depender de como a adequação do bem-estar possa garantir que os estudantes sejam eles mesmos, sem vergonha, sem marginalização, sem opressão, apenas uma possibilidade social saudável formada e de libertação.

Nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou narrar, ou de transferir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”⁷, mas um ato cognoscente. (FREIRE, 2013, p. 94).

⁷ “A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem

Contrário ao ato cognoscente explorado por Paulo Freire, o modelo disciplinador criado pelos jesuítas no século XVI, o *Ratio Studiorum*⁸, propôs evangelizar, incorporando uma conversão da mensagem jesuítica à ordem do exército, com a tradição de arrebanhamento dos fiéis, em um controle de ordem pedagógica do aluno com um sistema de ordem moral, uma mistura de obediência sobre o corpo, o espírito e a aprendizagem. O aluno, como sujeito súdito, tem que renunciar a si próprio em prol de uma submissão a Deus, uma modelação da alma da criança, entre castigo e recompensa; e essas lições disciplinadoras, mais tarde, serviram de fundamento para a classe operária. As escolas foram tidas pelos alunos como o terror, citado por Comenio (1986, p. 84):

Para educar a juventude se seguiu, geralmente um método tão rigoroso que as escolas foram vulgarmente tidas como o terror dos garotos e a destruidora dos talentos, e a maior parte dos discípulos, tomando horror às letras e aos livros, se apressaram em recorrer às oficinas dos artesãos ou a buscar qualquer outro tipo de vida.

O discurso voltado para o sujeito é uma prática das propostas inovadoras da educação, na pretensão de formar um sujeito autônomo, livre e responsável, reconhecendo seus direitos e deveres, como cita Vaneigem (2001), que é preciso criar um mundo (escola) onde seja permitido maravilhar-se, acompanhado de uma crença de que a cultura é libertadora e atraente e a educação transformada em um capital humano. Por um lado, os sujeitos que gostariam de fazer desse ambiente de trocas um meio adaptado às suas necessidades; por outro, as possibilidades de se relacionar com seus pares, uma vez que ocupam esse espaço por um bom tempo em uma parte da sua vida, porém são ameaçados pelo próprio mundo criado pelos iguais. Tornar possível esses dois planos entre os sujeitos não é uma tarefa fácil. Será um desafio contra a resistência, rejeição, a ser superado de uma forma leve, suave e generalizada.

As principais políticas de desempenho e de comportamento estão focadas no bom aluno, gerando uma gama de exclusão das performances e beneficiando apenas uma produção do discurso do bom aluno⁹, do bom estudante, bom educando, por

'enchidos' pelo educador. Quanto mais vá 'enchendo' os recipientes com seis 'depósitos', tanto melhor educador será." (FREIRE, 2013, p. 80).

⁸ A *Ratio Studiorum* era um conjunto de regras para realizar uma missão tão importante. Foi publicada em 1586 e entrou em vigor em 1599 em todos os colégios da Companhia de Jesus.

⁹ Dentro do discurso do "bom aluno", noções de ter a atitude certa manifestada no comportamento em sala de aula e hábitos de trabalho dentro e fora da escola, juntamente a um elevado nível de motivação, são postulados como sendo fundamentais para o sucesso acadêmico.

meio de uma incorporação e crença política que sugere uma motivação para os demais. Mas será que os sinais verbais e visuais, como o quadro do melhor aluno da sala, da escola etc., sugere alguma motivação ou apenas fixa a total e melhor *performance*? Dubet (2008, p. 31) diz que todas as diferenças escolares refletem claramente as diferenças sociais e fala também das igualdades sutis de oportunidades desse sujeito. Segundo ele,

A igualdade das oportunidades não produz, portanto, a igualdade dos resultados. Ainda que essa constatação seja desencorajadora, é melhor considerá-la um fato. Aliás, elas nos levam a pensar que, sozinha, a escola não pode criar a igualdade das oportunidades e, sobretudo, que a redução das desigualdades sociais permanece o meio mais seguro de criar a igualdade das oportunidades escolares [...] desde então são os próprios mecanismos escolares, as notas e as decisões de orientação que fazem o “trabalho sujo”. (DUBET, 2008, p. 31-32).

Uma ambiguidade afeta o papel do aluno da escola, pois as instituições, muitas vezes, exigem múltiplos papéis dos alunos e professores e os deixam com uma incerteza sobre qual a função social da escola na formação ou no ensino desse sujeito em processo de escolarização. Uma instituição total que forma para a vida ou uma escola que ensina para a vida? Há uma contradição na formação desse menor. A escola não é a única responsável pela formação e ensino desse sujeito; é um composto de instituições: escola, família e sociedade, uma ordem compartilhada entre nós, como citado por Gimeno Sacristán (2005, p. 202):

Essa pulsão moral é um horizonte que nos impõe o dever de aceitar todo aluno como um “sujeito que pode ser melhorado” e que deve melhorar a partir de onde cada um se encontra, pois, se não for assim, não teria sentido enquanto prerrogativa universal dos indivíduos.

A relação que se instaura no aprender na escola compete ao interesse do aluno. Para tanto, esse espaço deve ser interessante e é uma condição subjetiva do sujeito para o seu desenvolvimento cultural, pessoal e intelectual. Tudo precisa ter um grau de interesse para que possam ter a experiência de estar em uma sala de aula, formada pelos adultos e atraente aos aprendizes, desejando aprender. O ensino pode ser uma arte para os estudantes, com o objetivo de estabelecer e criar conexões para possibilitar que a educação os leve ao progresso, enriqueçam de uma forma apropriada a cada possibilidade.

Os adultos não podem ficar surpresos com as atitudes dos alunos ou os comparar com a sua infância, pois foi em um tempo e espaço diferentes do atual e houve transformações significativas na sociedade e essas são notáveis em um mundo transformado pela necessidade de uma vida mais segura. Fora da escola podem se

interessar a ter acesso a uma infinidade de temas sem fronteiras e ter assegurada sua vida nas sociedades e condições de criar sua própria imagem perante os experientes adultos, sendo reconhecido como singular pela sua própria cultura. Dessa forma, a instituição alcançou um equilíbrio entre as renúncias de um sujeito que passou pelo processo de escolarização e a satisfação de obter um papel de aprendiz em um projeto de vida que virá, adaptado ao *ethos* da escola e da sociedade. Recomenda-se que a preocupação central seja a obtenção de prazer dos estudantes, dessa forma transformando a sala de aula em um espaço, como diz Gimeno Sacristán (2005), de fruição e não de sofrimento.

Sendo o aluno um sujeito que sempre foi visto como um ser a ser domado, em um espaço determinado pelos adultos, voltado para transformar essas crianças em crianças adultas, vemos uma disciplina opressora, onde os religiosos tiveram uma contribuição considerável na formação desse formato que até atualmente vemos presente no dia a dia das escolas. Faz-se necessário utilizar o espaço e o tempo escolar para desenvolver uma vida social que seja agradável e relacionada ao mundo social, levando esses aprendizes a aprender e compreender o processo de ensino, aprendizagem e principalmente de fruição.

2.4 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, ECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS DO BAIRRO JOVA RURAL

Antes da sua criação, o bairro Jova Rural era uma fazenda que, após a morte de seu proprietário, foi doada à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Com isso, iniciou-se um movimento de reivindicação de moradias por meio de invasões. O Estado, preocupado com esse movimento, deu início a um projeto de moradias populares (CDHU). Dessa forma, foi criado um bairro planejado e, ao mesmo tempo, construído escolas, postos de serviços básicos, dando condições para que várias ações sociais ganhassem força no auxílio aos moradores. O espaço de manancial, na década de 1990, foi invadido, dando início a uma comunidade que atualmente tem seus direitos garantidos, com a posse da ocupação, água, luz e saneamento básico, bem como ruas asfaltadas e iluminadas.

As informações históricas do bairro foram encontradas nos Projetos Político-Pedagógicos mais antigos da década de 1990, com informações atualizadas do último PPP, que é de 2012, do Plano Gestão de 2020 e do Serviço de Informação ao Contribuinte da subprefeitura Jaçanã/Tremembé.

Para a prefeitura, antigamente, oficialmente, não era um bairro, mas foi tratado como tal. Não é o primeiro caso e nem será o último. O Jova Rural na Zona Norte da capital paulista tem uma história escrita num contexto de luta por melhores condições de vida do povo. Nos primeiros anos da década de 1980, após o fim da ditadura militar, moradores carentes da periferia paulistana iniciaram um movimento reivindicatório que deu forma ao mais forte grupo de pressão, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Um movimento barulhento que assustava até mesmo os governos legalmente eleitos, tanto do Estado quanto da Prefeitura. A ação do movimento obteve vitórias importantes na Zona Leste da capital e em outros pontos, o que levou os governos a buscar uma saída rápida à desburocratização para a construção de casas populares.

No caso da área em que atualmente está a Jova Rural, o MTST comandou uma ruidosa ocupação em parte de uma grande fazenda no extremo da Zona Norte. A área pertencia a ingleses e foi posteriormente passada para a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Parte da gleba foi desapropriada pelo Estado por meio da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU). Ali foi construído um imenso conjunto habitacional que recebeu o mesmo nome da parte desapropriada. Pouco tempo depois, a prefeitura construiu outro conjunto.

Vale lembrar que, a partir dessas ações do MTST, diversos terrenos na capital foram ocupados, uma vez que, de acordo com os critérios do movimento, tratava-se de áreas “desocupadas ou improdutivas, destinadas à especulação imobiliária”.

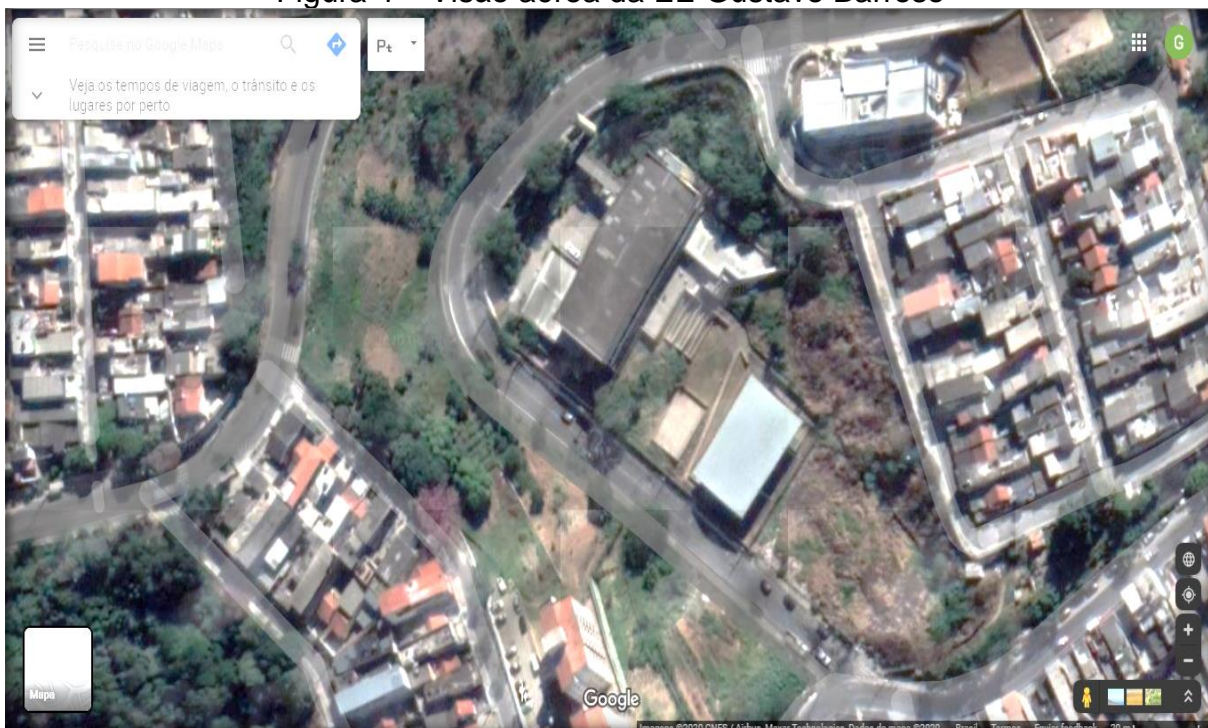
Em função da precariedade de acesso e da ausência de serviços públicos, as moradoras do recente bairro criaram a Associação de Mulheres e Amigas do Jova Rural, em 1994. Mais uma vez, o movimento popular se manifestou. Um grito de socorro das mulheres do Jova sensibilizou o governo do estado e, em maio de 2001, a Secretaria da Justiça e Cidadania instalou o programa Coordenadoria de Integração e Cidadania (CIC).

Assim, os moradores do Jova e seus vizinhos passaram a ter à disposição orientação jurídica e social gratuitas; emissão de documentos; atendimentos no

Juizado de Pequenas Causas, na CDHU, na Enel e no Procon; um posto de Polícia Comunitária, integrado pela Polícia Civil e Militar; além de atividades culturais monitoradas nos fins de semana, de modo a proporcionar aos moradores do Jova a garantia de seus direitos e a efetiva oportunidade de acesso à justiça.

“Jova” – o nome estranho do bairro –, na língua da civilização maia, que habitou o México muito antes da chegada dos espanhóis à América, significa “casa” ou “moradia”. Coincidência ou não, uma grande montadora mexicana desenvolveu um utilitário que recebeu o nome de Jova. É bom não esquecer que Jova é também um sobrenome de família inglesa. Por outro lado, Jova pode ter vindo do Jeová, um dos nomes de Deus na tradição judaico-cristã. Pode-se também ir até a mitologia: Jove é um dos nomes pelos quais o pai dos deuses e dos homens, o Deus Júpiter (pelos romanos) ou Zeus (pelos gregos), era conhecido.

Figura 4 – Visão aérea da EE Gustavo Barroso



Fonte: Google Maps.

Bairro localizado na Zona Norte de São Paulo entre os bairros de Vila Nova Galvão, Vila Nilo, Jaçanã e Jardim Filhos da Terra, tendo uma grande área invadida pela população que, após anos, obteve a posse dos terrenos, sendo contemplado com o serviço regularizado de água, esgoto e energia elétrica. As ruas, que anteriormente eram de terra, foram asfaltadas e ganharam iluminação pública, porém ainda existem

construções precárias no bairro, “barracos” de madeira, em áreas invadidas, que apontam condições precárias de vida.

Figura 5 – Jova Rural em 1993 e início da construção da EE Gustavo Barroso



Fonte: Arquivo fotográfico da EE Gustavo Barroso.

A expansão demográfica do bairro, continua em processo de crescimento¹⁰ (SÃO PAULO, 2020, p. 27). Houve construções de prédios de apartamentos e casas. O nível socioeconômico da população do bairro é baixo e tem muitas instituições que fazem auxílio social para as crianças, jovens, mulheres e idosos do bairro, com o intuito de proporcionar um bem-estar social, sendo elas: Associação de mulheres, que tem como intuito a ação social, com a entrega de leite e orientação para as famílias, além de oficinas de artesanato; Centro para Criança e Adolescente (CAA), que tem como objetivo a proteção da criança e do adolescente, desenvolvendo o protagonismo e a cidadania, mediante o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, sendo atendidos de segunda

¹⁰ No segundo semestre de 2021, iniciou-se outro movimento de ocupação dos terrenos sem construções, que pode ser acompanhada de perto, com os episódios lá do passado se repetindo. As ocupações, no entorno da Unidade Escolar, de barracos de madeira começaram em um final de semana e, em cerca de 7 dias, a nova comunidade estava instalada, com condições precárias de vida, sem saneamento básico, com ligações irregulares de água e luz.

a sexta-feira por um período de quatro horas; Base de Polícia Comunitária, que presta serviços assistenciais, como segunda via de documentos, Procon, assistência jurídica etc.; Fábrica de Cultura, promovendo a inserção da população no mundo das Artes; e outras instituições e pessoas, que trabalham o social para afastar as crianças e adolescentes do mundo das drogas. Essas pessoas têm um reconhecimento pela comunidade local e os discursos têm uma grande repercussão.

O bairro é atendido por linhas de ônibus e o acesso à Estação de Metrô Tucuruvi é fácil e rápido. O serviço de saúde é bem atuante: no bairro, por meio da Unidade Básica de Saúde (UBS) Jova Rural; no bairro vizinho, Vila Nova Galvão, pelo Ambulatório Médico de Atendimento (AMA); e no Jaçanã, pelo Hospital São Luiz Gonzaga. E não dá para esquecer (no Jaçanã) do famoso e extinto trem que passava nas imediações: “trem das onze”.

Existem no bairro mais duas escolas de ensino fundamental anos iniciais (Escola Estadual Professor Nelson Gomes Caetano e Escola Estadual Felício Tonetti) e duas de ensino infantil. sendo uma EMEI (Escola Municipal de Ensino Infantil Professor Celso de Sousa Oliveira) e uma CEI (Centro de Ensino Infantil Indir Jova Rural).

A escola passou a ser uma instituição pública de atendimento educacional e social. Uma boa parte da comunidade escolar tem apenas os momentos de lazer proporcionados pela escola, devido ao baixo nível econômico dos moradores. A diversidade de gênero no espaço escolar é bem aceita, bem como a socialização com os alunos portadores de necessidades especiais, não havendo atos de discriminação e preconceitos. Os atos de vandalismo e violência são praticamente nulos e o ponto de maior atenção são as relações interpessoais entre professores e alunos.

2.5 A ESCOLA ESTADUAL GUSTAVO BARROSO

Nesse item, temos como objetivo contextualizar a história da Escola Estadual Gustavo Barroso, a sua proposta pedagógica, bem como a sua organização estrutural e de funcionários, que se confunde ou não se separa do movimento de ocupação da

área e suas características sociais, econômicas, demográficas e o processo de constituição do bairro.

A Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Gustavo Barroso, no Jardim Brasil, foi inaugurada em agosto de 1978, na gestão do Governador Paulo Egydio Martins. Era então Secretário de Estado da Educação o Sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira; Presidente da Conesp, Gilberto N. Bueno; e prefeito de São Paulo, Olavo Egydio Setubal. Exordialmente, foi inaugurada com o nome de Gustavo Barroso; posteriormente, através de uma campanha para homenagear a diretora que muito fez pela escola, foi criada pelo Decreto Lei nº 963/77, Lei nº 7.635/91, Res SE artigo 1º, publicado no DOE de 09/03/1994, a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professora Veridiana Camacho Correia, e a denominação antiga (Gustavo Barroso), por meio da Lei nº 7.635, de 11 de dezembro de 1991, foi transferida para a recém-criada EEPG Conjunto Habitacional Jova Rural, passando esta a se chamar EEPG Gustavo Barroso¹¹ (Fonte: Diretoria de Ensino Norte 2).

Leva o nome de Gustavo Barroso, romancista, cientista, folclorista, jornalista, político, orador, conferencista e historiador, filho de Antônio Filino Barroso e Ana Dodt Barroso, que nasceu em Fortaleza, Ceará, em 29 de dezembro de 1886 e faleceu em 3 de dezembro de 1959.

Inicialmente, a Escola Conjunto Habitacional Jova Rural funcionava em um (popularmente chamado) “barracão”, onde as instalações provisórias eram de madeira, enquanto uma nova escola no terreno acima foi construída. Foram longos anos de construção e os alunos, professores e funcionários acompanharam todo o processo.

¹¹ Criada pela Resolução SE nº 171, publicado em DOE de 10/08/1991, cria a EEPG “Conjunto Habitacional Jova Rural” que inicia suas atividades no dia da sua criação oficialmente. Em 12 de Dezembro de 1991, pela Lei nº 7635 de 11 de dezembro de 1991, passou a denominar-se Escola Estadual de Primeiro Grau Gustavo Barroso e por meio do inciso III do artigo 7º da Deliberação CEE 29/82 e Resolução SE 39/96, altera o nome da Unidade Escolar para EEPG “Gustavo Barroso”. O Parecer CEE 67/98, de 18/03/1998 em Normas Regimentais Básicas para as Escolas Estaduais, Artigo 1º, §1º, publicado em DOE de 21/03/1998, passa a denominar as UEs como Escolas Estaduais, acrescidas do nome de seu patrono, sendo esta denominada como EE Gustavo Barroso.

Figura 6 – O Barracão: EEPSPG Gustavo Barroso (1992)



Fonte – Arquivo fotográfico da EE Gustavo Barroso.

Na atualidade, a Escola Estadual Gustavo Barroso é formada por três grandes blocos, sendo um principal, que contempla 17 salas de aulas, sala dos professores, sala de leitura, sala de vídeo, sala de informática, banheiros masculino e feminino, para funcionários e alunos, mediação escolar, coordenação pedagógica, vice-direção, direção, secretaria, elevador; no térreo, pátio com uma porção coberta, refeitório e cozinha. No segundo bloco, temos sanitários adaptados, trocador, laboratório, arquivo morto, três salas de apoio pedagógico, sala de atendimento pedagógico especializado (SAPE) e uma sala do extinto Centro de Línguas (CEL). No terceiro bloco, temos os sanitários masculino e feminino, sala de artes, sala do grêmio estudantil, sala de apoio e zeladoria. Na parte externa, duas quadras, sendo uma coberta. Os blocos são ligados pelo pátio e estão localizados no térreo.

Todas as entradas possuem adaptação para atendimento a alunos e comunidade com dificuldades de mobilidade, bem como a locomoção pela escola é feita por meio de rampas e elevador e é cercada por uma grande área verde que está em processo de reflorestamento.

A Unidade Escolar atendia anteriormente a todas as modalidades de ensino, porém após a reorganização do ensino, no ano de 1996, a escola passou a atender apenas o ensino fundamental anos finais, ensino médio, educação de jovens e adultos (EJA) e, a partir de 2013, a criação da sala de atendimento pedagógico especializado

(SAPE). As modalidades de ensino estão distribuídas no período matutino, vespertino e noturno, tendo, no ano de 2021, 1.449 alunos matriculados.

Tabela 3 – Número de turmas e quantidade de alunos por modalidade de ensino

Ensino Fundamental Anos Finais	Ensino Médio	Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio	Sala de Atendimento Pedagógico Especializado (SAPE)
6º, 7º, 8º e 9º anos	1ª, 2ª e 3ª séries	1º TM, 2º TM e 3º TM	Turmas mistas
17 turmas	19 turmas	5 turmas	6 turmas
594 alunos	692 alunos	143 alunos	20 alunos

Fonte: Plano Gestão da EE Gustavo Barroso (SÃO PAULO, 2021).

Como se pode observar, na tabela acima, a escola possui quatro modalidades de ensino, distribuídas nos três turnos e um número significativo de alunos, que estão alocados da seguinte forma: no período matutino, temos o novo ensino médio, com nove primeiros anos, ensino médio com cinco segundos anos e três terceiros anos, e o atendimento da educação especial. Já no período vespertino, temos todo o ensino fundamental anos finais, sendo cinco sextos anos, quatro sétimos anos, quatro oitavos anos e quatro nonos anos, além do atendimento especializado da educação especial. O ensino noturno contém o ensino médio regular, com um segundo ano e um terceiro ano, e a modalidade da educação de jovens e adultos, com um primeiro ano, dois segundos anos e um terceiro ano.

Portanto, temos uma escola que atende a tantas modalidades diferentes, que acaba tendo uma perda pedagógica considerável, pois os coordenadores pedagógicos e toda a equipe gestora tem que se desdobrar para atender as demandas, a exemplo do ensino médio e do novo ensino médio¹², onde temos a mesma modalidade de ensino, porém com conduções diferentes e, logo no período vespertino, uma escola viva, com o ensino fundamental anos finais, com problemas e demandas distintas do período matutino, e no noturno o ensino médio e a EJA, que são opostas na faixa etária de idade e de ensino também. Em síntese, uma escola que atende a várias modalidades, porém encontra dificuldades em ter um atendimento assertivo devido a sua diversidade. E não posso esquecer da educação especial que transita no período diurno, mais um desafio encarado pelos professores especialistas, professores regulares e equipe gestora.

¹² O Novo Ensino Médio, através da Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ampliou o tempo que o aluno ficará na escola, que antes era de 800 horas, para 1.000 horas anuais até 2022 e tornou mais flexível a organização curricular, que contemple a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a integração das disciplinas em quatro grandes áreas do conhecimento, e o estudante poderá escolher uma para ser seu foco de aprendizagem.

A escola conta com muitos professores, agentes de organização escolar, uma equipe gestora e uma gerente de organização escolar, empresas terceirizadas de serviços e as mães da educação. Segue abaixo o quadro indicativo de todos que compõem a comunidade escolar.

Quadro 2 – Indicativo dos professores e funcionários da Unidade Escolar

	Efetivos	Designados	Designados em outra Unidade	Artigo 22	Estáveis	Readaptados	Contratados	Terceirizados
Diretor	1	-	-	-	-	-	-	-
Vice-diretor	-	3	-	-	-	-	-	-
Professor Coordenador Pedagógico	-	2	-	-	-	-	-	-
Professor Coordenador de Área de Apoio ao Currículo	-	1	-	-	-	-	-	-
Professor Orientador de Convivência	-	1	-	-	-	-	-	-
Professor de Apoio à Tecnologia	-	3	-	-	-	-	-	-
Professores	59	2	2	-	-	3	27	-
Agentes de Organização Escolar	09	-	1	-	-	-	-	-
Funcionárias Terceirizadas da Limpeza	-	-	-	-	-	-	-	4
Funcionárias Terceirizadas da Cozinha	-	-	-	-	-	-	-	2
Mães da Ação do Bolsa do Povo Educação ¹³	-	-	-	-	-	-	5	-

Fonte: Plano Gestão da EE Gustavo Barroso (SÃO PAULO, 2021).

¹³ O Programa Bolsa do Povo Educação tem como principal objetivo auxiliar as famílias a superar os desafios educacionais e financeiros provocados pela pandemia e ampliar o envolvimento de toda a comunidade escolar, reforçando vínculos entre alunos, professores e servidores da **Educação** e gerando novos postos de ocupação. A Lei nº 17.372, de 26/05/2021, cria o Programa Bolsa do Povo e dá outras providências; o Decreto nº 65.868, de 16/07/2021, altera o Decreto nº 65.812, de 23 de junho de 2021, que regulamenta o Programa Bolsa do Povo, criado pela Lei nº 17.372, de 26 de maio de 2021, e dá providências correlatas; a Resolução Seduc 66, de 29/07/2021, altera dispositivos da Resolução SEDUC nº 62, de 20 de julho de 2021, que regulamenta o Decreto nº 65.812, de 23 de junho de 2021, alterado pelo Decreto nº 65.868, de 16 de julho de 2021, que regulamenta o Programa Bolsa do Povo, instituído pela Lei 17.372, de 26 de maio de 2021, no âmbito da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, e dá providências correlatas.

A Unidade Escolar possui um número considerável de professores efetivos. O quadro contempla a atribuição de praticamente todas as aulas da Unidade Escolar, porém temos professores que estão designados em outras funções, como a de vice-diretor, professor coordenador pedagógico, professor orientador de convivência, professor de apoio à tecnologia e outros em funções na Diretoria de Ensino Norte 2.

Todavia, o número grande de professores efetivos tem um lado positivo, com relação à atribuição de aulas, porém alguns negativos também ligados a professores efetivos que simplesmente não cumprem com as funções às quais foram designados, entre elas a de ir lecionar, e, devido à morosidade dos processos da Secretaria da Educação, esses docentes acabam tendo a mesma prática ano após ano; além da defasagem de conteúdo de alguns professores, que foram identificadas nas falas dos alunos, do comodismo de alguns contratados que, quando se tornaram efetivos via concurso público, mudaram do vinho para a água – é isso mesmo, do vinho para a água. Quando o professor efetivo é bom, é um ganho para a Unidade, pois a permanência daquele docente é certa e a construção de um trabalho efetivo com os pupilos também; agora, quando não, a construção pedagógica vai criando lacunas que não são sanadas durante o ensino básico dos estudantes; literalmente, é uma “tragédia”.

Os professores readaptados são aqueles que, por motivos de saúde, não podem mais exercer a profissão de professor em sala de aula; dessa forma, são destinados ao apoio à coordenação pedagógica e administrativa. Os professores removidos pelo artigo 22 são temporários e ficam na escola durante o ano letivo; ao término, retornam para a sua sede de origem, e os professores contratados, na sua grande maioria, estão substituindo os professores efetivos designados e afastados, e sua permanência é temporária. Os professores coordenadores, mediador, de apoio à tecnologia estão a serviço do pedagógico e os vice-diretores e a direção nas demandas administrativas e pedagógicas.

Os agentes de organização escolar são todos efetivos e estão distribuídos no atendimento dos três turnos da Unidade, sendo que um deles se encontra afastado para o apoio ao Cartório Eleitoral. Existem ainda duas empresas terceirizadas que atendem a escola, na manutenção da limpeza, com quatro funcionárias, e na alimentação, com duas funcionárias.

2.5.1 A proposta pedagógica da EE Gustavo Barroso

Conforme a proposta pedagógica da EE Gustavo Barroso, de 2021, a escola busca atender as competências e habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes e leva em consideração sua formação na perspectiva do desenvolvimento humano. Para tanto, faz-se necessária uma formação humanizada para reverberar ações positivas e compreender a escola como um espaço de referência e acolhimento.

Possui como objetivos: pensar na finalidade da instituição de ensino com objetivo de organizar e direcionar o desenvolvimento dos alunos e de sua capacidade de interpretar, pensar criticamente as realidades, tendo como vista a sua transformação; auxiliar o aluno na inserção no mundo das relações simbólicas, de forma a construir e usufruir conhecimentos, bens, valores e culturas; formar o aluno em direção à consciência e à prática da cidadania; avaliar o clima das relações entre adultos e alunos e a integração destes no universo escolar; valorizar o patrimônio sociocultural, bem como aspectos sociais contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais, e perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do espaço educador. (SÃO PAULO, 2021, p. 27).

Desde a sua criação, a escola enfrenta inúmeros desafios em busca de uma identidade pedagógica de qualidade, que contemple uma melhoria nos índices educacionais e no atendimento das Diretrizes da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Abaixo, apresentamos uma tabela que contempla os resultados e metas atingidos desde 2007.

Tabela 4 – Metas e resultados do Idesp de 2007 a 2019

Série	9º ANO DO EF			3ª SÉRIE DO EM		
ANO	Meta a ser ALCANÇADA	Idesp ATINGIDO	Desempenho no SARESP	Meta a ser ALCANÇADA	Idesp ATINGIDO	Desempenho no SARESP
2007	-	1,53	2,10	-	0,68	1,24
2008	1,65	1,75	2,17	0,75	0,72	1,25
2009	1,88	1,67	1,67	0,80	1,32	1,98

2010	1,81	1,84	1,86	1,43	1,20	1,23
2011	2,02	1,68	1,77	1,36	1,08	1,21
2012	1,87	1,48	1,79	1,24	0,73	1,02
2013	1,61	1,66	1,71	0,82	0,59	0,68
2014	1,83	1,73	1,83	0,69	0,85	1,00
2015	1,91	2,23	2,27	0,97	1,43	1,57
2016	2,43	1,93	1,68	1,58	1,54	2,01
2017	2,16	2,47	2,48	1,72	1,81	1,85
2018	2,71	2,74	2,78	2,00	1,95	2,01
2019	3,00	2,55	2,61	2,16	1,42	1,46

Fonte: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Acesso em: 7 mar. 2021.

Nota-se, pela tabela, que apenas em alguns anos a Unidade Escolar atingiu as metas do IDESP, porém quando analisamos o desempenho dos alunos, que é o resultado somente do resultado da avaliação (SARESP), percebemos que essa nota é maior em todos os anos, tanto no ensino fundamental anos finais (exceto o ano de 2016) como no ensino médio. Os números negativos se dão, quando nos cálculos incluem o fluxo da escola, que contempla os alunos retidos e os que abandonaram os estudos, que são em torno de menos de 5%; dessa forma, desconsiderando o excelente desempenho dos 95% que obtiveram êxito nas avaliações.

Atualmente, a EE Gustavo Barroso segue enfrentando desafios em busca da mudança de sua identidade antiga, manchada por condutas inadequadas de alunos e que, na atualidade, não está mais manchada para os que convivem nesse espaço. No entanto, para a comunidade, ainda persiste essa visão negativa, mesmo após um trabalho de 13 anos de desconstrução dessa imagem e de construção de uma nova identidade que está em constante movimento por todos os segmentos da escola na instauração de uma instituição que contribua significativamente na formação dos sujeitos. E se espera que haja uma transformação educacional e social, com a ajuda das demais instituições envolvidas no processo, que possa contribuir para uma formação integral do aluno.

2.5.2 Como foi o primeiro contato dos alunos com a escola que a comunidade pinta, desenha e rabisca?

Temos uma escola mista, de gente de todos os cantos e lugares, que se encontra nesse espaço, e todos os encontros têm uma expectativa. E quais foram as expectativas desses novos alunos? Alunos de barulhos de felicidade e alunos com uma personalidade enclausurada, devido à descoberta do novo espaço.

Como não lembrar do primeiro dia de aula, no qual os medos se transformam em vivências positivas. Resumindo, foi isso que os alunos responderam nas rodas de conversas. Os alunos ouvidos foram os dos sextos anos e das primeiras séries do novo ensino médio, que são novos na Unidade Escolar e eles, mais que os demais, são capazes de expor essa percepção. Com a palavra, os novatos:

DO CARMO: Eu tinha muitas expectativas, pensei que faria amigos rápidos, mais não foi tão simples, naquela época vinha uma vez na semana, mas foi pouco contato que tive naqueles primeiros meses e o meu primeiro dia de aula foi muito vergonhoso.

RODRIGUES: Ah foi muito bom, pensava que não ia encontrar meus amigos, mas eu encontrei, pensava que ia ficar com muita vergonha, mas quando cheguei na sala eu não fiquei com vergonha mais porque meus amigos estavam na sala.

PRADO: Foi normal, que seria uma escola acolhedora e não o que as pessoas falavam, que era uma escola ruim, cheia de maconheiro, essas coisas, e era os meus parentes que falavam porque ouviram falar.

MACIEL: Ah foi legal, mas eu estava muito tímido no meu primeiro dia de aula, porque eu não tinha amigos e os meus amigos não vieram para essa escola.

ALMEIDA: Encontrei meus amigos, pessoas novas, professores novos, foi legal, apesar de ter poucas pessoas.

MARQUES: No meu dia encontrei as amizades da antigas e amizades novas e eu já conhecia a escola, porque já tinha vindo aqui.

CARDOSO: Meu primeiro contato foi di boa, apesar do que as pessoas falavam, tinha baixas expectativas, porque falavam que a escola não era tão boa, os professores, as aulas e os alunos também que eram mal falados e quando eu cheguei aqui encontrei uma escola d boa, tranquila.

RIBEIRO: O meu primeiro dia de aula, lembro que estava bem, questão, encabulado e achava que ia ser horrível, uma escola velha, mas foi normal, encontrei uma escola normal, seguindo o distanciamento, máscaras.

ABREU: Eu comecei agora em agosto e foi bom, pensei que não ia encontrar ninguém aqui, mas todos os meus amigos estavam aqui. Todos falam mal dessa escola e quando cheguei aqui não encontrei nada do que falavam.

GALDENCIO: O meu primeiro contato foi bom e ruim, porque eu vim de uma escola bem diferente, de outro bairro e o ruim é que eu não tinha nenhum amigo aqui e o bom foram os professores.

Como não ficar horrorizado com o que a comunidade fala? No primeiro contato com a escola, os alunos e pais já ficam ressabiados com o que podem encontrar, ou melhor, já sabem o que irão encontrar: maconheiros, brigas, pessoas violentas. E, quando se deparam com uma escola totalmente diferente, as percepções começam a mudar logo na entrada. Fazemos questão de recepcionar os alunos todos os dias, e é nesse primeiro contato que as visões distorcidas da Unidade começam a escorrer ladeira abaixo. Uma escola de 30 anos, com um passado mal falado, com pessoas novas, uma nova história e o passado presente;

mas todos juntos somos fortes, somos flechas e somos arcos, em defesa da nossa escola pública.

Todos Juntos (Tutti uniti)

Uma gata, o que é que tem?	E o jumento, o que é que é?
- As unhas	- Paciente
E a galinha, o que é que tem?	Não é grande coisa realmente
- O bico	Prum bichinho se assanhar
Dito assim, parece até ridículo	E o cachorro, o que é que é?
Um bichinho se assanhar	- Leal
E o jumento, o que é que tem?	E a galinha, o que é que é?
- As patas	- Teimosa
E o cachorro, o que é que tem?	Não parece mesmo grande coisa
- Os dentes	Vamos ver no que é que dá
Ponha tudo junto e de repente vamos ver o	Esperteza, Paciência
que é que dá	Lealdade, Teimosia
Junte um bico com dez unhas	E mais dia menos dia
Quatro patas, trinta dentes	A lei da selva vai mudar
E o valente dos valentes	Todos juntos somos fortes
Ainda vai te respeitar	Somos flecha e somos arco
Todos juntos somos fortes	Todos nós no mesmo barco
Somos flecha e somos arco	Não há nada pra temer
Todos nós no mesmo barco	- Ao meu lado há um amigo
Não há nada pra temer	Que é preciso proteger
- Ao meu lado há um amigo	Todos juntos somos fortes
Que é preciso proteger	Não há nada pra temer
Todos juntos somos fortes	E no mundo dizem que são tantos
Não há nada pra temer	Saltimbancos como somos nós.
Uma gata, o que é que é?	
- Esperta	

(Compositores: Sergio Bardoti, Chico Buarque, Luis Enrique Bacalov)

2.5.3 As pequenas felicidades: os alunos da EE Gustavo Barroso

Quem são esses alunos? De onde vieram? Qual a sua formação social? Moram com quem? Onde? E como se consideram? Eis algumas perguntas que vamos tentar responder por meio de uma pesquisa sociocultural aplicada para os alunos da Escola Estadual Gustavo Barroso, por meio de um formulário eletrônico (*Google Forms*), que foi enviado para os grupos de *WhatsApp* das turmas para aqueles que se sentissem à vontade de responder.

Enviamos o formulário para os alunos da Unidade Escolar responderem, porém sem uma obrigatoriedade. Nossa intenção era ter uma amostra para traçar o perfil sociocultural dos alunos da Escola Gustavo Barroso e obtivemos 154 respostas para as seguintes perguntas: Qual a sua idade? Qual a sua identidade de gênero? Você

nasceu em qual região do Brasil? Em relação à cor da pele, você se considera... Você tem filhos? Atualmente, você somente estuda ou estuda e trabalha? Quantos livros costuma ler por ano? Você tem computador em casa com acesso à internet? Qual o meio de locomoção até a escola? A residência da sua família é... Qual o tipo da sua residência? Há saneamento básico? A rua é asfaltada? Há rede elétrica? Em relação à situação família, os pais são... Qual a escolaridade da sua mãe? Qual a escolaridade do seu pai? Assinale a situação de trabalho da sua mãe... Assinale a situação de trabalho do seu pai... Em qual região do Brasil a sua mãe nasceu? Em qual região do Brasil o seu pai nasceu? Qual a renda familiar mensal? Sua família recebe Bolsa Família? Quais dos itens abaixo você possui em sua casa?

Ressalto que as perguntas foram enviadas por meio de um formulário eletrônico e algumas delas com opções que os estudantes puderam escolher para respondê-las. O formulário completo está disponível na seção anexos. Começamos perguntando a idade dos alunos e obtivemos que os alunos estão na faixa etária de 11 a 38 anos, sendo que esses mais velhos são da educação de jovens e adultos. Quando perguntados sobre sua identidade de gênero, 58,1% responderam que são do sexo feminino, 40,5% do sexo masculino; também apontamos no formulário a opção outros e tivemos um retorno de 0,7% (uma resposta), identificando-se como homem trans¹⁴ e também uma resposta (0,7%) como macho alpha patriarcal (Espantado com a resposta? Fui verificar o formulário e se trata de um aluno de 19 anos, que mora com a mãe, considera-se amarelo, tem residência própria com saneamento, água e luz, celular com internet, somente estuda e lê em média três livros ao ano. Essa resposta demonstra uma parcela da sociedade que tem seu capital social atrelado a uma cultura machista. Mas como pode ser um macho alpha sendo dependente de uma “fêmea”? Eis uma grande incógnita).

Libertando-nos da indignação da resposta anterior, perguntamos também em qual região os alunos nasceram, uma vez que há uma grande migração de pessoas para a região onde está localizada a Unidade Escolar, vinda de diversos lugares do Brasil e demais países vizinhos. 41,2% dos alunos nasceram na região Sudeste mesmo, 10,5% vieram da região Nordeste, 5,2% da região Sul e 42,5% da região Norte. Ressalto que essa pergunta causou uma certa confusão nos alunos, pois como

¹⁴ A pessoa que nasce com sexo feminino, mas se identifica e vive como um homem é considerado “homem transgênero” ou homem trans.

moram na região Norte da cidade de São Paulo, foram induzidos ao erro, portanto essa porcentagem da região Norte não procede. Temos também alunos que estão no Brasil e são refugiados. Recebemos, em 2021, venezuelanos que fugiram da repressão do seu país, alunos paraguaios e bolivianos. Relacionados à cor da pele, 41,4% consideram-se brancos, 33,6% pardos, 14,5% pretos, 8,6% preferiram não declarar e 2% amarelos.

7% das respostas continham a informação de que tinham filhos, distribuídas entre o ensino fundamental e médio, respostas das mães crianças-adolescentes e adolescentes-jovens. A gravidez na adolescência é algo que preocupa a unidade escolar, portanto já há um movimento de prevenção, com palestras, orientações individuais e até mesmo em conversas informais. Esse índice aumentou na pandemia: várias alunas grávidas, outras que retornaram mães e outras que ficaram grávidas após o retorno em março de 2021. Ressalto que a Unidade Escolar fica sabendo apenas das mães adolescentes grávidas. E os pais grávidos, onde estão?

Apenas 9,2% dos alunos estão inseridos no mercado de trabalho. São os jovens aprendizes, alunos do ensino médio e alunos do ensino fundamental. São empregos informais, na sua grande maioria em lava-rápidos de carros e mercadinhos das comunidades. 52,3% dos alunos disseram que leem pelo menos um ou nenhum livro ao ano, 20,9% até dois livros, 8,5% até 3 livros, 18,3% mais de três livros. É comum encontrarmos alguns alunos lendo nos momentos vagos (intervalos, aulas vagas e até mesmo aqueles que se excluem da educação física para ler).

37% responderam que têm computador em casa, 83,7% que têm celular com acesso à internet, 6,5% que têm celular, porém sem acesso à internet. E, mesmo a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, proporcionando um *chip* com dados móveis para esses alunos que não tinham acesso à rede, muitos recusaram o benefício, pois tinham que participar de aulas de auxílio ao estudo, no contraturno na plataforma educacional Centro de Mídias. As residências de 55,3% são próprias, 37,5% alugada, 2,6% financiada e 4,6% emprestadas. As casas são de alvenaria, tendo apenas 2,6% de casas de madeira (barracos), sem saneamento básico e com ligações irregulares de água e luz.

As ruas são todas asfaltadas, neste momento da história dos bairros, e todas as residências possuem água e energia elétrica.

Relacionado à situação familiar, 52,9% têm pais separados, 34% pais casados, 5,9% pai falecido, 3,9% mãe falecida e 3,3% outras formações familiares (criados pelos avós, criados por duas mães, por tios. Percebe-se que a escolaridade das mães é maior que a dos pais: temos 22,9% de mães com o ensino fundamental incompleto, enquanto os pais são 33,3%; e quando vamos comparar a formação completa do ensino médio, temos um cenário diferente, 36,6% das mães concluíram e os pais apenas 23,5%. Em pleno século 21, 17,6% dos pais (pais e mães) não têm escolaridade alguma; com ensino superior, mais uma vez as mães lideram com 6,5% e os pais apenas 2%.

Apresenta-se um cenário de desemprego grande das mães, com 40,5% delas desempregadas e 18,3% dos pais apenas; as demais porcentagens dos pais e mães se encontram em trabalhos informais, autônomos, com registro em carteira, aposentados e pensionistas, portanto, tendo uma renda mensal. A renda mensal familiar gira em torno de quatro salários-mínimos para 13,1% das famílias, dois salários para 43,8%, um salário-mínimo para 24,8%; 10,5% não têm renda mensal fixa e 7,8% estão sendo auxiliados pelos programas sociais dos Governos (Federal e Estadual), sendo 60,8% das famílias beneficiárias do Bolsa Família¹⁵. Dos pais, 39,9% são provenientes da região Nordeste.

Na análise das 154 respostas enviadas, podemos chegar à conclusão de que a grande maioria dos alunos têm uma condição de vida humilde, moram em residências de alvenaria, com água, luz e saneamento básico, têm uma renda familiar baixa e dependem também dos programas assistenciais do Governo Federal e Estadual. O formulário vem confirmar o que a escola informalmente identifica no seu dia a dia com os educandos e com a comunidade.

2.5.4 Como os estudantes “pintam” a estrutura da EE Gustavo Barroso: os rabiscos de uma trajetória

Partimos, nesse momento da pesquisa, para uma avaliação da estrutura da Unidade Escolar, como os rabiscados veem todos os espaços: as salas de aulas,

¹⁵ É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 7 nov. 2021.

quadra, pátio, laboratório, enfim, toda a estrutura da escola e suas tecnologias. No decorrer das falas, fui explicando aos alunos, como forma de conhecimento, as respostas para as suas dúvidas; portanto, neste recorte, também exporei a minha fala.

Alguns ambientes da escola sempre foram muito criticados pela falta de materiais ou manutenção, devido a poucos recursos recebidos e à necessidade de manutenção em outros ambientes que necessitavam de uma maior atenção devido à urgência ou emergência, como, por exemplo, a manutenção das águas do esgoto das pias dos banheiros superiores, onde sempre aparece um vazamento, danifica o gesso das salas de baixo, requerendo manutenção urgente, pois são ambientes que os alunos usam todos os dias das 7h às 23h. Schinaider, estudante da terceira série do ensino médio, faz uma fala significativa:

Assim, eu fiquei muito desconfortável, acho que foi em 2019 que vocês fizeram as pinturas nas salas, colocaram pinturas nas paredes das salas, sendo que os vidros estavam quebrados, estávamos passando frio, salas sem ventiladores e me passaram que gastaram 5 mil reais para as pinturas das salas, e teve salas que ficaram sem a pintura, táh gastaram esse dinheiro todo, para deixar mais bonitinho e nós estávamos passando frio dentro da sala de aula, porque as janelas não tinham vidros, a gente passava frio, não tinha ventilador e a gente passava calor, não conseguíamos enxergar a lousa, porque não tinha cortinas, aí eu cheguei na escola esse ano e tinha tudo, mas não podemos usar. Tem ventilador mas não pode ligar por conta do covid, não podemos fechar os vidros, nem a cortina, isso nas salas que tem cortina, porque a minha sala não tem cortina, as janelas estão completamente travadas, mas em compensação, temos televisão, som, computador, alexa nas salas, beleza, só que uma questão que o Oliveira comentou, que no lugar de uma televisão, no lugar de um alexa, vocês poderiam ativar o laboratório, porque desde que eu entrei aqui, eu nunca vi o laboratório como um laboratório, a única coisa que eu vi lá foi um esqueleto sem uma perna e um braço, então tipo, poderia ativar o laboratório para que pudéssemos ter uma aula de química, biologia tipo seria algo que ia deixar os alunos mais ativos nas matérias.

Os alunos saíram da escola em março de 2020 e deixaram uma escola com vidros quebrados; quando retornaram em maio de 2021, encontraram outra, pois o recurso de 2020 foi um valor considerável e a escola conseguiu dar uma cara nova para a Unidade e, com os recursos de 2021, complementamos as melhorias. Porém temos muito o que fazer, inclusive o laboratório, para o qual recebemos o recurso exclusivo para a montagem, porém essa turma final de 2021 não irá usufruir desse novo espaço. Com esqueletos completos, células, vegetal e animal, elementos químicos e microscópios.

E agora, por conta do protocolo de combate e prevenção da Covid-19, até outubro de 2021, não poderíamos ligar ventiladores, instalar as cortinas, levando os alunos a sentirem os efeitos do clima. Entretanto, agora a tecnologia auxilia todos os

professores com uma ferramenta pedagógica, diversificando as aulas e deixando as aulas mais atrativas.

Os valores recebidos pela escola, para uma pessoa, ou para várias gentes, é muito dinheiro; no entanto, para uma escola gigante, com inúmeros problemas estruturais, materiais e falta de material pedagógico, não é. Porém, Oliveira tem uma percepção diferente na questão financeira e reconhece que as melhorias auxiliam a aprendizagem:

O espaço da escola é muito bom, o terreno, a estrutura nem tanto, podia ser mais bem aproveitado, mas acho muito boa a ideia da alexa e televisão, uma tecnologia. Nós estamos tentando ampliar nossos estudos e isso dá uma boa oportunidade pra gente e a internet mostra tudo que você quer, pode trocar informações, você pode pesquisar tudo, então acho bem importante ter a internet e acho que a estrutura da escola poderia ser melhor valorizada, tipo a estrutura em si, a quadra, a sala tem que estar em dia. Tipo se desse o dinheiro na minha mão para eu investir, eu investiria nos professores e na estrutura da escola para funcionar.

Sempre tudo foi feito com muito esmero, em todos os seus tempos, e por todas as gentes que ali passaram. Os tempos eram outros e com a voz afável de Araujo, que me remete a Elis Regina, encerro estes rabiscos. Não são as águas de março fechando o verão, mas sim, Araujo, o vento ventando e quem sabe “A Tonga da Mironga do Kabuletê”:

Eu acho que as mudanças ocorridas na escola foram válidas, porque se você chega aqui, como eu cheguei aqui no sexto ano em 2015, não tinha quase nada, não tinha vidros, não tinha cortinas, o vidro era muito pior, não tinha tv, internet não tinha nada, nem carteiras, uma estrutura totalmente precária, então acho que, colocar as pinturas nas salas foram uma iniciativa bacana, os alunos gostaram bastante e todas as mudanças foram muito significativas, tipo a internet no celular no celular de todo mundo e realmente o laboratório poderia funcionar para os alunos que virão, mas realmente a escola mudou.

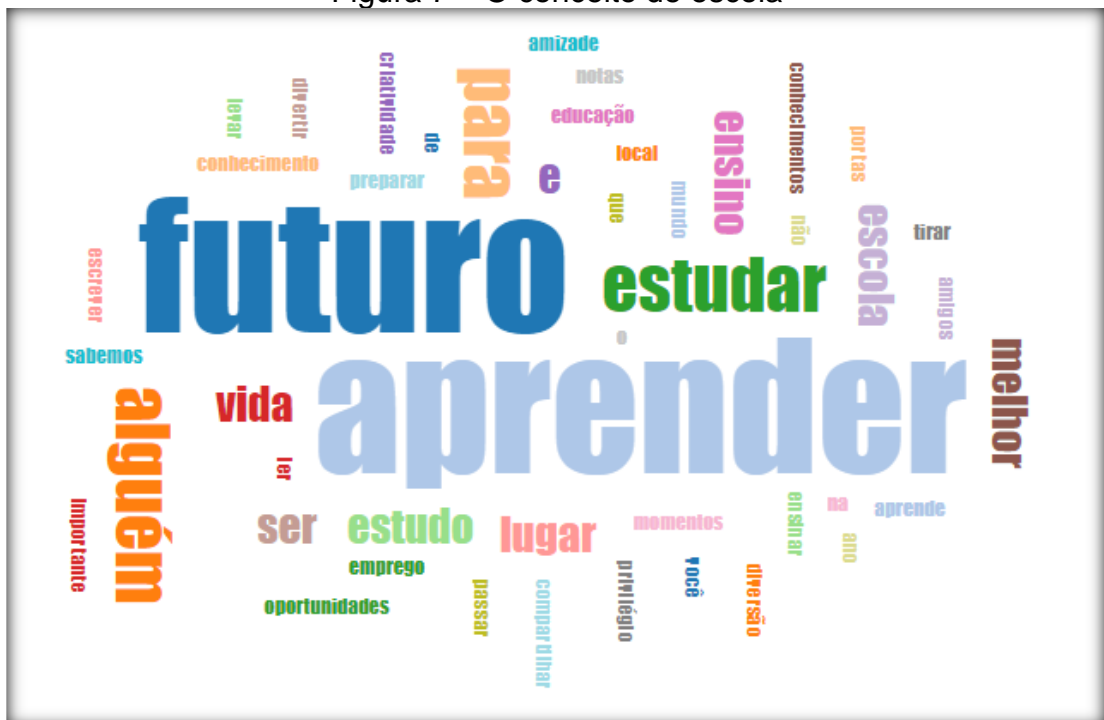
3 OS RESULTADOS DA PESQUISA: COMO SE PERCEBEM, PERCEBEM OS OUTROS E A ESCOLA

Nesta seção, apresentaremos os resultados da pesquisa, expondo como se percebem, percebem o outro, a escola e seus professores, as percepções do pesquisador sobre o primeiro contato de diálogo com os sujeitos, uma análise poética dos educandos no processo de escuta e, por fim, o resultado das rodas de conversas, muitos diálogos sinceros, alguns encabulados, outros receosos, porém todas as vozes de vivências.

Para tanto, preparamos questões básicas, como: Conceito de escola? O que mais poderia aprender nessa instituição? O que faz no período que não está na escola? Essas perguntas nos levaram a analisar as concepções que estão sendo formadas pelos sujeitos da pesquisa.

Quando abordamos o conceito de escola, identificamos que os participantes a veem de forma positiva. Mesmo alguns apresentando algumas opiniões de que a escola serve para “arrumar um emprego no futuro”, não podemos desconsiderar, pois é uma fala da sociedade na qual os educandos estão inseridos. Apresentamos abaixo um mosaico¹⁶ das palavras que mais aparecem nas respostas.

Figura 7 – O conceito de escola



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

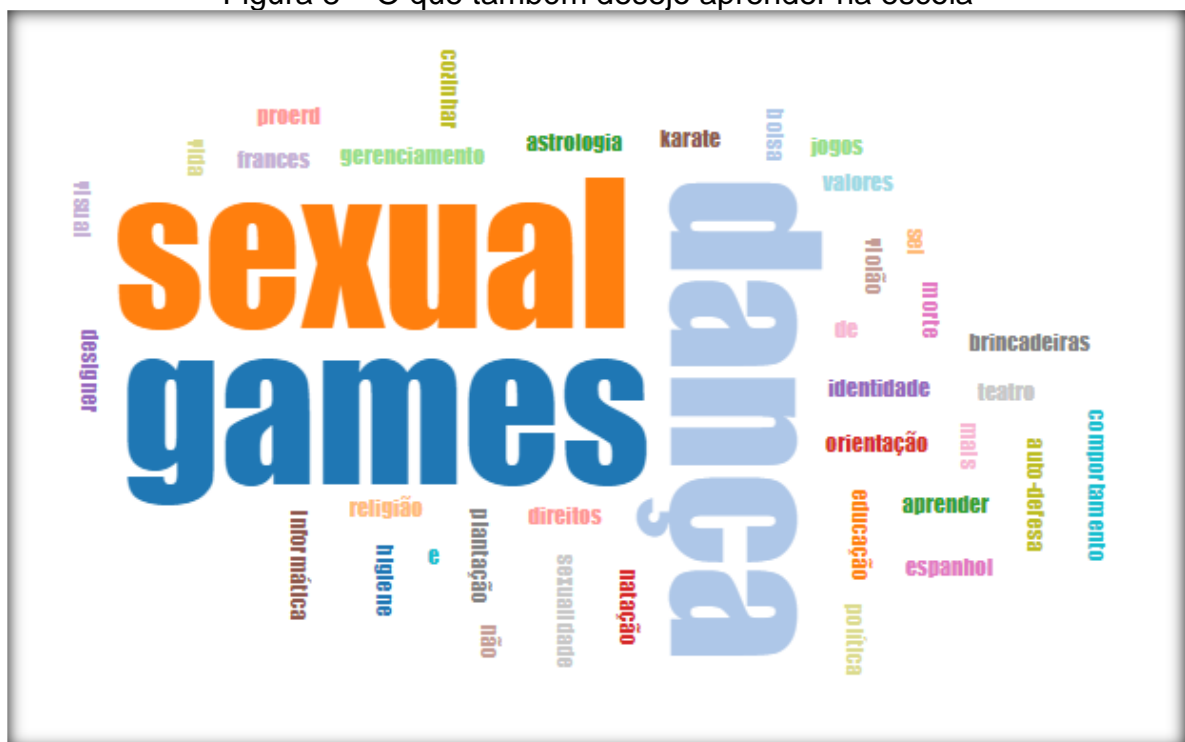
¹⁶ Mosaico criado mediante sistematização das respostas dos estudantes. As palavras em fonte maior são as que apareceram com maior frequência.

Logo, quando perguntamos aos estudantes “Qual a sua concepção de Escola?”, analisando o mosaico, percebemos que a palavra APRENDER é a que foi mais utilizada nas respostas, seguida de FUTURO. Logo, podemos interpretar que o aprender está ligado diretamente ao futuro. Os estudantes fazem essa relação e podemos montar outras percepções por meio do “catacata” de palavras: “Estudar e aprender para Ser alguém na Vida”, “Preparar para o futuro”, e assim por diante. Podemos ir brincando com essa nuvem de palavras da ESCOLA.

Sousa (2015, p. 14) percebe a escola como uma transmissão de saberes acumulados por toda a sociedade e que possa ser útil a todos os indivíduos e defende que a escola desempenha a função de transmissão de valores, ideologias, através de conteúdo ou práticas desenvolvidas.

Seguimos perguntando: O que deveríamos aprender na Escola? Quando inicio a análise e síntese das respostas dadas pelos estudantes, penso em um grande teatro em que as cortinas se abrem e o espetáculo começa: a tragédia ou a comédia se separam.

Figura 8 – O que também desejo aprender na escola



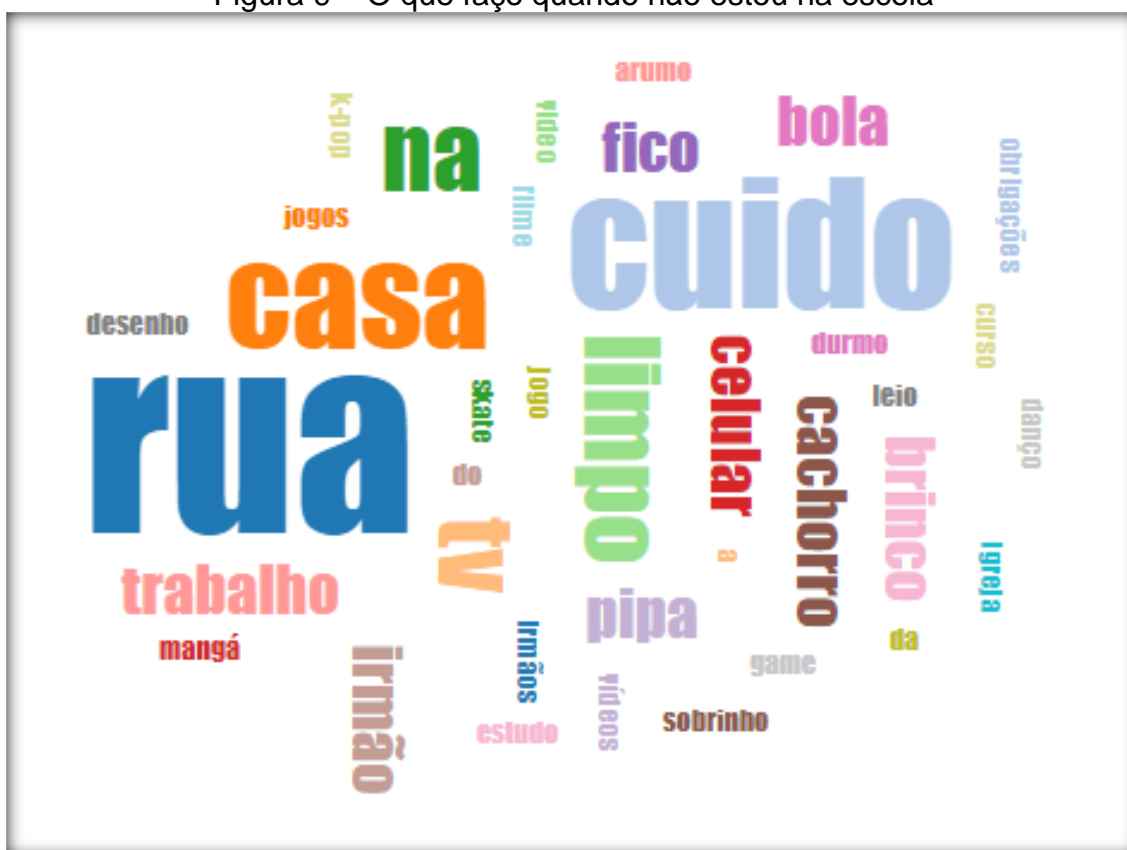
Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A grande peça teatral que os estudantes gostariam de assistir seria a dança, os games e sexual (no caso, seriam aulas de educação sexual; aparece em várias respostas, o que demonstra uma carência no assunto, tanto por parte da escola como

por parte da família e que em muitas é até um tabu falar sobre o assunto). A peça teatral percorre o campo dos games e da política, brinca, dança, luta, planta, talvez uma plantação de identidade, orientação, gerenciamento e comportamento. Esse é o panorama do que mais “Eu quero aprender!”

E o que a sociedade ensina para essas crianças, jovens e adolescentes no período em que não estão na escola? O que fazem nesse período? Muitos dos estudantes ficam sozinhos em casa, cuidando de irmãos e com alguns afazeres domésticos para auxiliarem os pais; outros utilizam o tempo para diversão e alguns citam que “não fazem nada”. Para termos uma visão melhor das respostas, apresentaremos o jogo “o que eu faço quando não estou na escola”, por meio de poucas palavras, e eis aí o resultado:

Figura 9 – O que faço quando não estou na escola



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A RUA é uma das principais ocupações dos nossos estudantes no tempo livre, quando não estão na escola. Porém, CUIDAM dos irmãos, sobrinhos, avós, AJUDAM nos afazeres domésticos, BRINCAM no celular, com o cachorro, desenham e trabalham; enfim, apesar de terem os momentos de diversão quase sempre na rua, mantêm “obrigações” no lar.

Eu vou para a escola para aprender, para ter oportunidades para a vida, conhecimento para ter um trabalho bom! Às vezes gosto de estudar, outras vezes não, mas é divertido estar na escola, eu brinco, danço e aprendo, mas gostaria de aprender mais coisas como: educação sexual, games, natação, gerenciamento para ter maiores oportunidades na vida. E falando em vida, ela fora da escola, quando estou em casa, faço várias coisas, como cuidar dos meus irmãos, sobrinho, limpar a casa, ajudar meus pais e ainda sobra um tempo para brincar na rua, jogar vídeo game, brincar com o meu cachorro e gato, soltar pipa e muito mais.

3.1 EU, O OUTRO E A ESCOLA

Nesse momento, eu, o outro e a escola, apresentaremos as percepções dos 90 alunos que participaram da pesquisa na fase do questionário, sobre si como aluno, o que pensam sobre a Escola Gustavo Barroso, a sala de aula e seus professores.

O intuito foi analisar como o aluno se percebe e percebe o outro e a escola, em meio a conflitos, dificuldades, alegrias e relações.

Usamos parte do seu sobrenome para manter o sigilo das respostas, algo que ficou muito claro em todos os grupos, dando maior liberdade para responderem sem receio de qualquer forma de opressão e, juntamente, informamos a idade dos alunos. Não nos apegamos à identidade de gênero desses educandos.

Ressalto que as respostas foram transcritas na íntegra. Por essa razão, encontraremos gírias, palavras escritas sem atender a norma culta da língua portuguesa e erros de concordância. Tal decisão de manter os textos na íntegra nos leva às vivências dos alunos e até nos faz refletir ou imaginar o aluno falando da forma que escreve.

Na análise das perguntas abertas, tivemos uma visão geral de como o aluno se percebe e percebe o outro. Nesse primeiro momento, como se percebem, fizemos um apanhado das palavras que mais aparecem nas percepções e fomos apresentando as falas dos estudantes. Em seguida, abordaremos, em face das análises, como enxergam a escola de estudo, como analisam a sala de aula e qual a sua opinião sobre os professores, que é o assunto que mais “rendeu”.

3.1.1 Como se percebem?

Na primeira pergunta desse questionário, quisemos saber como eles se percebem ou se percebiam na escola, como eles se percebem como estudantes, e

tivemos uma gama de respostas sinceras que vão ao encontro da personalidade dos estudantes. Apresentaremos recortes de palavras que mais aparecem nas respostas dos estudantes, sendo: inteligente, estudiosa, boa estudante, tímido, importante, extrovertida, bagunceiro, esforçada, faladora, calmo, confiante, preguiçoso.

Temos um apanhado de palavras significativas que demonstram os alunos por meio de suas respostas, do aluno estudioso ao aluno preguiçoso, do aluno tímido ao aluno falante, do bagunceiro ao calmo, e podemos montar um jogo de combinações de palavras ou sinônimos que encontraremos nas respostas dos alunos. Então, vamos ao jogo.

3.1.1.1 Esforçado(a) x preguiçoso(a)

ANDRADE: Meu perfil de estudante é ser preguiçosa e ao mesmo tempo esforçada. Acabo deixando algumas coisas para depois, mas no fim acabo fazendo. Sempre gostei de tirar notas boas e seria muita satisfação em estudar para as provas, porém a pandemia acabou me deixando um pouco desanimada e acomodada.

XAVIER: Sou um aluno dedicado e quero aprender, sempre busco novos conhecimentos, porém tem vezes que bate aquela preguiça, gosto de aulas interativas, que não seja muito parada, aula que não fique somente na teoria, gosto de aulas que me dá esperança de que existe uma vida após o período escolar.

Nas duas percepções apresentadas, os alunos reconhecem os seus potenciais, porém justificam o porquê não alcançam uma melhoria, na tentativa de “deixar as coisas para fazer mais tarde”, “bate aquela preguiça”, justificadas por aulas não atrativas e pela pandemia que, por inúmeros motivos, acabou deixando a escola de casa, em um estudo “desanimador”; porém querem a esperança de oportunidades após esse período de estudo, oportunidades que buscam.

3.1.1.2 Bom(a) estudante x falante

FREITAS: Eu me vejo como uma ótima aluna, mas eu converso muito.

DA COSTA: [...] eu falo um pouco demais sou inteligente mais o menos faço todas as lições.

SANTANA: [...] sou uma boa aluna mais converso de mais.

LUZ: [...] eu me enxergo que sou: inteligente, muito quieta, falo um pouco alto e rápida.

COSTA: Eu me vejo como um estudante. Bem prestativo, às vezes demoro para aprender, mas me esforço bastante. Me vejo como um bom aluno que fala bastante.

Percebam que, nesse recorte de respostas, os alunos se percebem como falantes, que conversam muito, como sendo um ponto negativo em sua personalidade estudantil; como ponto positivo, que são inteligentes, ótimos alunos, porém conversam. As personalidades se encontram e se desencontram em sala de aula, o que cria esse ambiente de opções de personalidades que, ao ver de uns, pode ser negativo, de outros, positivo, e de outros, ainda, um ponto de equilíbrio.

3.1.1.3 Tímido(a) x inteligente x preguiçoso

BORGES: *Uma pessoa meio boa como estudante, tímida.*

SOUZA: *Eu me considero uma aluna tímida, porque eu tenho vergonha de fazer novas amizades.*

CRUZ: *Eu sou comportado e eu tenho vergonha.*

MACHADO: *Me vejo como uma aluna respeitosa, que se dedica para aprender, mas sou tímida, então não gosto de professores que me forçam a falar em público ou então me faça resolver exercícios na lousa.*

Os alunos introspectivos merecem uma atenção especial, pois na maior parte do tempo lidam com o barulho da sala de aula em silêncio e talvez projetando seus medos e fantasmas em pessoas que as forçam ou indicam uma atividade que as expõem, não de uma forma negativa, mas no intuito de incluí-los na dinâmica da sala de aula, gerando um sofrimento. Porém, o aluno participativo, por meio do silêncio, deve ser incluído na sala de uma forma não verbal. Dessa forma, não gera o sofrimento e as angústias da exposição em público. Esses alunos preferem atividades em que conseguem se expressar por meio da escrita, mas não se excluem do círculo de amizade. O sinal vermelho é a autoexclusão. No esforço de autopercepção, Mylle se julga: “[...] *inteligente e na maioria das vezes fico sozinha*”.

Esses silêncios ou silenciamentos requerem uma atenção especial, como analisam Ferrari e Marques¹⁷ (2011, p. 19 apud CAVALIERE, 2016, p. 37):

Que silêncios e silenciamentos são denunciados e revelados quando são os alunos quem falam? O que fizemos com isso que os alunos nos dizem? Com os silêncios que denunciam? Quais silêncios e denúncias estamos dispostos a escutar? Para ouvir, ver e sentir os silêncios é preciso ter os sentidos aguçados: ouvir, ver e sentir com atenção, com tempo, com calma, com outros sentidos para além desses – é preciso estabelecer relação.

As experiências compartilhadas fazem parte do processo de aprendizagem, bem como das relações interpessoais geradas pela escola, na convivência do dia a

¹⁷ FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco. Silêncios e educação. In: FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco (org.). **Silêncios e educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 9-26.

dia, com o envolvimento da figura do outro nas transformações. A timidez que exclui merece uma atenção especial.

3.1.1.4 Extrovertido(a) x bagunceiro(a) x etc.

RYAN: [...] *bagunceiro, porém, estudioso.*

MARQUES: *Uma aluna muito extrovertida que gosta de conversar.*

LUIZA: [...] *eu me vejo como uma aluna extrovertida que fala com todos.*

CAUM: [...] *gentil meio engraçado e gentil com amigos e tímido.*

ARAÚJO: [...] *sou um aluno estudioso mais um pouco bagunceiro.*

ARCANJO: *Uma boa aluna, faladora, debochada e zueira pois eu sou assim pelo menos aqui na escola.*

Esse seria o perfil mais comum de aluno, aluno sendo aluno, que se comunica com todos, que gosta de conversar e tem uma tolerância pequena ao silêncio e à concentração por longos períodos; portanto, aulas teóricas e monótonas é o sofrimento desse grupo.

Fechando o jogo de palavras, temos os alunos que se enxergam negativamente, por motivos desconhecidos, o que necessitaria de uma investigação singular. A resposta apresentada se encaixa nesse perfil, mas neste momento não nos cabe avaliar ou criar um pré-julgamento. Iremos apenas expor a resposta dos alunos:

SANTOS: [...] *um péssimo aluno confuso.*

NAZARET: [...] *como um zé ninguém fala comigo nem brinca.*

A geração “alpha” compreende os alunos nascidos a partir de 2012 e esses alunos fazem parte de uma geração que nasceu mediada pela tecnologia, para quem a informação é rápida, dinâmica e compreensível; portanto, as escolas devem acompanhar a evolução da sociedade para ser um ambiente agradável e acolhedor para todos os perfis de alunos.

3.1.2 O que acham da escola?

Todos os alunos que participaram da pesquisa responderam a pergunta “O que acham da escola?”, e registraram a sua opinião sobre a escola na qual convivem, seja as primeiras percepções, as fundamentadas ou superficiais.

A história da Escola Gustavo Barroso foi marcada por violência, bagunça, drogas, e é essa a visão que a sociedade tem da Unidade. Passou por um processo de reestruturação desde 2008, na qual foram investidos recursos na sua estrutura, materiais pedagógicos, abordagens disciplinares, preventivas e conscientizadoras, além do enfoque no pedagógico. E, mesmo com essas visíveis mudanças, para quem acompanhou esse processo, a imagem da Unidade na sociedade é ligada a esses fatos do passado.

RODRIGUES: [...] no começo pensava que era ruim por causa dos “comentários”, mas é uma boa escola.

PAULO: Antes de vir pensava que todos fazem que quize, mais é o contrário, é incrível essa escola.

ARCANJO: No começo eu achava a pior escola que é que era falado lá fora, mais se você conhecer a escola vão ver que não é assim.

FREITAS: Eu pensava que só tinha nóia, porém agora acho ela boa.

COSTA: Eu pensava que só tinha nóia, agora acho ela boa.

AGUIAR: A escola melhorou muito, desde quando entrei. E isso foi ótimo, cada mudança trouxe melhoria.

DA SILVA: Eu sou nova nessa escola, mas pelo tempo em que estou aqui nada me decepcionou até agora, as aulas e os funcionários são bem legais. Sempre ouvi falar muito mal dessa escola, e eu até entrei com receio de estudar aqui, mas minha visão mudou totalmente quando comecei a estudar aqui.

Os alunos da atualidade e os pais percebem essas melhorias, seja na qualidade educacional, na estrutura e no embelezamento da escola, e essas percepções de melhorias foram apresentadas pelos alunos nas suas respostas.

Citam que a escola é “limpa e arrumada” e “divertida de estudar”. Um ambiente agradável deixa a permanência na escola mais leve e saudável, e citam como um ambiente agradável e acolhedor as obras de arte que foram pintadas no fundo das salas de aula, em que cada sala tem o seu tema e as tvs. Como afirma Mariane, “Acho uma escola legal diferentes das outras”.

Porém a escola não agrada a todos. Alguns citam que a escola tem poucos alunos e não tem graça. Tal afirmação se deu ocasionada pelo revezamento dos alunos, como medida de prevenção no combate ao coronavírus, momento em que há uma quantidade pequena de alunos em cada sala de aula. Então, a pandemia tornou a escola menos atrativa, na visão de Cavalcante: “pouca gente não tem graça”. E apontam alguns pontos, para melhoria na escola, que aparecem na pergunta sobre a sala de aula. Trataremos desse quesito mais adiante.

Em síntese, temos uma escola acolhedora, inclusiva, com professores, gestores e funcionários que se preocupam com os alunos, mas alguns deixam claro que têm exceções negativas dentre as positivas. Os alunos mais velhos percebem as melhorias da escola ao longo dos anos, porém a imagem negativa da unidade ainda permanece na sociedade. Uma escola renovada, adaptada, limpa, organizada e atrativa, mas que necessita de uma sociedade participativa para que essa mudança de opinião possa acontecer. Mas nessa sociedade participativa se deve incluir não somente a comunidade escolar que conhece as benfeitorias, mas principalmente aquela que não participa da dinâmica cotidiana e que conserva esse conceito de “escola ruim, bagunçada, que tem brigas, cheia de nóia e drogas”. A Escola Gustavo Barroso mudou. Agora, o processo de mudança tem que ser dos conceitos da sociedade não participativa.

3.1.3 Sobre a sala de aula?

A sala de aula sempre foi vista, e ainda é, como um espaço delimitado onde se encontra o conhecimento por meio de um professor. O que vemos atualmente é que esse espaço que anteriormente era opressor está se transformando em um local acolhedor e prazeroso de se estar, pelo menos é o que solicita os alunos.

Os alunos da contemporaneidade necessitam desse espaço atualizado e o reivindicam, pois passam grande parte do seu dia enclausurados; portanto, tem que ser atrativo. Na pesquisa realizada com os alunos da Escola Gustavo Barroso, podemos perceber que se sentem confortável na sala de aula, porém reivindicam melhorias.

Concebem a sala de aula como um espaço de conflitos, barulhenta, estranha, que dá sono. São várias as concepções que a definem:

SANTOS: Um lugar de grito bagunça e quando chega um professor fica quieta rápido.

ANJOS: [...] mi dar sono.

AMOR DIVINO: A sala de aula é um lugar que é estranho, porque não podemos conversar não podemos fazer nada só escrever e olhar para um quadro grande que tem letras.

SOUZA: [...] minha sala é muto barulhenta eles fala muito.

ROCHA: Barulhenta.

CARVALHO: [...] tedioso mas dependendo da aula é legal.

Sobre fechar os vidros, a resposta é que não são fechados para não impedir a ventilação, e as cortinas seguem os mesmos critérios, pois as salas devem estar ventiladas. Tal orientação foi dada pela Secretaria de Saúde como medida preventiva para evitar a infecção pelo Covid-19.

CARDOSO: *Que precisa de cortinas. De resto tanto faz.*

AGUIAR: *Para mim que faz a escola são os professores e os alunos, mas o ambiente em si poderia melhorar, um exemplo não temos cortinas.*

DIAS: [...] *só arrumar a janela que fica melhor ainda.*

As concepções acima têm sempre um ponto negativo com relação ao espaço, porém, na grande maioria das respostas, os alunos a elogiam e percebem as melhorias que foram apresentadas no retorno dos alunos, após um longo período afastados da escola, como medida de prevenção ao contágio com o vírus Covid-19. As principais benfeitorias têm ligação com a tecnologia, que deixa a aula dinâmica e com maiores possibilidades para os professores desenvolverem propostas ligadas à geração dos alunos:

FONSECA: *As salas são boa, ficou melhor, colocaram tv, ficou bom pra quando os professores poderem explicar eles tem capacidade.*

DE ARAUJO: *Ao longo do tempo, tanto a escola quanto a sala de aula mudaram positivamente. Colocaram cortinas em algumas salas, ventiladores e televisores. Os desenhos nas paredes foram uma iniciativa muito legal e possibilitou um ambiente mais acolhedor.*

LUZ: [...] *bem artística por que tem uma arte em cada sala de aula.*

PAULO: *A minha sala eu gosto de lá, ventilador, wi-fi, televisão é muito bom o avanço de hoje.*

EDUARDO: [...] *uma sala bem estruturada e lousa uma tv.*

MORAES: [...] *a sala é muito boa, as carteiras são limpas, tem 2 lousas boas e a televisão.*

Citam que as melhorias nas salas de aula as deixaram melhores, possibilitou um ambiente mais acolhedor e reconhecem a limpeza das salas. Até o momento, estamos falando e citando apenas sobre a estrutura. A pergunta deu a possibilidade de o aluno entendê-la de duas formas, a primeira como é a sua estrutura e as suas visões sobre ela, o que já apresentamos acima e possibilitou uma reflexão sobre a aprendizagem, um lugar de aprender e compreender:

ANDRADE: *A sala de aula é um lugar de aprendizado, mas também um lugar de ligação entre pessoas, já que passamos boa parte do dia nela. Me sinto muito grata por ter conhecido professores que tiveram a paciência de me ajudar e das amigas que eu fiz nesse ano.*

GOMES: *Vejo que é um ambiente que podemos nos comunicar ou tirar dúvidas sobre o que está estudando. Muitos professores realmente tenta nos ajudar com estas dúvidas.*

MACHADO: *Eu gostaria que as salas de aula fossem mais alegres, não me sinto tão colhida em um ambiente que parece triste. Mas pensando por outro lado a sala de aula só depende de cada professor, pois se tem algum professor alegre e disposto, eu acabo esquecendo a sala em si.*

LIMA 1: *A sala é muito importante na vida de algumas pessoas. Ela acaba moldando a pessoa. Eu já tive vários amigos que mudaram a sua personalidade na própria sala de aula. Isso mostra o quanto a sala de aula é de extrema importância.*

FAGUNDES: *A sala de aula é um lugar de ensino para os alunos.*

Sendo a sala de aula inclusiva ou não, acolhedora ou não, com tecnologias ou não, sala de aula é sala de aula, esse espaço de troca de conhecimentos, conceitos, experiências e, acima de tudo, de relações.

Concluimos que muitos alunos gostam da sala de aula, porém às vezes dá uma vontade de fazer algo fora dela, trocar de ambiente:

MYLLE: *[...] ter mais aula ao ar livre, as aulas serem mais divertidas.*

BARBOSA: *É melhor ficar no pátio.*

RIBEIRO: *Não é ruim, estuda na quadra, no pátio, aproveita o lugar.*

Sendo a aula ao ar livre, na quadra ou no pátio, não descaracteriza esse espaço; tendo professor e alunos, torna-se uma sala de aula, um espaço de troca de aprendizagens.

3.1.4 Sobre os seus professores?

Entendo que os professores, assim como os alunos, são a vida da escola. Uma escola pode funcionar sem o coordenador, o diretor, o vice-diretor, porém, sem professores, não. São amados por uns e odiados por outros e quem nunca teve um professor que marcou a sua trajetória? Pois bem, aqui abordaremos as opiniões sobre os professores na visão dos alunos. Essas visões são carregadas de verdades cheias de sinceridades quando falam de quem gostam, pois de alguma forma estes os conquistaram e estão fazendo a diferença na vida escolar desses alunos:

RIBEIRO: *Todos professores são legais compreendem a gente e não é chato, a professora de ciências R2 é muito simpática a professora substituta.*

SOUZA: *Os professores são muito legais, simpáticos etc.*

OLIVEIRA: *[...] são todos legais.*

MORAES: *Eu acho os professores ótimos, as que eu mais gosto é o C. e o R.*

SILVA: *Eles são muito legais.*

FREITAS: *[...] tem os professores ótimos eles dão aula ótimas.*

CAUM: *[...] eu acho legal eu gosto fica aqui e eles são legais.*

ROCHA: *Legais, gostam de puxar a orelha.*

ABIBI: *Depois da quarentena alguns professores mudarão, estão mas gentis, mas tem professores que fazem perguntas ou falão coisa muito tocantes.*

PORTO: *Alguns professores são mais atenciosos que outros, ajudam mais, se divertem, brincam com os alunos e outros são mais sérios e fechados, em geral são todos bem qualificados para o trabalho que faz.*

GOMES: *Como eu já disse, tem professores que realmente tenta nos ajudar, tirando todas as nossas dúvidas e assim a aula caba fluindo de uma forma legal. Porque realmente você sai da sala de aula entendendo sobre o assunto e vejo isso como um incentivo para aprender mais sobre o assunto.*

Essas falas fizeram observações relacionadas à convivência com os professores. Cada relação é vista de uma forma, pois existem alunos que apontam um meio termo, citam os pontos positivos, porém os negativos também, e avaliam os professores e fundamentam as suas falas cheias de emoções verdadeiras, que foram acompanhadas por mim como vice-diretor da escola. Eu acompanhei de perto essas relações de confiança que ajudaram alguns alunos a se livrarem de alguns males da sociedade. O professor tem que estar disposto a ouvir, nessa relação de confiança, gerando um nível de compreensão e possibilitando a construção e reconstrução das relações do grupo em que vive, afirma Leite (2016, p. 32). Segundo Freire (1996, p. 44),

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Leite (2016, p. 46) atribui a muitos professores bonzinhos e legais o adjetivo de “liderança permissiva”, que é quando não estabelecem regras, envolvem-se com os estudantes no intuito de agradar, de ser amigos, sem estabelecer limites nessa relação, portanto, buscam ser bonzinhos, gastar tempo da aula. Em síntese, o professor quer sempre estar bem com os estudantes, o importante é estar bem.

O olhar crítico dos educandos nos levou à reflexão, pois percebem claramente e expõem uma análise sincera de cada professor; separam-nos entre os professores que ensinam e os professores que precisam do trabalho, entre outros adjetivos que vão apontando durante a conversa:

ANDRADE: *Os professores infelizmente são pouco valorizados no Brasil, tanto pelo governo quanto por alguns alunos que não tem respeito. Conheci professores maravilhosos que marcaram a minha vida com seus ensinamentos. Assim como eu não fui a melhor aluna durante todos esses anos, também conheci professores com pouca vontade de ensinar, mas infelizmente foram poucos. Sinto muita gratidão por cada um que conheci e espero que seja uma profissão mais valorizada.*

DE ARAUJO: *Os professores são extremamente importantes para a nossa formação e acho que deveriam ser mais valorizados. Alguns foram importantes para a minha trajetória, como a professora C1, F1 e o professor L1. Me ensinaram muito e os considero esforçados. Porém em outros aspectos, tenho críticas a outros professores (não todos) com relação ao método de ensino, com cópias e explicações rasas.*

XAVIER: *Na minha opinião são bons profissionais, são muito bons no que fazem, além de serem muito educados, porém tem uma certa minoria que já não dá pra falar o mesmo. São guerreiros pois fazem de tudo para ver o aluno bem e que o aluno tenham um futuro brilhante.*

MACHADO: *Existem dois tipos de professores, aqueles que estão aqui apenas porque precisam trabalhar e aqueles que amam ensinar e tem paixão por transmitir conhecimento. Em todos esses anos aqui eu pude conhecer vários professores que me sinto muito grata pelas aulas. E em relação os professores não interessados eu apenas sinto muito por aqueles alunos que ainda terão aulas com eles.*

COSTA: *Depende muito do professor, porque eu penso que a função do professor não é chegar na sala e encher a lousa de lição e nós alunos só copiarmos, precisamos de mais aulas explicativas, mas tem professores que explica muito bem.*

MARIA: *Como eu disse, alguns professores são bons outros não, uns faz questão de ensinar, outros nem liga pra sua existência, só passa as coisas na lousa e pronto.*

BISPO: *Acho uma profissão incrível, porém tem muitos desinteressados e desleixados.¹⁸*

ARCANJO: *[...] depende dos Professores, pois tem Prof que é legal sabe explicar direitinho outros não tem paciência nenhuma para fazer nada.*

DIOGO: *[...] eles deveriam ser mais presentes pois muitos só passam a lição e não liga para os alunos.*

PAULO: *Eu gosto de todos eles são gentis e gostam de ensinar só o de educação física que eu não gosto muito ele é machista e chato.*

Temos o professor machista, chato, que enche a lousa de lição, outros que nem ligam para a sua existência, desinteressados, desleixados e com explicações rasas; pois é, encontramos esses professores na escola, segundo os alunos. Mas como nem tudo é tragédia, temos o lado glorioso dessa profissão e desses profissionais e que os alunos avaliam como professores bons, educados, interessados, que explicam muito bem, gentis e gostam de ensinar, são maravilhosos e marcaram a vida de alguns com ensinamentos. Dois pontos de vista distintos: os professores acusados e os professores que têm paixão em “*transmitir conhecimentos*”, segundo Machado.

¹⁸ “No estilo de liderança **negligente** o professor não é responsivo nem exigente. Não estabelece regras e limites na relação com seus alunos, não monitora comportamentos dos alunos. Não estabelece uma relação afetiva com seus alunos. Segundo Weber (2013), provavelmente, ‘é um professor que está na profissão errada, que não acredita em seu trabalho e que se sente completamente desvalorizado, embora ele próprio tenha pouco respeito pelo seu trabalho’ (p. 175).” (LEITE, 2016, p. 47).

Outros alunos, participantes da pesquisa, ressaltam a importância dos professores, enchem-nos de valores e os analisam. São alunos que têm um curto período na escola, porém a sua concepção de professores merece um destaque:

LIMA: Os professores são ultra importantes, porque eles têm uma missão muito difícil, que é ensinar, ele teve anos e mais anos estudando. Ele tem o seu valor, e as vezes as pessoas não mostram o mínimo de respeito por essa profissão que é muito bonita. Aqui na escola tem ótimos professores, só que os alunos não aproveitam, eu tenho 1 ano e meio de Gustavo Barroso e acho uma boa escola.

MACHADO: Existem dois tipos de professores, aqueles que estão aqui apenas porque precisam trabalhar e aqueles que amam ensinar e tem paixão por transmitir conhecimento. Em todos esses anos aqui eu pude conhecer vários professores que me sinto muito grata pelas aulas. E em relação os professores não interessados eu apenas sinto muito por aqueles alunos que ainda terão aulas com eles.

ANDRADE: Os professores infelizmente são pouco valorizados no Brasil, tanto pelo governo quanto por alguns alunos que não tem respeito. Conheci professores maravilhosos que marcaram a minha vida com seus ensinamentos. Assim como eu não fui a melhor aluna durante todos esses anos, também conheci professores com pouca vontade de ensinar, mas infelizmente foram poucos. Sinto muita gratidão por cada um que conheci e espero que seja uma profissão mais valorizada.

Os professores, na opinião de alguns sujeitos, precisam ser valorizados; reconhecem os percalços da profissão e os destacam. Masschelein e Simons (2013, p. 16) fazem uma análise valiosa desses dois cenários apresentados, dos professores permissivos e dos comprometidos:

Os chamados professores populares não ensinam nada aos alunos. E os raros professores inspiradores realmente afirmam as deficiências da escola: são inspiradores justamente porque têm êxito em transformar a sala de aula ou a escola em um ambiente de aprendizagem desafiador. Os moderados argumentarão que chegou a hora de priorizar o bem-estar na escola. O objetivo, dizem, é encontrar o equilíbrio certo entre trabalho e lazer, e o ideal é, e continua sendo, a “aprendizagem lúdica [...], [...] O aprendizado é doloroso e não podemos ter professores que são um dreno do entusiasmo dos alunos”.

Não poderia concluir este texto sem apresentar novamente somente um recorte da aluna De Araujo, que está cheio de sentimentos e que nos faz refletir o quão importante é o papel do professor na vida do aluno: resgata, liberta e traz à tona a personalidade enclausurada apenas com palavras e gestos de gentileza.

DE ARAUJO: Os professores são extremamente importantes para a nossa formação e acho que deveriam ser mais valorizados. Alguns foram importantes para a minha trajetória, como a professora C1, F1 e o professor L1. Me ensinaram muito e os considero esforçados [...].

Além da pedagogia, estão as trajetórias que são marcadas, trajetórias que podemos comparar com uma banda. O professor é a banda que instiga o aluno, não

como uma canção de ninar, como cita Leite (2016), mas como um “acorda, estou aqui, estou passando”, venha ver a banda passar, cantando coisas de amor:

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
E em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
(Compositores: Chico Buarque e Sidney Keith Russell)

Cantando coisas de amor. Um amor que não é patológico e sim, de acordo com Stach-Haertel (2017, p. 68), “Amor este declarado pelos Jovens às pessoas que identificam como sendo dignas desses sentimentos mais louváveis: respeito e admiração”, conforme foi demonstrado em sua pesquisa que dialoga profundamente com as percepções dos sujeitos entrevistados nesse trabalho. E após essa avalanche de sentimentos e admiração, a banda passa e tudo volta para o “seu lugar, cumprindo o seu destino”, com os amores esbarrados no percurso da banda.

3.2 O INÍCIO DOS REGISTROS: BARULHOS

Fizemos relatos, separados por grupo, de como foi a dinâmica da pesquisa na sala de aula. Expus a minha percepção sobre a receptividade dos alunos. Essa descrição dará mais clareza ao percurso metodológico, relatando os bastidores dessa peça teatral nomeada “A escola, a sala de aula e o aluno”.

Todas essas percepções são relacionadas ao primeiro contato que tivemos com os educandos no momento da aplicação do questionário.

3.2.1 Os barulhos de felicidade

Os olhares assustados e receosos desse grupo de sextos anos. Novatos em uma escola que é muito diferente da qual vieram, a começar pela estrutura, professores, dinâmica e principalmente a transição da infância para a adolescência. Apresentei-me para o grupo, expliquei o intuito da pesquisa, distribuí uma folha de sulfite, para que eles pudessem registrar as suas percepções e a sensação que foi transmitida por eles era de que seria uma avaliação. Nesse momento, abri uma aspa na pesquisa e expliquei que não teria um teor avaliativo para eles e sim uma avaliação deles da Escola Gustavo Barroso.

Dessa forma, a pesquisa ficou mais leve e ouvi na sala ao lado “barulhos de felicidade”. Eram alunos também dos sextos anos que estavam sem professor e estavam correndo pela sala, brincando e saindo e voltando correndo para a sala e decidi incluí-los também na pesquisa. O processo foi o mesmo, apresentação,

explicação e o registro por parte dos alunos. Dessa forma, montei um grupo com essas duas salas de sextos anos, um grupo agitado, falante, e um aluno me chamou a atenção, pois estava com um semblante nervoso. A cada pergunta, as respostas no papel... Eu visualizava que eram curtas e sem explicações e ele perguntava se faltava muito para acabar. Em determinado momento, ele se deitou sobre a carteira e percebi que ele não escrevia mais. Fui até a carteira, visualizei o nome na folha da pesquisa e o chamei por três vezes, até que fosse atendido. O aluno me olhou com um olhar desatento. Perguntei se estava tudo bem e ele respondeu que sim, sem mais palavras. Eu o encorajei e disse que faltavam apenas três perguntas e que seria rápido. Quietamente ele estava e quieto ele ficou, mas o incômodo no olhar gritou. Mesmo não sendo uma imposição, ele respondeu às perguntas com apenas uma ou duas palavras, mas respondeu.

O toque do sinal, antigo na escola, soou. Nesse momento, foi ligado o modo turbo dos alunos, o tão esperado intervalo, momento de interação e socialização. Deixaram os materiais como estavam, sobre as carteiras, e saíram correndo, bem típico das crianças, bem crianças. No retorno, fizemos as duas últimas perguntas e concluímos com a professora de língua portuguesa aguardando para entrar. Eu me despedi deles e disse um “até breve”.

Escola é escola e aluno é aluno, pois em frente à sala em que eu estava havia outra sala, onde estavam aguardando o professor chegar. Os alunos estavam brincando de rolar no chão, criança sendo criança, uma festa nos pequenos gestos. Chegam na escola, na sua grande maioria, com as roupas limpas e vão embora algumas vezes encardidos, crianças sendo alunos, a “inocência nas palavras e nas escritas” desses alunos, realmente seres alunos novos, acudados em um espaço ainda desconhecido em fase de transição e de reconhecimento do espaço.

3.2.2 Os novos de 2020

Estando os educandos do sétimo ano em sala de aula, pedi licença e disse que estaria por alguns momentos com eles, que optaram por estar no ensino semipresencial devido às ações¹⁹ da pandemia do Covid-19. Foram os que estavam

¹⁹ Resolução SEDUC 11, de 26-01-2021. Dispõe sobre a retomada das aulas e atividades presenciais nas instituições de educação básica para o ano letivo de 2021, nos termos do Decreto Estadual

no dia da coleta de dados escrita. Eu me apresentei para a sala como pesquisador, expus brevemente o intuito da minha presença na sala de aula, distribuí, aos que concordaram participar da pesquisa e aceitaram, uma folha para a anotação das respostas e prossegui, fazendo as perguntas que são comuns a todos os grupos, explicando e dando todo o tempo necessário para o registro em papel. Deixei claro para os alunos que as respostas das percepções sobre o conceito de escola, do quadro sobre as percepções da escola de estudo e das perguntas específicas para o grupo deles, seriam pessoais e sigilosas, que somente o pesquisador saberia quem a escreveu e mais ninguém. Observei que, com essa fala, os alunos se sentiram mais seguros em responder, uma vez que não conheciam pessoalmente o pesquisador e nem o vice-diretor que sou na escola há 10 anos.

A receptividade dos educandos na leitura das perguntas que eram comuns a todos os grupos e as específicas para os alunos dos sétimos anos, foi tranquila, compreensiva. Quando expunham as suas dúvidas, procurava refazer a pergunta com outros termos e de outras formas para não ter que citar exemplos que poderiam influenciá-los nas respostas. A todo momento, tive que retomar o foco da pesquisa, pois queriam ficar conversando comigo após o registro da resposta em papel, com outros assuntos aleatórios e até engraçados, ligados ao seu dia a dia. Nesse primeiro contato, foi positiva a participação dos alunos e combinamos que eu voltaria para conversarmos abertamente sobre as questões.

3.2.3 Uma sala vazia, os registros e um monte de sentidos

A aplicação dos questionários nesse dia foi para os alunos dos oitavos anos que estavam presentes na escola. Quase que na sua totalidade eu os conheci em 2019, durante a rotina da escola, quando estavam no sexto ano. Educandos em processo de evolução e com todo vapor.

Quando cheguei na sala, os alunos já estavam cientes da pesquisa sobre a escola. Havia somente uma aluna que havia ingressado na Unidade naquele ano. Dessa forma, os demais já tinham propriedade para expor no papel as suas percepções.

65.384/2020, dispõe sobre a retomada das aulas e atividades presenciais no contexto da pandemia de Covid-19, institui o Sistema de Informação e Monitoramento da Educação para Covid-19.

Retomei o intuito da pesquisa e reforcei sobre o sigilo das respostas escritas, e que, se em algum momento fôssemos expor as respostas, usaríamos codinomes para manter o sigilo dos alunos. Montamos uma roda na sala de aula e começamos a expor as perguntas. Na medida em que algum aluno não entendia, eu refazia usando outros termos sem citar exemplos, pois tais poderiam influenciar as respostas.

Os demais alunos estavam focados nas respostas e o interessante era que, em alguns momentos, perguntavam: “posso responder mesmo?”. Respondi que sim e que aquele momento era oportuno para exporem as suas visões. Decorremos com as perguntas e respostas de forma tranquila, com algumas interferências que foram contornadas durante o período de permanência.

Ao terminar a aplicação do questionário, os alunos foram embora e na reflexão em uma sala vazia, e sem ler os registros, imagino as respostas que ficaram estampadas em cada rosto e expressão dos alunos ao ouvirem as perguntas. Algumas serviam como uma “limpeza da alma”, um “descarregar da fala” escrita no papel, tímida, porém com um monte de sentido.

3.2.4 O estudante: o estágio final dos “barulhos de felicidade”

Em maio de 2021, apresentei os questionários para os alunos dos nonos anos do ensino fundamental do período vespertino que estavam na escola nesse dia, devido à escala de revezamento dos alunos no ensino presencial e pela opção do ensino remoto ou presencial proporcionada pelo Decreto 65.384/2020.

Entrei, apresentei-me para os alunos, mesmo todos já sabendo quem sou, pois tive uma convivência bem próxima deles, quando estavam no sexto ano, criando uma relação de confiança.

Expliquei novamente o intuito da pesquisa, pois em outro momento já havia conversado com os alunos sobre a opção de participar; mas como alguns poderiam não estar naquele dia, expliquei novamente, e sobre o sigilo das respostas, para que não ficassem inibidos ao responder, e que eles fariam parte do grupo que seria responsável pela caracterização da escola pela percepção dos alunos. Como fazia tempo que não nos encontrávamos, devido à suspensão das aulas presenciais ocasionadas pela pandemia, eles queriam conversar, contar histórias e estórias sobre a vida e sobre a escola e principalmente “perturbar” um ao outro. Percebi uma aluna

nova na escola. Ficou um pouco acuada com a dinâmica dos alunos, portanto foi solicitado que ela respondesse apenas a parte que pergunta sobre o conceito de escola; na percepção da Unidade, ela estaria dispensada das respostas por não ter propriedade para responder.

Todavia, como em todas as séries, intervimos nas conversas paralelas, pois estavam eufóricos. Agora, não sei responder se é porque o vice-diretor estava em sala de aula junto com eles em uma conversa descontraída, ou pela oportunidade de expor suas visões sobre a escola, ou simplesmente por serem “ouvidos” por meio do papel. Ficamos as três aulas, pois, com esse grupo, tivemos várias perguntas que passavam do conceito de escola para a percepção da Escola Gustavo Barroso e seus agentes formadores, chegando aos seus sonhos. Então, há muita história para escrever e muita história para pensar em um curto espaço de tempo.

Do ensino fundamental, o nono ano foi a sala que, com serenidade e um tom de nostalgia, desenvolveu a pesquisa tranquilamente, sem interferências externas que pudessem atrapalhar o registro. Percebi um início de maturidade, a evolução na aprendizagem pessoal, visual de estudantes que já fizeram parte do grupo que exala “barulhos de felicidade” pela escola.

3.2.5 A personalidade enclausurada

A aplicação dos questionários com estudantes das primeiras séries do novo ensino médio se deu em maio de 2021, em um momento em que na escola havia poucos alunos e em um dia de muito frio. Alunos novos na escola, com conceitos e percepções em construção e uma personalidade enclausurada. Tímidos, receosos em busca de seu espaço nesse ambiente novo e cheio de descobertas e percepções erradas ou certas, dependendo do ponto de vista de cada aluno ingressante.

Tais educandos estão na minha dinâmica do dia a dia na escola. Eu os estou acompanhando do entrar ao sair da escola. Diferentemente do ensino fundamental, esses alunos do ensino médio sabem quem sou e têm essa vivência.

Esses sujeitos ingressaram nesse ano de 2021 na escola, vieram do ensino municipal e conseguimos perceber que o comprometimento desses alunos com a educação é maior que os alunos que já estavam conosco. Pode ser que essa percepção seja errada e os motivos por essa frequência e participação seja

ocasionada pelo novo (a escola nova, professores novos, percepções e anseios), porém quero apostar no empenho em si desses alunos.

Nesse dia, algumas primeiras séries estavam sem aula e eu vi a oportunidade de conversar um pouco com eles sobre a minha pesquisa. Aceito o convite de participação, expliquei como seria a dinâmica das perguntas e respostas, do sigilo das mesmas e que poderiam se sentir seguros e à vontade para registrar no papel as suas percepções. Fomos para o pátio, pois a sala de aula estava muito fria e nos sentamos no sol. Mudando os alunos de ambiente, gera uma euforia, algo diferente da prática educativa a que foram condicionados e talvez pudessem expor sinceramente as suas visões desses anos de formação escolar. Percebi, durante o registro das respostas, que alguns alunos tinham uma compreensão muito boa sobre as perguntas e outros tinham dificuldades no entendimento; então, a todo momento, eu refazia a pergunta com outras palavras até que conseguissem entender e compreender.

Finalizamos o questionário e combinamos que futuramente faríamos uma roda de conversa, pois percebi que alguns alunos tiveram uma dificuldade tremenda ao escrever, mas ao falar “desenrolavam” as respostas; mas como naquele momento era somente para as escritas, quando os alunos começavam a responder oralmente, eu já os interrompia e dizia que na próxima oportunidade eles teriam o espaço de fala. Tal atitude foi tomada, pois os demais alunos poderiam usar essas respostas para registro, o que causaria uma interferência nos resultados da pesquisa.

Educandos em formação, pela vida e pela escola, um caminho traçado, que a escola pode ser uma vilã, um tanto faz, ou melhor lugar para conviver com as diferenças e fazer a diferença.

3.2.6 Dança das canetas: lapisando o futuro com a borracha na mão

Nós vamos!! Por que não? Aqui os barulhos são diferentes, talvez o barulho do silêncio. Durante todo o primeiro semestre de 2021, esperei a oportunidade para conversar com os alunos da terceira série do ensino médio, porém, devido à pandemia, essa oportunidade em cada dia de aula presencial era cerceada pelo pequeno número de alunos presentes. Esse dia chegou, sala com um número considerável de alunos; com isso, retomei a conversa sobre a pesquisa, expliquei o

intuito da pesquisa que era para conversarmos, dialogarmos sobre a visão deles sobre a escola na qual estão há alguns anos.

Iniciei com a leitura das perguntas, as quais respondiam logo após as explicações ou esclarecimentos, e pude perceber a evolução e maturidade desses alunos em fase de conclusão do ensino médio, diferente das demais, que a todo momento se desviavam da pesquisa e que era necessário chamá-los novamente.

Uma sala silenciosa, que em alguns momentos ouvia apenas cochichos e risos contidos, via a retomada de uma leitura e até um cochilo e me chamou a atenção, no momento do registro das respostas na folha, a dança dos lápis e canetas, um olhar poético de um professor de artes que sou, não para eles, mas em outra unidade escolar.

Em um determinado momento, quase no final da leitura das perguntas, retornou para sala o aluno da educação especial²⁰, que nasceu com Síndrome de Down, que estava na aula com a professora especialista. Eu o recebi. Ele foi se sentando na sua carteira e retirando o material de desenho da mochila. Nesse momento, vi a oportunidade de incluí-lo na pesquisa. Pedi para que ele desenhasse como ele se via na escola e como ele via a escola e seus amigos. Rapidamente, a dança dos lápis começou em sua carteira. Ao final da aula, o desenho estava pronto, porém sem pintar. Perguntei se ele queria levar para a casa para pintar, ele disse que sim e no outro dia ele pediu para a sua cuidadora entregar o desenho para mim. Eu o chamei para explicar o desenho e as suas percepções foram registradas de forma simples, com desenhos infantilizados, porém com um “monte de sentimentos, percepções e visões”. Basta encontrá-lo nos caminhos e portas da escola e dizer um oi, que seu sorriso com os olhos surge.

Os momentos, as percepções que nos trazem nostalgia do passado, quando estavam no ensino fundamental, crianças barulhentas de felicidade, a infância impregnada na imagem e hoje podemos vê-los como jovens-adultos, na imagem, nas atitudes e nas respostas. Um até breve sobre o brilho de um mar, um céu ou uma terra.

²⁰ A Unidade Escolar possui professores especialistas para a educação especial, que atendem os alunos e dão suporte para os demais professores. A inclusão do aluno na sala regular é um direito e nesse sentido, com relação às atividades adaptadas que os docentes regulares devem planejar para os alunos em foco, na maioria das aulas isso não acontece. São propostas atividades desconexas do conteúdo dos demais alunos e, quando questionados, a resposta é o despreparo em trabalhar com a modalidade educação especial.

3.3 AS VOZES SE ESCUTAM

Apresentaremos os resultados da pesquisa, sendo estes separados por grupos de conversas, que expõem a percepção do ser aluno, da escola, do outro aluno e professor. Os questionários serviram de apoio para as provocações durante as rodas de conversa, pois percebemos que, nas amostras que temos, alguns alunos preferem escrever e não falar e outros lidam melhor com a exposição oral.

Nas rodas de conversas, os alunos foram convidados a participar, independentemente de terem respondido o questionário ou não. Partimos da premissa de que esses alunos têm visões diferentes e que divergem e se convergem em determinados pontos e trazem qualidade para a pesquisa.

Propomos discutir com cada grupo algumas perguntas específicas referentes ao ano/série que esses alunos estão, portanto, levando em consideração os anos de vivências desses educandos transitórios na unidade escolar.

3.3.1 O adolescente: o estágio final dos “barulhos de felicidade”

Retornei ao nono ano do ensino fundamental para conversar sobre as respostas que alguns alunos daquele grupo deram. Retomei explicando o intuito da conversa e da pesquisa, falando sobre o sigilo das respostas e do vídeo que seria gravado para a análise das falas e que os nomes seriam mantidos em sigilo e que usaria codinomes para representá-los.

Diante do fato de serem gravados, mesmo com a autorização de uso da imagem assinados pelos responsáveis, alguns alunos se sentiram acanhados em conversar sobre as suas e as percepções dos demais, fato esse que não interferiu no resultado da pesquisa. O espaço de fala dos alunos foi mantido e aberto para quem quisesse soltar o verbo.

Começamos as provocações para que os alunos fossem estimulados a falar, soltassem a voz, o verbo, pois esse era o espaço ideal, escondidos atrás de uma máscara, que os protegia do vírus e dava uma sensação de invisibilidade ou camuflagem, conforme dito por um dos participantes.

A primeira provocação foi acerca dos agentes formadores: Como você avalia a atuação dos agentes formadores (diretora, vice-diretora, coordenador, professores, agentes de organização escolar, funcionárias da limpeza e cozinha)?

Começando pela diretora da escola, um silêncio absoluto reinou no ambiente, talvez por ser a primeira pergunta ou talvez por se tratar da figura temida da direção da escola, muitas vezes ligadas ao ato de punição. Menezes quebrou o silêncio e disse: *“Eu não conheço ela, mas eu vi ela semana passada lá embaixo (pátio)”*. Em seguida, Ana disse: *“Já vi ela umas 5 vezes no máximo”*; e Samanta: *“Eu conheço ela, mas não sei o nome, só vejo de olhar mesmo”*. Para provocá-los e incentivá-los a falar, complementei perguntando quem havia tido algum tipo de contato com a diretora. Samanta não hesitou em falar: *“Ah, então, né, teve um dia que eu cheguei um pouquinho atrasada, só um pouquinho atrasada e ela estava lá embaixo e eu perguntei se podia subir e ela deixou eu subir e só disse para eu chegar mais cedo”*. Dando continuidade e “cutucando os alunos com a vara curta”, perguntei por que eles achavam que não a conheciam. Gabriely se manifestou e corrigiu o seu nome, pois eu havia dito errado: *“[...] eu acho porque ela não trabalha no nosso setor, fica mais para o coordenador MJ1 monitorar e conversar e ver a gente e ela fica com os casos mais graves”*. Falando em caso grave, Ana se recordou de um episódio em que a diretora estava presente: *“Eu acho que eu já falei com a Diretora e todas as meninas da sala, foi um caso grave que aconteceu lá em 2019”*.

Os fatos marcam os alunos e os ligam aos agentes formadores, no caso, à diretora da escola. Quando Gabriely disse que a diretora atende apenas casos graves, despertou em Ana essa lembrança de um caso em que todas as meninas foram conversar com a diretora. Achei importante esclarecer para os alunos que, pelo fato de a escola ter seu horário de funcionamento em três períodos, o horário da diretora era dividido entre os três períodos e, por conta das demandas administrativas, eles a viam pouco entre eles, mas que na escola ela estava todos os dias.

O(A) diretor(a) de escola sempre foi visto(a) como uma pessoa opressora, rígida, punitiva, porém, na fala dos educandos, percebemos que essa imagem a diretora da escola pesquisada não possui, pois ela é ligada a atos de gentileza e ao mesmo tempo à pessoa que resolve os “casos graves” da escola. As políticas educacionais, cada dia mais, estão afastando a direção do pedagógico, transformando

esse cargo cada vez mais em administrativo e quebrando as relações e o contato com os alunos.

O Dimas se escondeu nas pesquisas escritas e na roda de conversa ele continuava escondido. Dimas escondido não quis expor a sua opinião, porém na escola, no dia a dia, é um aluno participativo, respeitoso. Mas, diante da câmera, o silêncio. Ele se escondeu. Todos os alunos foram posicionados para que aparecessem na gravação, porém ele deslizou para o lado e permaneceu escondido.

Próxima questão: A vice-diretora, como vocês avaliam a sua atuação? Gabriely, com um tom de voz baixo e acanhado, pergunta: *“Quem é?”*. Respondi que não era eu, pois eu acompanho apenas os alunos da tarde. Falei que era a professora M1, porém a dúvida ainda permaneceu. Fui descrevendo as características da vice-diretora, o corte e cor do cabelo e Gabriely perguntou: *“É ela? Nem parece!”*. Questionei o porquê ela achava que “nem parece”. Gabriely respondeu: *“Porque ela fica aqui no corredor e parece mais inspetor”*. Perguntada sobre o porquê dessa percepção, Gabriely diz: *“Não sei, ela não parece vice-diretora”*. Arcanjo, na sua primeira manifestação, expôs a sua confusão, pois pensava que outra pessoa era vice-diretor: *“Pra mim, tipo, no meu caso, eu pensava que o MJ1 era o vice-diretor, por que ele faz várias coisas”*. Alguns jovens adolescentes também concordaram com a fala da Arcanjo e expuseram verbalmente essa visão. Instigando o Dimas para falar, perguntei se ele também concordava com os demais colegas. Dimas, envergonhado, abriu um sorriso tímido com os olhos, sem palavras. Expliquei que eu também era vice-diretor da escola, mas meu trabalho estava ligado diretamente aos alunos do período da manhã e com eles, do período da tarde, indiretamente.

Essa confusão de figuras foi algo que identificamos nas pesquisas, pois há uma rotatividade grande dos vice-diretores que acompanham o período da tarde. Desde o tempo que ingressaram na escola, já passaram por eles três vices em um período de quatro anos. Tal identidade de vice-diretor acaba se perdendo ou se confundindo com outros agentes formadores que atuam com mais proximidade com os discentes. No caso citado, foi o coordenador que os acompanha desde o sexto ano do ensino fundamental, portanto, uma relação de confiança de quatro anos.

Falando em relação de confiança, foi essa a visão que os educandos têm sobre o coordenador do período da tarde e foi muito bem representada na voz da Ana: *“Eu acho que o MJ1 acaba sendo muito presente, acaba estando muitas vezes com a*

gente, auxiliando a gente e é mais presente que os outros". Ainda na relação de confiança, Gabriely afirmou: *"Eu me sinto mais confortável em pedir orientações para ele, que eu já tenho costume e adaptação do que com os outros"*. Menezes concordou com Gabriely e, quando questionada sobre o porquê da concordância, ela expôs uma experiência que requer mais uma vez confiança: *"Porque quando eu tive depressão eu me senti confortável em falar com ele"*. Perguntei se mais alguém gostaria de falar. Um silêncio plainou no ar por alguns segundos e, de repente, Gabriely falou: *"Foi ele que me encomendou para a psicóloga da escola, passei várias vezes com ela"*. Com relação a isso, podemos citar a didascia de Paulo Freire, na qual a construção do trabalho pedagógico se dá em conjunto com o discente.

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 2011, p. 24)

Professores, ou amam, ou rejeitam, ou são indiferentes. Mal acabamos de perguntar qual a percepção deles para com os professores e as mãos já se levantaram. Logo percebi que esse assunto daria muito o que falar, "muito pano para manga". Gabriely foi a primeira a expor a sua opinião: *"Tirando alguns, bem assim, alguns, esse ano e os outros anos estão muito chatos, muitos chatos, pegando no nosso pé por nada, literalmente por nada"*. Quis saber o que seria pegar no pé por nada, qual seria o motivo, e Gabriely esclareceu:

Exemplo, eu não vou citar nomes, porque não gosto de citar nomes, mas tem uma professora aí (risos), tem uma professora aí, que ela implicou comigo, eu estava conversando, mas eu já tinha respondido toda a lição, já tinha feito tudo, aí eu falei pra ela que eu já tinha feito as lições, já tinha feito tudo e minha colega que eu estava conversando também já tinha feito, aí ela queria falar com a minha mãe, aí eu falei brincando que a minha mãe não gosta de seres humanos, aí a professora já levou a sério e falou que queria falar com a minha mãe, aí fiquei brava e falei por que vai falar com a minha mãe se tem vários alunos aqui na sala que não faz lição, conversa, sai da sala, faz muita coisa que não pode e você não reclama e eu que faço tudo e tenho nota boa você está implicando. E tem outros professores que estão implicando por nada.

Os demais alunos concordavam com a fala da Gabriely e, descontraidamente, foi citado o professor que carrega o mapa mundi. Perguntei o nome do professor, porém não sabiam, somente o conheciam como o professor que carrega o mapa mundi. Expus que, na fase escrita, alguns deles citaram o mesmo termo: *"o professor que carrega o mapa mundi"*. Começaram a rir e Ana interrompeu os risos e falou: *"O nome dele é A1 gente"*. Ana aproveitou o momento e pediu a palavra e sua fala foi contrária a da sua colega:

Os professores de uns tempos pra cá, eles estão aparentemente estamos aprendendo mais com eles e com alguns professores nós continuamos sem aprender nada, mas tirando alguns, eles estão mais presentes, estão ensinando mais coisas e mais fácil pra gente entender.

Gabriely também concordou com a fala da Ana e acrescentou alguns pontos importantes: “*Os professores novos, que a gente não tinha antes, estão passando mais lição, estamos compreendendo mais, estão explicando melhor as matérias que os antigos*”.

No seu estudo, Vale Pereira²¹ (2003) citado por Canário (2005) representa com exatidão as falas dos adolescentes em fase de transição:

[...] uma relação “mitigada” caracterizada por uma relativa identificação com a escola, mas “simultaneamente marcada pelo acaso dos encontros e desencontros, a ambivalência entre interesse e desinteresse, picos de prazer e desprazer – dependentes das situações vividas, bem como das pessoas que as protagonizam, importantes fontes de desmobilização ou mobilização ocasional para a escola” (VALE PEREIRA, 2003, p. 326). (CANÁRIO, 2005, p. 146).

Mediante as falas das alunas, fiz uma síntese, expondo os pontos principais da nossa roda de conversa, na qual citaram que os professores novos ensinam melhor que os professores antigos. Nesse momento, fui interrompido pela aluna Gabriely, que falou: “*Tem uma professora nova de ciências que explica melhor que a antiga, dá pra entender melhor*”. Ana, a todo momento muito participativa, decide questionar uma parte da fala da Gabriely, para que ela respondesse, quando cita que os professores que vêm de fora estão ensinando melhor que os professores daqui da escola. E ela responde sem pestanejar que tal fato se dá porque os professores novos estão retomando o conteúdo do 8º ano para iniciar o conteúdo do 9º e na grande maioria dos professores efetivos da escola, estão iniciando o conteúdo de 9º sem retomar o conteúdo do 8º.

Ao abordar a questão da aprendizagem significativa, Almeida *et al.* (2018, p. 134) analisam:

Para Ausubel²² (1980), uma criança só irá aprender se o professor partir dos conhecimentos que a mesma já tem e estes conhecimentos prévios servirão de âncora para construir um novo conhecimento que, por sua vez, terá muito mais significado para o educando.

²¹ VALE PEREIRA, Ana Maria de Sousa Loureiro do. **Alunos, aprendentes e aprendizes**: um estudo etnobiográfico sobre percursos de formação. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2003.

²² AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Tradução de Eva Nick et al. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

Algumas ações metodológicas auxiliam melhor os alunos a compreender e fixar os conteúdos e essa relação de confiança que existe entre esses professores e esses alunos chega a contribuir para uma melhor compreensão por parte dos alunos. Após um tempo em silêncio, somente observando as respostas dos demais alunos, Diogo resolveu expor a sua opinião sobre os professores:

Um exemplo, de 10 professores, 5 novos a gente tem aprendido muito mais, eles ensinam muito mais coisas que os outros professores, vou dar um exemplo, o professor de Geografia, ensina mais coisas sobre de história que o próprio professor de história e é como a professora de ciências ela ensina um milhão de coisas a mais do que a gente deveria ter aprendido com a outra professora, muitas vezes por ela não querer passar e esse ano a professora nova ensina muito melhor e de um jeito ou de outro ela faz a gente entender.

Questionei o aluno se essa percepção dele seria referente ao ano de 2019, quando estávamos no ensino totalmente presencial, ou ao ano de 2020, no ensino remoto. Ele respondeu que a avaliação dele foi como um todo, incluindo os dois anos e esse meio ano de 2021. Freire (2011) fala da inconclusão do Ser inacabado, porém, na fala de Diogo, podemos interpretar que ele conclui que alguns professores se sentem como seres “acabados, conclusos”. Mas “[...] é na inconclusão do Ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (FREIRE, 2011, p. 54).

Não poderia deixar de provocar o aluno Diogo, e perguntei: O que os professores novos fazem que eles ensinam melhor? E prontamente o aluno disse:

É como eles prendessem a gente de um jeito bom, eles ensinam de um jeito que a gente se sente confortável em aprender, sem ter uma obrigação. Tanto que alguns professores não passavam conteúdo mesmo e chegava o terceiro e quarto bimestre começavam a passar um monte de coisas que eles mesmos não tinham ensinado, já eles não, eles ensinam pra gente e mostram a lição de um jeito pra gente, que nos deixa confortável e realmente aprendemos.

Alguns princípios não podem ser ignorados, quando nos referimos a uma prática docente respeitosa e quando seguimos os conceitos do mestre Paulo Freire: “[...] participação ativa e democrática, liberdade, autonomia, motivação, diálogo, práxis, respeito, reflexão, afetividade e ‘dodiscencia’.” (ALMEIDA *et al.*, 2018, p. 137).

E provocando ainda mais o aluno, perguntei se seriam esses fatores que, ao seu ver, os tornariam professores melhores, e Diogo respondeu assim:

E um fator que eles sejam melhores é que eles explicam coisas que outros professores não faziam, eles literalmente ensinam a gente o que os outros professores não queriam nem fazer, eles literalmente explicam os que estão fazendo parte por parte, passo por passo e os outros professores só faziam um resumo e coloca pra gente engolir e era isso que a gente deveria fazer.

Arcanjo, em sua manifestação, diz que *“O professor fala uma coisa que é o ponto de vista dele, mas ele não chega e pergunta qual o ponto de vista de vocês sobre isso, isso e isso”*.

Canário (2005, p. 74), ao citar o famoso filósofo Karl Popper, reflete sobre o “professor infeliz”, algo simples, porém desconcertante:

Segundo Popper, muitos professores estão, de algum modo, prisioneiros da escola e profundamente infelizes por não poderem sair [...]. E justifica: “Enquanto um grande número de professores permanece amargos, tornarão as crianças amargas e infelizes”.

Decerto, os alunos acabam percebendo e expondo em suas falas esse professor prisioneiro, infeliz em sua profissão e, na sua prisão espontânea, como cita Canário (2005, p. 74), ele está ali para “[...] pôr os alunos a trabalhar [...]”.

Os alunos entrevistados, quase que na sua totalidade, têm as mesmas falas sobre alguns professores: que o conteúdo é desconexo, não tem uma continuidade, não explicam os conteúdos e ficam o tempo todo no celular. Ressalto que essas percepções são dos alunos que já têm uma vivência de quatro anos na escola, portanto, conhecem os professores e, por se tratar de uma escola que tem 80% dos professores efetivos, a probabilidade de os alunos terem vários anos de aula com aquele(a) mesmo(a) professor(a) permite-lhes perceber esses vícios, assim como o professores também podem entender mais a fundo quem são seus alunos, devido à relação boa ou não que se constrói no decorrer dos anos. Quanto a isso, Diogo tem uma fala muito significativa: *“Os professores até poderiam ser bons, mas o jeito de ensinaram pra gente, fazia com que a gente tivesse deles uma imagem muito negativa”*.

Nesse sentido, Canário (2005, p. 76) sugere a formação de uma comunidade de aprendizagem e que seja comum o gosto pelo estudo:

Temos hoje nas nossas escolas, manifestações de recusa do trabalho escolar, que são comuns a professores e alunos e cuja resolução não pode ser dissociada. O problema não reside em saber como é que os professores põem os alunos a trabalhar (na óptica do capataz), mas, sim, como é que as escolas podem ser locais onde professores e alunos (nos seus respectivos papéis), formem comunidades de aprendizagem que tenham em comum o gosto pelo estudo.

Ana, sempre muito crítica em suas falas, fez um resumo sobre algumas matérias:

É, tem outras situações com outros professores, professor de educação física, dá a bola e você faz o que bem quiser de educação física, e esse ano que estamos aprendendo alguma coisa de educação física, matemática dois anos com a mesma professora e eu não aprendi nada com ela e o desse ano que está passando conteúdo pra gente, ahm ciências, não aprendi nada em

ciência, história, eu não aprendi nada, agora é procurar aprender e procurar também na internet e os professores estão buscando bem lá trás pra gente conseguir entender.

Na visão de Canário (2005, p. 80), a escola se tornou uma reprodutora de desigualdades:

A sociologia da “reprodução” pôs em evidência o efeito reprodutor e amplificador das desigualdades sociais, desempenhado pelo sistema escolar. Na medida em que se democratiza, a escola compromete-se com a produção de desigualdades sociais e deixa de poder ser vista como uma instituição justa em um mundo injusto.

Segundo Dubet (1998, p. 119), “A escola não é uma ilha deserta e isso não nos livra de construir a melhor escola possível, apesar do mundo ser o que é, e sem o aceitarmos como tal é”. Dessa forma, as relações entre alunos e professores em sala de aula é sempre algo interessante, pois é na sala de aula que as relações acontecem e “desacontecem”. Os alunos expõem que, quando a sala está agitada e o professor não consegue ter a atenção de alguns alunos, eles simplesmente apontam o que é para ser feito e não explicam mais nada. Acaba sendo apenas uma reprodução de algum texto, exercício ou algo do tipo. Literalmente, a sala de aula é um ambiente desafiador e de muitas vivências que levam à aprendizagem dos alunos e, principalmente para os professores, essas experiências servem como aprendizagem para a sua melhora metodológica ou não. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, apresenta uma frase muito significativa que se encontra com as falas dos futuros jovens ou recém-adolescentes, exemplificando os vários tipos de professor. Para ele, existe

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar a sua marca. (FREIRE, 2011, p. 61).

Contudo, o professor do mapa mundi já deixou a sua contribuição, a sua marca significativa, juntamente com a professora de ciências. Talvez o carisma seja a palavra certa para descrevê-los, assim como os popularmente conhecidos como tias ou tios do corredor têm uma função de muito contato com os alunos, criando uma relação de confiança e afeto para com eles. Quando perguntados sobre o que eles achavam dos tios e tias do corredor ou, corretamente falando, os agentes de organização escolar, Gabriely disse: “*Saudades do Gilmar*”; e Arcanjo lembrou: “*Tem aquele outro tio, o Moises*”. Perguntei o motivo da saudade e Gabriely afirmou:

Que o jeito que ele cuida da gente é legal e engraçado e ele falava direto pra gente: “Entra para a sala aí por favor”, essa fala ficou na nossa cabeça o ano

inteiro, e quando vinha ele, já sabíamos o que ele ia falar, e o jeito que ele cuida e trata a gente é carinhoso, ele brigava, quando tinha que brigar ele brigava, ele era bruto mas carinhoso.

Menezes perguntou o nome da tia baixinha, pois na outra escola de ciclo I ela era inspetora lá também, e quando chegou na Escola Gustavo Barroso se deparou com ela aqui: *“Lá eu não gostava dela, porque não deixava eu correr, aqui eu comecei a conversar com ela nos intervalos e ela ficou legal”*. Para Gabriel, *“[...] ela é muito engraçada”*. Perguntei porque ele a achava engraçada, e ele respondeu: *“Tudo que ela faz é engraçado”*. Os educandos citam outros agentes com algumas particularidades. Ana: *“Eu gosto de tia Elaine, ela fica um pouco a tarde aqui com a gente, eu gosto do jeito dela”*. Gabriely: *“E a tia A1, eu gosto dela, ela é excelente, legal e ela tem um jeito de gritar com nós e xingar, mas eu gosto dela”*. As vivências informais no espaço escolar não podem ser negligenciadas, pois carregam muitos ensinamentos e transferências de saberes, como cita Freire (2011, p. 40):

Se tivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significações. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegado das escolas.

O ensino não se dá somente pelo ato formal de aprender, mas também pela informalidade dos corredores, recreios, em uma conversa e na percepção de um simples “chamar de atenção”, que chega cheio de uma “assunção da identidade cultural”, como cita Freire (2011).

As famosas, pelo menos na forma de tratamento, “tias da limpeza” desenvolvem um trabalho primordial na escola, que são reconhecidas, tanto pelo trabalho como pelo contato ou as relações que vão desenvolvendo no decorrer dos anos. Menezes, imediatamente, fala, quando pergunto das tias da limpeza: *“Ahh tem uma tia baixinha, ela é moh legal, pena que ela saiu da escola, ela ajudava a gente no intervalo”*. Samanta relata que quase não as vê: *“Esse ano eu só vi a tia loira, ela fica o tempo todo lá em cima”*. E Gabriely: *“Eu só vejo a tia morena, toda vez lá no bebedouro, sempre que eu vejo, ela está no bebedouro, o restante das tias eu não vi mais nenhuma, nenhuma”*. E, mais uma vez, Ana vem com a sua sabedoria adolescente e encerra as falas com um depoimento valoroso: *“Elas fazem um trabalho maravilhoso, a escola está limpa”*. Diogo interrompe e diz: *“[...] há algum tempo atrás era bem difícil a escola ficar limpa”*. Mas Ana rebate: *“É, naquele tempo, mas hoje em dia está bem boa a limpeza”*. Não havendo nenhuma outra consideração, perguntei

sobre as “tias da cozinha” e Gabriely afirmou: “*São maravilhosas, as duas tias da cozinha, por que elas sempre colocam muita comida no meu prato, elas são legais, sempre brincam e são extrovertidas, são legais*”. Ana relata que nunca comeu a comida da escola, mas acha as tias legais: “*Eu gosto delas*”. E Arcanjo, apressada, pois havia dado o horário para a saída, dá seu depoimento: “*Bom é, quando tinha aula, tipo no 7º ano, eu não gostava das tias da cozinha, porque elas olhavam com uma cara que pare parecia que ia me matar, aí eu não gostava, mas agora eu gosto*”.

Algo é fato e podemos perceber nas falas dos veteranos do ensino fundamental: de quem eles gostam eles falam e daqueles que não gostam também falam. Todas as falas foram de grande valia para caracterizar um pouco da Escola Gustavo Barroso e as pessoas que fazem parte desse processo de construção de uma identidade escolar e que, de alguma forma, marcam a trajetória desses estudantes, tanto positivamente como negativamente.

Portanto, as ligações e conexões que os sujeitos fazem vão ligando os autores da escola. Quando se fala em resolver algo grave, a diretora da escola recebe uma conexão da Ana: “*Eu acho que eu já falei com a diretora e todas as meninas da sala, foi um caso grave que aconteceu lá em 2019*”. A conexão com a vice-diretora se dá pelas características físicas (cabelo), mas não a reconheciam como, pois a permanência de docentes na vice-direção do período da tarde é inconstante, levando a uma quebra de conexão, diferentemente da coordenação pedagógica do ensino fundamental, em que o coordenador os acompanha desde o 6º ano e mantém uma relação de confiança e segurança, e podemos listar alguns adjetivos e curtas frases citados pelos sujeitos: “*Passa confiança, é presente, nos auxilia, sinto confortável em falar*”. É um trabalho de dignificar a permanência dos educandos na escola, que é reconhecido pelos mesmos.

Todavia, o reconhecimento do trabalho pedagógico dos professores é exposto claramente. Os pontos positivos e negativos e as relações e conexões se formam e se quebram. E qual seria o motivo dessa quebra, rompimento? A conexão com o professor do mapa mundi e com a professora de ciências se formam e ganham forças, enquanto com a ex-professora de matemática, professor de educação física, professor de história, o elo se rompeu, e em algum momento se tentou calar os alunos. Nesse sentido, a fala do Diogo serve de reflexão para todos: “*Os professores até poderiam*

ser bons, mas o jeito de ensinaram pra gente, fazia com que a gente tivesse deles uma imagem muito negativa”.

No afago, no grito carinhoso e cheio de energia, no “entra para a sala”, são os agentes de organização escolar, os famosos tios e tias do corredor, que são lembrados com saudade e carinho e, mesmo com tantas chamadas de atenção, não percebem como atos opressores e sim como atos carinhosos e, falando em carinho, foi a forma como se referiram às tias da limpeza e às tias da cozinha. Não estão ligadas diretamente ao ato de ensinar, mas fazem parte das relações existentes na unidade escolar.

Todos terão algo a dizer, seja daqui ou de lá. O importante é dizer, para que uma possível mudança possa acontecer.

E encerro este diálogo com uma bela canção de Marisa Monte, *Portas*, e faço uma relação com a escola: “Não importa qual, não é tudo igual, mas todas dão em algum lugar”.

*Nesse corredor
Portas ao redor
Querem escolher, olha só
Uma porta só
Uma porta certa
Uma porta só
Tentam decidir a melhor*

*Qual é a melhor
Não importa qual
Não é tudo igual
Mas todas dão em algum lugar
E não tem que ser uma única
Todas servem pra sair ou para entrar
É melhor abrir para ventilar
Esse corredor*

*Nesse corredor
Portas ao redor
Querem escolher, olha só
Uma porta só
Uma porta certa*

*Uma porta só
Tentam decidir a melhor*

*Qual é a melhor
Não importa qual
Não é tudo igual
Mas todas dão em algum lugar
E não tem que ser uma única
Todas servem pra sair ou para entrar
É melhor abrir para ventilar
Esse corredor*

3.3.2 O que fala a dança das canetas: lapisando o futuro com a borracha na mão

Em um dia com frio na bexiga, retornei à sala das terceiras séries do ensino médio. Nesse dia, havia poucos alunos. Assim, eu agrupei todos em uma sala para iniciarmos a roda de conversa sobre a percepção deles sobre a escola e sobre todos que ali atuam.

Fizemos um apanhado do que já haviam escrito e sobre as poucas palavras que havíamos trocado no dia da entrevista, e ressalto que não teremos a fala do aluno da educação especial, pois ele acabou sendo transferido para uma escola mais próxima da casa dele; mas apresento o desenho que fez, representando o sentido de escola para ele. Relembrei também a organização das falas, orientando que todos pudessem ouvir e falar sem interferência e que não estava ali para questioná-los; porém essas contrariedades de pensamentos e conflitos de ideias foram surgindo entre eles mesmos.

Pude perceber que as respostas dessa turma são amadurecidas, diferente da turma dos nonos anos – estágio final dos barulhos de felicidades. Nesse grupo, as respostas são fundamentadas e conscientes, consequência da bagagem desses longos anos de estudo na escola pública, em meio às suas amarguras e felicidades.

Logo iniciei, lendo todas as perguntas que faria e que seriam específicas para eles e para os nonos anos, por conta das vivências na escola, com uma avaliação de todos os setores, mas na percepção dos alunos.

Primeira pergunta foi sobre os agentes formadores e comecei a falar sobre a função da direção da escola, da diretora da escola e como eles a percebiam na Unidade. Lancei a pergunta e o silêncio se instaurou na sala. Fui instigando-os a falar,

se eles já a haviam visto na escola, se eles sabiam quem era e de repente alguém falou. Loiola reconhece que há uma participação nas decisões, porém o contato com os alunos é pequeno:

Eu não vejo muita participação dela quanto, referente aos alunos, mas deve ter muito impacto nas escolhas da escola para fazer a mudança, tanto de novas coisas que aparecem, tipo televisão, acho que tem uma grande participação dela também, mas com a participação com os alunos, falar com os alunos, é quase nula.

Oliveira aproveitou o embalo e soltou o verbo:

Acho que ela deveria participar mais assim do dia a dia, saber como é a sala de aula, como está sendo o dia a dia dos professores, não só dos alunos. Ela tem que ser mais comunicativa também, por que tipo entrou pessoas novas na escola e por que ela não se apresentou? Também não sei se ela se apresentou, é o que eu penso, ela deveria participar mais.

Schinaider também falou:

É assim, ele (Oliveira) comentou, ele não sabe se ela chegou a se apresentar, eu estou no Gustavo desde o sexto ano, estudo aqui desde o início e eu nunca vi a G1 pegar para conversar com os alunos, a única vez que eu peguei para conversar com a G1, eu fui parar na sala dela, porque se eu não tivesse de ir parar na sala dela, eu nunca teria conversado com ela. Ela nunca foi na sala, nunca parou um aluno no corredor. Tipo isso é um dos motivos de achar que o diretor da escola é você (G2), o vice diretor o R1, porque eles não chegam a ver a diretora da escola e como o Loiola falou, seria interessante, tipo, todo ano entram alunos novos na escola, ela pegar pelo menos no início do ano, entrar em todas as salas e se apresentar como a diretora da escola, por mais que ela não tenha vivência com os alunos, para que os alunos saibam quem é ela, pra que ela tenha seu reconhecimento dentro da escola, se não ela, para os alunos será somente mais uma pessoa dentro da escola.

Expliquei para eles que a função de diretor é burocrática, e é por isso que ela tem três vice-diretores que fazem esses contatos, que estão na dinâmica do dia a dia com os estudantes, que estão passando nas salas, recebendo-os no início do ano e, conseqüentemente, todo esse movimento em nome da diretora e que a diretora sabe de tudo que acontece na Unidade Escolar por intermédio dos seus vice-diretores.

Schinaider pediu a palavra novamente:

Eu não cobro a participação dela, de direto ela vir na sala, de ter uma conversa com a gente, seria mais para que os alunos soubessem que ela é a diretora. Tem muitas crianças que eu conheço do período da tarde, que acham que o diretor da escola é o G2, não, não é o G2, o G2 é o vice-diretor, provavelmente eles não conheçam a diretora que é a G1, então, tipo, se eu não tivesse ido parar na sala dela, eu não saberia até hoje quem é a diretora, então até então eu não sabia da existência dela, pra mim era você quem era o diretor da escola.

Oliveira interfere na fala: “Esse é meu terceiro ano e nunca vi ela”. Schinaider: “Essa é a questão, todo esse tempo eu vi ela uma vez e esse é meu último ano na escola”. E retoma Oliveira:

Às vezes eu possa ter visto, mas não lembro. Eu acho interessante assim oh, que não tem como criarmos uma crítica com o profissional dela, porque não

sabemos como está sendo a direção dela, como está funcionando a escola. Eu acho interessante abrir esse assunto dela vir conversar com a gente, vir conversar sobre o serviço dela, o que está melhorando e o que está piorando, pois não tem como nós criarmos uma crítica se a gente nem sabe.

Encerrei a percepção sobre a direção da escola com a fala de Oliveira. Apesar de em uma das falas anteriores ele fazer uma afirmação e dizer que nunca a viu na escola, logo em seguida ele fundamenta bem a sua percepção.

Perguntei sobre a vice-direção e quem era o vice-diretor deles. Disseram que sou eu. Risos soaram pela roda de conversa, e deixei claro que, se alguém sentisse mais à vontade em escrever, poderia, mas logo Oliveira me interrompe levantando a mão e dizendo: “*Eu quero falar*”. E mais risos soam pela sala. Nessa pergunta, achei que não obteria respostas, pois eles estariam avaliando o vice-diretor que está na frente deles, porém a relação de confiança que foi construída nesses longos anos permitiu. Oliveira solta a voz:

Eu acho interessante você abrir o portão todos os dias e nos receber com um bom dia, eu acho interessante, por causa que a gente se sente confortável e quando a gente se sente confortável flui e quando é uma pessoa que você nem conhece, não fala um oi pra você, você fica meio. Eu acho interessante.

Loiola também pediu a vez:

Eu acho bem interessante a sua participação, porque você acaba sendo participativo, atencioso, tanto na recepção lá de baixo na entrada quanto na saída, durante a aula está sempre passando no corredor para ver as salas, ver como estão os alunos, às vezes chama para conversar sobre determinado assunto, tem algum comunicado vem e conversa, comunica. Eu acho bem interessante essa participação com os alunos.

E Schinaider acrescenta:

Antigamente eu só via isso como uma função dos coordenadores, das tias, dos inspetores, de passar nas salas, dando um alerta, dando um aviso. Acho uma boa assim, vocês participarem mais. Acho que você está participando mais da vida dos alunos. A gente vai te procurar na sua sala, você não está, ele nunca está lá, ou ele está no corredor, em alguma sala ou pela escola, mas menos na sala dele, lá ele nunca tá, mas acho uma boa essa participação, até na hora do intervalo ele está lá enchendo nosso saco (risos).

Não havendo mais falas, expliquei que sempre trabalhei dessa forma com eles, recebendo-os na entrada e me despedindo na saída, que gosto dessa relação e quando não consigo acompanhar a entrada, parece que falta algo, pois é nesse momento que vejo quem são os educandos que estão na escola, vou recordando de algum assunto que tenho que tratar com determinados alunos e é nesse momento que os chamo e os oriento rapidamente, sem contar com as “resenhas” que ouvimos e ficamos sabendo de todos os assuntos que rodam nos bastidores do teatro escola. Estou quase sempre nos intervalos também. Mesmo que seja apenas para passar entre eles, estar no refeitório ou circular pelo pátio, vejo de grande importância, pois

os vínculos vão sendo criados nesses momentos e em uma situação que requer uma orientação formal para com algum aluno, tendo o vínculo informal, conseguimos tratar os casos com menos desgastes para ambas as partes, em decorrência da reflexão sobre a atitude, da relação de confiança que já existe em meio a uma conversa restaurativa.

A coordenação pedagógica tem uma função essencial. É ela que estabelece uma relação harmônica dentro da escola, quem faz a ponte entre professores, alunos, pais e direção, sempre engajados para oferecer um ensino de qualidade. Portanto, o contato direto com os pupilos é importante e necessário e com isso perguntei qual a opinião deles sobre a coordenadora da escola. Theodoro, sempre falando em cima das falas dos colegas, perguntou quem era a coordenadora da escola. Respondi que era a ML1, e ele, com um ar de brincadeira, disse: “*Dá hora, ahh dá hora entre aspas, porque toda a vez que ela me ver, ela pede para eu arrumar a máscara²³*”. Provoquei a aluna Araujo, que estava calada durante a roda de conversa, perguntando qual a opinião dela e fui questionado o porquê estava perguntando para ela. Respondi que sabia que ela tinha uma opinião formada e que gostaria de ouvi-la, com isso ela soltou a voz:

Ahh eu acho que ela tem um trabalho muito bom, muito esforçada, passa sempre na sala da gente, dizendo o que temos que fazer, centro de mídias e outras lições, então eu acho o trabalho dela muito bom, uma interação boa, sempre passa aqui, alerta no que precisamos melhorar, fala para os alunos quem tem a frequência boa no centro de mídias e quem não tem.

Schneider, sempre ativa, falou também:

Tipo ela é bem participativa, aparece sempre nas salas, errada ela não de encher o “saco” dos alunos, do Theodoro é bem interessante essa questão dela de compreender a opinião do aluno, mas ao mesmo tempo não tirar como uma lei a opinião dela.

E chegamos à pergunta que rendeu muito assunto: os professores que são amados e odiados. Podemos perceber nas falas que são sempre muito sinceras e avaliam os professores como são na realidade vistos pela direção da escola. Nesse período de entrevista, de rodas de conversas, consegui perceber que não precisa ser técnico ou especialista em educação para apresentar o relatório completo sobre os professores, quem são eles e o que cada um necessita, pois as falas dos estudantes fundamentam o que a coordenação pedagógica e a direção da escola deflagram no

²³ Decreto 64.959, de 04/05/2020, dispõe sobre o uso geral e obrigatório de máscaras de proteção facial no contexto da pandemia da COVID-19 e dá medidas correlatas.

dia a dia. Oliveira, ansioso, pediu a palavra e fez um comentário com o qual concordo como professor, vice-diretor e pesquisador:

Que todos os professores precisam de psiquiatra, psicólogo sei lá. Porque lidar com o público não é fácil, por isso que todos os professores ficam louco um dia. Pode prestar a atenção, os mais velhinhos já mais doidinho assim, já é mais chucro, porque já é calejado assim, porque pega vários Theodoros da vida. Eu acho que todos tem que ter um psicólogo. [E falou mais] Eu acho que tem professor que tem que passar no concurso de novo. Oh G2, a professora de português que escreve tudo errado e tem outra professora de português que é arrogante, porque você pergunta para ela qual a matéria e ela já estoura.

Questionei quem eram as professoras, se era a mesma pessoa, e o Oliveira explicou melhor a sua posição: “A estourada é a professora eventual e a professora que escreve errado na lousa é a do primeiro e segundo ano, ela tem que aprender a lidar melhor com o público”.

Schinaider fez um comentário longo sobre a professora de química, porém discordo da percepção da aluna, pois conheço o trabalho da professora e conheço bem a aluna:

Eu tirei uma nota baixa em química e eu estou muito chateada ainda. Porque eu tenho rinite alérgica e quando a minha renite alérgica ataca eu não posso vir a escola, pois os mesmos sintomas da minha renite, são os mesmos da covid, então eu não posso vir para a escola eu fiquei 2 semanas com a renite atacada, deixei a coordenadora avisada e ela disse que não teria problema. Nesse meio tempo que eu fiquei em casa, fazendo as atividades pelo centro de mídias, a professora de química passou um trabalho, aí eu cheguei na escola e falei para a professora me dizer qual era o tema do trabalho, ela me passou o tema do trabalho, mas ela não disse o que era para fazer. Aí fui perguntar para uma menina da classe e ela falou a mesma coisa, fiquei com nota vermelha porque eu não fiz o trabalho, mas ela deu uma prova para os alunos que não fizeram o trabalho depois. Já passou um tempinho, mas a professora me olha com cara feia porque eu não fiz o trabalho dela. Quando o aluno falta, e depois vem para a escola, os professores têm que tirar um tempinho para explicar para o aluno o que ele perdeu, como tem que fazer os trabalhos.

Nesse período que a aluna relata, a escola estava funcionando em escala de revezamento dos estudantes, então com a ausência por duas semanas ela acabou ficando defasada em relação aos que estavam frequentando. A professora, nessa situação, como sugere Schinaider, não teria tempo hábil para ficar voltando o conteúdo ou explicando-o toda vez que aparecesse presencialmente um aluno. Percebam que em um trecho da fala, Schinaider relata que a professora deu prova para quem não fez o trabalho. Perguntei se ela a fizera e obtive a resposta que não fez a prova porque faltou nesse dia na escola.

Na roda de conversa viva de vozes caladas, tive a ousadia de perguntar para os jovens que não haviam se manifestado e Guazai foi a primeira “vítima” com belas palavras que soavam pela roda:

Eu acredito que muitos professores são inspirações para os alunos, eu acredito também que quando um aluno é interessado, independente se o professor é bom ou ruim e vai aprender, por isso vai além do professor, mas eu admiro muito o professor de filosofia e a professora de sociologia, e acredito que se não fosse o impacto deles na minha vida eu simplesmente teria arrumado qualquer emprego e vivido a vida como a maioria dos mais velhos vivem, aceitando que é isso, mas não, a professora de sociologia sempre me mostrou que eu tenho capacidade de evoluir. Eu acho que os professores são exemplos dentro da sala de aula e o que você quer, só basta estudar.

E Soares, com apenas quatro semanas na escola, sentiu-se à vontade para expor a sua percepção também:

Eu estou aqui a 4 semanas, entrei aqui no final do terceiro bimestre e com as aulas eu acho os professores bem competentes e faz bem a função deles, ensinam direito, por causa que as poucas semanas que estou aqui, eu acho que aprendi mais coisas do que com as aulas no virtual, então eles estão de parabéns com as aulas no presencial.

E, logo em seguida, Loiola completou:

Eu acho o trabalho dos professores excelentes, como eles ensinam, os métodos de ensino que eles apresentam, mas muitos professores têm um método de ensino, o que eles passam durante a aula que não atinge o aluno, pode ser que o dia tenha sido muito estressante e com a rotina da sala ele acaba estourando com isso. A maioria em si, eu acho que trabalham bem, tanto a conversa como a explicação dos professores são excelentes para passar o conteúdo para os alunos.

Oliveira, sempre completando as falas dos colegas, analisou:

Eu acho que os professores daqui são muito limitados, porque sempre a mesma rotina, tv, passou o texto, explicou já era, faltam ideias, recurso também que a escola não dá, tipo ferramentas, vamos supor: laboratório de ciências, não tem recursos, não tem algo que prenda a atenção dos jovens, porque a gente gosta de ver a coisa acontecendo. Inclusive o nosso professor de biologia é muito bom.

Na visão do aluno, o laboratório, como citado, não está montado, talvez por desleixo da escola, e com essa fala expliquei que os recursos que a escola recebe não são suficientes para montar o laboratório, porém que, nesse ano de 2021, em outubro, a escola recebeu um recurso destinado para a montagem do laboratório de ciências, física e química, mas eles não iriam usufruir por estarem no último ano.

Araujo também falou sobre os professores, e suas respostas no questionário somente reafirmam a sua fala:

As minhas matérias favoritas são geografia, filosofia e sociologia e que acho que como a Guazai, esses professores tiveram uma influência muito importante na minha vida e quando eu estava na pandemia em casa, eu tomei vergonha na cara e fui estudar, aí eu me apaixonei por sociologia e essas outras matérias, tanto que agora eu pretendo fazer uma faculdade de

ciências sociais e foi por influência desses professores e aqui eu estou aqui desde o sexto ano e tenho um carinho por todos os professores, apesar de não concordar com todos os métodos de ensino e mesmo a minha aprendizagem ser muito defasada, não sendo uma educação completa, então eu acho que vou fazer o vestibular e eu não estou preparada, porque eu não tive essa educação completa, mas os professores foram muito importantes e a razão de eu querer estar em uma faculdade é fazer a diferença.

Não é somente ela que sai despreparada do ensino médio; são todos os estudantes, com uma defasagem gigantesca por conta de um sistema falho e omissivo.

Abro um parêntese para usar a defasagem citada por Araujo e justifico essa defasagem deles por alguns fatores: constato que há alguns professores descompromissados com a educação do aluno pobre, pois desde o sexto ano do ensino fundamental dessa leva de alunos, em um ano tinha o professor de matemática e não o professor de língua portuguesa e no ano seguinte vice-versa, mas não é que não tinha por que não tinha professor, mas sim porque os professores não apareciam na escola para as aulas. Apareciam uma vez ao mês e a gestão escolar ficava de mãos e pés atados para resolver tal problema, pois a escola não podia enviar essas aulas para que fossem atribuídas para outros professores, porque os professores ausentes são efetivos. Ingressam no ensino médio e a história permanece, agora com outras matérias essenciais, e chegam ao terceiro ano, desprovidos da linguagem, da química e da exatidão das exatas. Os encaminhamentos legais, relacionados à frequência irregular ou abandono de cargo desses professores, sempre foram feitos, mas, como o processo é moroso, esses alunos concluem a sua história na Escola Gustavo Barroso despreparados para um vestibular, Enem, concurso, somente exposto ao mercado de trabalho.

Encerro essa conversa sobre os professores com a fala de uma filha de professora, que vê na mãe um exemplo a seguir. A fala doce de Aires representa um pouco das falas de todos os alunos:

“Eu acho que eles se esforçam muito, minha mãe é professora de educação infantil e eu vejo o quanto ela se esforça para levar as atividades para as crianças e eu penso que deve ser da mesma forma aqui na escola. Eu vejo que tipo assim, aqui na escola, muitas das vezes alguns alunos acabam não se esforçando para aprender na sala de aula e muitas vezes e isso acontece muito, os alunos tipo que ignorando a aula e isso pode desestimular o professor.” (grifos do pesquisador).

Ops, desculpa, não consegui encerrar, Oliveira tem mais uma observação a fazer: “Professor não tem vida particular”. Com isso, a roda toda começa a rir e encerramos esse primeiro momento da conversa.

3.3.3 Um segundo momento: os mesmos autores e outras gentes

Retornei para a sala de aula na mesma semana e me deparei com alunos que não estavam no primeiro momento da roda de conversa. Retornei para ouvir a percepção dessas gentes chamadas de estudantes, educandos ou jovens gentes, sobre o professor de orientação de convivência, funcionárias da limpeza e da cozinha.

Reforcei os combinados para que todos pudessem falar e ouvir. Mas, às vezes, sempre tem uma interferência no decorrer, o que é normal da dinâmica de uma escola, sala de aula ou atividade pedagógica. Comecei perguntando sobre o professor de orientação e perguntam: “*Quem é?*”. Isso ocorre pois os alunos estão acostumados a chamar o professor pelo seu nome, que é R1 ou pelo sobrenome R. Xavier começou a falar, abruptamente, e afirmou: “*Ele é da hora porque sabe compreender os alunos, sabe compreender os problemas e tem certo aí que distrata, mas não estou falando de mediador*”. Logo em seguida, perguntei se havia alguma outra percepção e Amorim se manifestou: “*Eu acho que ele é um professor muito necessário, porque ele entende, chega a uma certa concordância e por mais que os alunos não entendam alguma coisa, ele vai lá e tenta ajudar, refleta sobre aquela atitude, aquela ação*”. Nesse dia, os alunos estavam meio que calados, não estavam muito para conversa, talvez por estarem no final do período e cansados. Não quis forçá-los a falar e parti para a próxima pergunta sobre as funcionárias da limpeza. Somente Z teve uma fala: “*Eu acho que as profissionais da limpeza elas são meio distantes, elas estão no canto delas trabalhando, claro, é obrigação delas, mas eu nunca vi ninguém estabelecer uma relação. A ideia é estabelecer uma relação, mas como eu não sei.*”

Respondi para todos: “Que tal começar com um bom dia, um tudo bem. Como a senhora está? Estamos sujando muito a escola? São perguntas simples, mas o início de um elo de amizade”. Também reforcei que as meninas da limpeza do período da manhã são mais tímidas e que se eles chegassem até elas e estabelecessem essa relação, com certeza teriam um retorno. E falei mais, que uma delas, a Neide, faz parte da história da escola, pois já faz uns 15 anos que ela trabalha na Unidade. “Que tal perguntar como era a escola há 15 anos atrás?”.

E sobre as funcionárias da cozinha, não precisei perguntar muito, pois o contato é maior do que com as da limpeza e foram chovendo os elogios.

ALENCAR: *A comida é boa, elas sempre educadas.*

XAVIER: *Elas são bem-educadas, proativas, dão um bom dia, falam comigo, acho a relação delas com os alunos super boa e a comida é boa também.*

AMORIM: *A tia da manhã, eu amo ela, ela se preocupa com a gente, ela dá bom dia, quando a gente falta, ela pergunta se está tudo bem, se aconteceu algo e que pode contar com ela se precisar.*

GUAZAI: *Eu gosto delas, porque eu as conheço há muito tempo, e elas sempre se importaram, então eu faço questão de ir falar com elas.*

O momento mais esperado na escola são as aulas de educação física e o horário do intervalo. Quando é macarronada, nem se fala, quilos e quilos de macarrão; e com o estrogonofe e a carne com batata, então; e na época que era servido nuggets assado, uma confusão organizada. Digo que o refeitório é o local que é frequentado com prazer e, quando são bem recebidos, o lanche fica completo.

3.3.4 A escola que frequentei: seus significados e sentidos

Propusemos aos alunos para que respondessem algumas questões para concluirmos as suas percepções sobre a Escola Gustavo Barroso e o quanto essa instituição foi relevante na sua formação. Nesse momento da pesquisa, perguntamos: O que mais ama e o que menos gosta da escola em questão? O que marcou a sua trajetória? Quais os planos ao término do ensino médio?

Fizemos uma breve leitura das perguntas antes de passarmos para o registro das respostas. Assim como nos demais questionários, fomos lendo as perguntas uma a uma e os sujeitos, em fase de conclusão do ensino básico, foram fazendo seus registros. O objetivo desse questionário específico para os alunos da terceira série do ensino médio foi perceber o quanto a escola foi significativa para a sua formação. Digo somente escola como instituição, pois percebi que quando falo somente da escola, as percepções dos alunos mudam, diferentemente se for apontado algum ator nessa peça.

Começamos com a pergunta: O que mais amo e o que menos gosto na Escola Gustavo Barroso? Reproduziremos na íntegra as respostas e da forma como foram escritas, por se tratar de percepções e todas com grandes verdades.

3.3.4.1 O que mais amo?

COSTA: *Eu amo as aulas mais comunicativas e na sala de vídeo.*

MARIA: *O que mais amo é a sala de vídeo, porque muitas das vezes eles colocam um filme bom pra assistir e também a educação física que me divirto tirando fotos.*

LIMA: *Eu gosto muito da Tia C1 e de alguns professores.*

DA SILVA: *A professora M3 e a comida.*

ANDRADE: *Eu gosto da atenção que os funcionários tem com nós alunos e a comida também é muito boa e da organização das salas.*

DE ARAUJO: *O que mais gosto na escola são as pessoas, os desenhos e a sala de vídeo.*

AGUIAR: *Gosto da tia da cozinha.*

GOMES: *O que mais amo são os professores que conseguem ensinar de uma forma legal e divertida na aula. Assim a aula não fica um tédio total.*

XAVIER: *O que mais amo na escola é o professor de educação física e a tia da cozinha.*

MACHADO: *A parte que eu mais amo é ser acolhida pelos professores e eu acho o Gustavo Barroso uma escola empática e é por isso que eu sempre gostei.*

CURTE: *O que eu amo são os amigos que a escola me deu e a atenção de alguns professores.*

CARDOSO: *A aula de matemática.*

DIAS: *Gosto da aula de filosofia.*

FONSECA: *O que mais gosto na escola é a sala de informática, biblioteca, sala de filmes e a educação física.*

PORTO: *Eu gosto do ambiente das aulas e da comida.*

ALENCAR: *Eu gosto do tratamento que recebo na escola e da sala de informática.*

Todos citaram que amam algo na escola ou da escola. Citam professores, funcionários da escola, da cozinha, as aulas e alguns ambientes em que gostam de estar. A escola tem que ter algum atrativo para que esses estudantes sintam vontade de estar nesse ambiente em média cinco horas por dia. Como cita Leite (2016), a escola tem que dosar o lúdico com o ensino formal, para que esse tempo de convivência não se torne maçante e nem um período de sofrimento para o aluno e para as pessoas que fazem parte desse processo.

3.3.4.2 E o que menos gosto na escola Gustavo Barroso?

COSTA: *Não gosto de aula vaga.*

MARIA: *O que menos gosto é a falta de organização nos banheiros e muitas vezes na sala de aula.*

LIMA: *O que me incomoda são as conversas em sala de aula que atrapalha e alguns professores não fala nada.*

DA SILVA: *O que não gosto é entrar muito cedo.*

ANDRADE: *Não gosto do ambiente da sala em dias frios.*

DE ARAUJO: [...] *é a falta de alguns utensílios básicos.*

AGUIAR: *Não ter acesso a sala de leitura, acessa e laboratório, pois são as melhores aulas.*

GOMES: *O que menos gosto são os alunos mal educados dentro da sala de aula que ficam conversando a aula inteira.*

XAVIER: *O que menos gosto é não ir no laboratório.*

MACHADO: *Eu não gosto dos professores que me forçam a falar em público, ou então me façam resolver exercícios na lousa.*

CURTE: *[Não respondeu].*

CARDOSO: *Eu não gosto da falta de cortinas.*

DIAS: [...] *falta de cortinas.*

FONSECA: *[Não respondeu].*

PORTO: *O que menos gosto são dos alunos que ficam fazendo brincadeiras de mal gosto de bullying.*

ALENCAR: *O que menos gosto são as aulas vagas que geram bagunça na sala de aula.*

Não somente de agrados é formada a escola. Há também desagradados que são opiniões pessoais e particulares, de grande valia, para que a unidade consiga propor ações assertivas, buscando o bem-estar de todos. Saliento que, em algumas respostas, os estudantes citaram a falta de cortinas. Tal falta se deu por orientação da Secretaria de Saúde para o combate ao novo coronavírus. Logo, não poderia haver cortinas nas salas de aula e nem ligar ventiladores. Os ambientes que muitos citam, como sala de vídeo, sala de leitura, laboratório, estavam desativados por falta de mobília e materiais para o uso. Essas informações foram transmitidas aos alunos posteriormente nas rodas de conversas.

As aulas vagas sempre são um grande problema para as escolas, que podem funcionar sem um diretor, um vice-diretor, um coordenador, enfim, qualquer outro membro da equipe escolar; agora, sem o professor, a escola não funciona, gera o ócio, que não é aproveitado, e nesses momentos a unidade escolar tenta ocupar ao máximo esses estudantes, com atividades diversificadas, como: jogos de tabuleiro, jogos de mesa e também um bate-papo em sala de aula; porém, em alguns momentos, ficam sozinhos, por falta de humanos para dar o suporte. Recursos virtuais eles têm, porém não substitui o contato pessoal.

Quando falamos em relações interpessoais, sempre nos vem à mente algo ruim, mas, em síntese, quando perguntamos para os alunos o que mais marcou a sua trajetória na Escola Gustavo Barroso, foi esta a resposta: as pessoas que de alguma forma fizeram a diferença na formação desses sujeitos pensantes. Costa

não tem muito o que falar, pois veio de outra escola no final do ano. Já Maria disse que foi com o professor F1 que aprendeu matemática de uma forma fácil. Lima disse que foi graças à escola que ele começou a jogar basquete e Da Silva ficou muito feliz quando encontrou a professora M3, pois já a conhecia de outra escola. De Araújo e Machado citam as pessoas. Gomes teve muitos problemas com os colegas, mas disse que a escola resolveu e tudo ficou bem, e Xavier, com as ações de protagonista, participou do grêmio estudantil, o que o levou a ter uma outra visão da escola e dos seus problemas. Para alguns, a escola era um bicho de sete cabeças, pois ouviam os murmúrios da sociedade e, quando Andrade e Aguiar conviveram com esse “bicho”, acabaram se surpreendendo com a organização, com a preocupação dos professores, da coordenadora e do vice-diretor com os alunos. Para Cardoso, a escola não significou nada em sua trajetória. Dias e Fonseca não souberam responder.

As etapas de cada tempo e espaço terminam, para começar um novo ciclo. E foi sobre esse novo ciclo que a terceira pergunta feita para os estudantes abordou: Qual será a sua trajetória na vida ao término da terceira série do ensino médio?

As respostas foram quase unânimes: fazer uma faculdade! Entre as profissões, escolheram: enfermagem, medicina veterinária, direito, pedagogia, comunicação, psicologia; alguns apenas citaram a vontade de fazer o ensino superior, mas não decidiram ainda qual carreira seguir. Fonseca (o protagonista/empreendedor/capital cultural, social e econômico da turma) foi a única ovelha que se desgarrou da turma, dizendo: *“Pretendo seguir o ramo do meu pai com a empresa de chopp e expandir a minha loja de tênis”*.

Fechando o questionário, a pergunta foi: Em que a Escola Gustavo Barroso foi significativa na sua formação para a vida? A maioria das respostas apresenta uma certa gratidão aos longos ou curtos tempos que passaram ali;

COSTA: *Conheci pessoas incríveis.*

MARIA: *A escola conseguiu mudar a minha mente através dos professores, hoje sei o que fazer.*

LIMA: *Foi importante na minha percepção de vida.*

DE ARAUJO: *Foi significativa na minha formação como pessoa e estudante.*

GOMES: *A escola me ajudou a entrar em um curso de administração e a escolher a profissão de enfermagem.*

XAVIER: *Me mostrou o caminho após a escola, tive várias orientações. Tudo contribuiu para a minha formação, acredito que tudo começou com o meu interesse de aprender.*

MACHADO: *Me ensinou a ter foco e me mostrou que preciso ser dedicada e esforçada em tudo que eu fizer.*

CURTE: *Na escola perdi a vergonha de falar e ler em público, isso me marcou muito.*

ANDRADE: *Toda a escola deixa marcas boas e ruins em nossas vidas. A escola Gustavo Barroso me acolheu no meu último ano e conseguiu fazer com que eu não me desanimasse no último ano.*

Acredito que as marcas boas sobrepõem as ruins, pois esse estado de formação e as relações que nesse período são construídas, marcam as vidas desses estudantes eternamente. Quem nunca se lembra de alguma situação vivida na escola, ou de amigos que mesmo perdendo o contato ficam nas belas memórias? Nessa última questão, abordamos as memórias e nesse resgate obtivemos as respostas da significância da escola na vida de cada estudante.

Portanto, os estudantes, no estágio final do ensino básico, deixaram as suas percepções sobre a escola, o que gostaram e o que não gostaram de um ambiente que deve ser acolhedor, mas algumas vezes acaba sendo excludente. Lembraram e citaram o que mais marcou a sua trajetória e em que a escola foi significativa nessa caminhada.

Assim, os significados sentidos, construídos pelos indivíduos decorrerão de suas lógicas, os seus valores, as suas crenças, o seu modo de agir e de pensar e o seu modo de ver e de sentir o mundo – a sua leitura de mundo. (CAVALIERE, 2016, p. 17, grifo da autora).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a um momento da pesquisa em que, depois de tantas conversas com os alunos, educandos, estudantes, pupilos, sujeitos, discentes, seja como queiram nomear, há muito o que pesquisar ainda e essa conversa não termina por aqui. É apenas uma pausa para a reflexão, para uma outra conversa que foi interrompida sem saber o que mais poderia nos dizer, como analisa Larrosa²⁴ (2003, p. 211-212 apud CAVALIERE, 2016, p. 235):

[...] nunca se sabe onde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...

E mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante... por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra... por isso uma conversa pode manter as dúvidas até o final, porém cada vez mais precisas, mas elaboradas, mais inteligentes... por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas... por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa...

Este estudo foi concebido por meio de questionários e conversas, que nos levaram a refletir sobre o que os estudantes da Escola Gustavo Barroso pensavam da escola e de todos que ali estavam. Já sabemos que, entre os educandos, as conversas são abertas e não existem tabus, porém, quando outras pessoas se inserem nesse contexto, as conversas são reprimidas e se ouve apenas o que quer ser ouvido.

Foi com os nossos ouvidos abertos que buscamos criar um ambiente que os deixasse livres para soltarem a voz e exporem as suas percepções. Agora, falando nessas conversas e como os estudantes se percebem e percebem a escola, noto como estão sendo honestos quando falam que não fazem muita lição, que poderiam fazer mais, que são ótimos estudantes ou não, que têm vergonha, que são bagunceiros, normais, um anjo, enturmado, lento, bravo, quando se queixam, ou reclamam sobre o espaço e as condições do prédio.

²⁴ LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos Bernardo. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 211-216.

Enfim, um perfil de uma comunidade singular de estudantes, diferente das demais, que têm seus anseios, suas expectativas e reclamam as suas necessidades, transformando a Unidade Escolar em única. Apresentam maturidade pelos anos de vivência na escola, pois conseguimos perceber claramente, nas respostas, como as constroem, de forma simples e direta, nos primeiros anos do ensino fundamental anos finais, e mais compostas, no ensino médio, com um diálogo mais reflexivo e questionador.

Ainda falando em estudantes, essa escola abriga vários perfis de escola. No período matutino, temos alunos mais maduros, com problemas sociais, culturais e educacionais, totalmente diferentes do período vespertino que recebe os alunos do ensino fundamental. Analisando esses perfis como um todo e tendo propriedade para isso, posso afirmar que o período matutino recebe os alunos e o período vespertino os acolhe de forma singular e composta e, como cita Stach-Haertel (2017), com afetividade.

E em relação aos *significadossentidos* abordados por Cavaliere (2016), sobre qual o sentido da escola para esses estudantes, percebemos que, na sua grande maioria, identificam-na como um local de aprendizagem para ser alguém na vida, ter um futuro com um emprego bom; todavia, a aprendizagem é ligada ao mercado de trabalho desde sempre; “ser alguém na vida” é uma frase usada comumente nas respostas e apresentam alguns anseios em aprender algo novo na escola, quem sabe torná-la mais atrativa e convidativa à permanência de todos e ocupar os tempos livres. Há uma necessidade de mudança, pois percebemos que, em alguns momentos, a escola retrata uma educação conservadora que não cabe mais no século XXI.

Nesse contato da pesquisa, conseguimos traçar um panorama do que os alunos fazem em seu tempo livre e muitos tempos são ocupados com afazeres domésticos, por uma necessidade. Em conversa com os alunos, quando na escola, muitos disseram que prefeririam estar na escola e não em casa, por conta desses afazeres, as fugas de lavar uma louça, limpar uma casa ou cuidar de alguém da família. E não são somente afazeres, também existem brincadeiras nesse tempo livre, sempre ligadas às tecnologias, como celular, videogames e as brincadeiras de rua que não perdem a tradição.

E essa escola que a comunidade pinta, desenha, rabisca, um “tiro ao Álvaro”, faz parte do cotidiano daquela comunidade. Mesmo a escola estando em um processo

de desconstrução da sua imagem há um longo prazo, percebemos, por meio das vozes dos discentes, que essa fama ainda persiste na comunidade na qual está inserida. Porém temos pontos positivos: antes, alunos e comunidade falavam mal da Escola Estadual Gustavo Barroso; atualmente, somente a comunidade tem essa percepção, mas se trata da comunidade que não tem contato algum com a unidade. É aquele famoso dizer: “eu ouvi falar”, “disseram”.

Todas as percepções ruins que os alunos trazem na mochila para o primeiro contato com a escola cai por terra logo nas primeiras semanas, pois percebem que a escola pintada nos asfaltos, muros e casas da comunidade não é a mesma que estão frequentando. Encontram uma escola acolhedora, limpa, organizada e preparada para recebê-los, com muito afeto e “amor”. Todavia, gostariam que alguns ambientes fossem mais frequentados por eles, como, por exemplo, o laboratório, que no momento da pesquisa estava desativado, a sala de leitura, que estava sem mobília, e a quadra de esportes interditada devido às más condições de conservação; mesmo assim, solicitam o uso e quando utilizam é uma alegria só.

Afirmaram que, em alguns momentos, faltava vidros em sala de aula e passavam frio no inverno e, no calor, era muito calor por falta de ventiladores. O que demonstra que estão de olhos abertos e que, portanto, deveriam ser convidados a avaliar, mas como esta pesquisa será apresentada à direção e professores, por certo, servirá para refletirmos sobre nossos afazeres.

E refletindo no quesito professor, temos variados “modelos”: aquele professor legal, o bonzinho, o chato, o que não explica, aquele que puxa a orelha, o que não tem vida pessoal e aquele que já está cansado, no final da carreira. Todas essas percepções foram relatadas pelos estudantes e eles sabem muito bem avaliar cada um deles e traçar um perfil. Na pesquisa, tivemos dois momentos em que perguntamos sobre os professores e em todos houve muitas críticas a professores que têm condições de dar uma boa aula, porém, por motivos desconhecidos ou por hipóteses apontadas pelos educandos, acabam ensinando o básico, sem muito envolvimento com o conteúdo e principalmente com os estudantes. Alguns professores são vistos como trabalhadores, que estão ali para ensinar e nada mais; outros que estão para não ensinar nada; e outros que incentivam e possibilitam a construção de uma relação com o grupo, mas não esquecendo da aprendizagem.

Os professores da Escola Gustavo Barroso possuem vários rótulos e cada um é marcado por uma percepção dos alunos que não pode ser descartada, por olhares críticos que reconhecem a desvalorização dos profissionais, valorizam alguns e leem a bula de outros e os entendem e, para alguns, tanto faz estar ou não estar. Avaliam a confiança que têm nos professores, mas também reconhecem os afetos e desafetos.

Sobre a direção da escola, os alunos sentem falta da presença entre eles. Relatam que não veem a diretora e, quando acontece, ela está de passagem pelos ambientes. Sugerem que ela se apresente nas salas em todo início de ano e que acompanhe mais de perto a rotina escolar dos alunos. Sabemos que, no cotidiano administrativo escolar, as demandas são inúmeras e isso acaba afastando a direção dos estudantes; logo, ligado à direção, temos as vice-direções, que são os seus representantes e são avaliados positivamente pelos educandos.

Na percepção sobre o vice-diretor G2, que acompanha os alunos do matutino, constatam um zelo e preocupação por eles, pois sempre está presente acompanhando a entrada com um bom dia para cada um, durante o período de aula, no intervalo, no refeitório e na saída com um “tchau, até amanhã”. São pequenos gestos de afeto que, na percepção dos alunos, são valiosos, mas não agrada a todos e nem Deus agradou. Com relação à vice-diretora M1, os estudantes do vespertino não a reconhecem na função, pois iniciaram seu contato com ela em maio de 2021, quando acanhadamente começaram a retornar para a escola, após uma diminuição nos índices de contaminação na pandemia. O vespertino não tem uma identidade de vice-direção, devido à grande rotatividade de professores na função, e a mesma questão acontece na coordenação pedagógica do período matutino, e esse reconhecimento pelos alunos não ocorre, levando-os a designar quem eles mais conhecem para várias funções.

Os coordenadores são o elo entre a direção, os discentes e os professores; são responsáveis pela harmonia entre os “grupos” e desempenham um grande trabalho, principalmente com os alunos, e se fazem presentes, mais que presentes entre eles. Sobre a coordenadora ML1, olhou para o lado, ela está ali, daí a pouco, já está do outro lado da escola, logo em seguida, na sua sala, proativa, esforçada e em busca de uma identidade na coordenação pedagógica nesse um ano de designação. Entende os seus pupilos muito bem e, pedagogicamente falando, esteve por 25 anos na sala de aula, sendo aquela professora que sabia dosar a doçura, a amargura e a

aprendizagem, e o importante é que ninguém fugia das aulas dela. Seria o resultado de uma convivência afetiva? Falando em afeto, o coordenador MJ1 foi um exemplo a ser seguido com os pupilos do vespertino. Foram quatro anos de um trabalho de ressignificação da educação com os estudantes, ofertando-lhes sempre o seu melhor, em prol de uma convivência sadia entre todos. Devido aos anos que esteve na Unidade Escolar, os alunos o viam como sendo o vice-diretor, pois a todo momento, assim como ML1, esteve em contato com os alunos e, no final do ano de 2021, desligou-se da Unidade rumo a novos desafios. Uma perda pedagógica!

É disso que eu falo. Falo de identidade que o período adquire mediante um trabalho de equipe entre vice-direção e coordenação pedagógica. É um casamento e essa união, em 2022, no período vespertino, dar-se-á novamente. Nova vice-direção, nova coordenação, um novo trabalho e os mesmos estudantes. Causa uma confusão esses términos e inícios de casamentos!

O professor de orientação de convivência R1, com todo seu tamanho, paciência e reflexão, conquistou um lugar ali no coraçãozinho dos adolescentes. Sempre está onde os alunos estão, orientando-os, acolhendo, participando ativamente do dia a dia dos estudantes do matutino, como professor de orientação de convivência. Essa função tem um papel primordial dentro da Unidade, pois tem um trabalho de prevenção diretamente ligado aos alunos e muitas vezes uma conversa de canto ou uma orientação longa resolve vários problemas que poderiam desencadear outros sem esse acolhimento.

Os agentes de organização escolar, as(os) famosas(os) tias(os) do corredor, estão ali ligados o tempo todo com eles. Querer saber qualquer informação sobre os pupilos, é ali a fonte. Elas(es) entram diretamente na dinâmica escolar e muitas vezes até nas questões pessoais, porque os estudantes acabam se sentindo à vontade em compartilhar com eles. São respeitados pelos alunos, uma troca de identidades e contratos pedagógicos: “se fizerem bagunça, não descerão para o pátio” ou “não terão o professor eventual de educação física”... É um pouco ameaçador, mas com carinho, afeto, amor.

Falando em amor, quanto amor pelas tias da cozinha. O tratar bem faz toda a diferença e é isso que as tias da cozinha fazem: recebem os alunos, chamam-nos para comer, perguntam se a comida está boa e, na medida do possível, acabam atendendo algumas solicitações de cardápio, quase sempre a farofa. No dia de

estrogonofe ou da carne com batata, haja comida; no dia de peixe, sobra comida. E sempre agradecem a comida, elogiando-a, o que faz o dia a dia das meninas da cozinha mais feliz, pois há o reconhecimento do trabalho.

As tias da limpeza não são muito de falar com os alunos, acabam se isolando. Segundo as respostas, principalmente nas rodas de conversas, disseram que elas apenas respondem o que perguntam, porém não conseguem manter um diálogo ou uma relação de amizade; dizem que sempre “estão na delas”. Reconhecem a importância do trabalho das tias, reconhecem que a escola está limpa e organizada devido ao trabalho, mas falta esse contato, essa ligação, pois acabam se passando para os alunos e muitos funcionários como pessoas invisíveis; porém essas tias e outros atores não imaginam o quão valiosa é a função delas na escola.

Essa é a escola de estudo, a Escola Estadual Gustavo Barroso, com as percepções de muitos sujeitos sobre o que na realidade pinta essa instituição. Há aquele velho ditado que diz: quem faz a escola é o aluno. Na realidade, não é somente o aluno, mas todas as pessoas que ali estão no seu cotidiano. Tem que ser um trabalho em conjunto com os alunos e os demais agentes. De nada adianta termos alunos excelentes, aplicados, se os agentes não têm esse mesmo perfil e vice-versa. Identificamos que a direção da Unidade Escolar deve estar mais presente entre os alunos, pois relatam que não sabem quem é, bem como no período vespertino seria interessante criar uma identidade de vice-direção, pois a cada ano ou dois anos mudam os agentes. Não tem como conduzir um trabalho efetivo e com sequência. Assim como a coordenação do período matutino, que se encaixa nos mesmos critérios.

Nessa minha trajetória como professor e vice-diretor, consegui acompanhar as mudanças, o processo de ressignificação que está ativo até hoje, pois a cada ano temos que domar vários novos leões e leoas, que são os pais dos alunos novos, que já chegam na sua grande maioria com garras em punho. Mas isso se transforma logo nos primeiros contatos. A direção da Unidade está há 15 anos nesse trabalho e eu, vice-diretor e agora pesquisador, estou nessa atuação há 10 anos. Nesse período, outros agentes estiveram caminhando lado a lado e se doaram para esta instituição e deixo aqui este registro.

Buscamos, como escola, conscientizar os alunos de que esse ambiente, acolhedor ou excludente, sadio ou não, é uma casa de todos, que devemos preservar,

zelar para terem sempre o melhor ao seu benefício e que criem essa vontade de estar na escola e que esses períodos diários de “confusões” se tornem agradáveis, mesmo com os puxões de orelha, os gritos de “entrem para a sala”, “se fizerem bagunça não descerão para o pátio” e a corrida para a fila do refeitório nos dias de estrogonofe e carne com batata.

É disso que eu falo e que marca a história desses alunos na instituição de ensino Gustavo Barroso, essas *pequenas felicidades* do dia a dia que educam, transformam, zelam. E cada um leva consigo algumas gotas de água, que serão aspergidas na sociedade e pouco a pouco essa escola terá a imagem da sociedade que realmente merece.

“É preciso olhar para vê-la assim.”

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Flávia Silva de *et al.* A escola dos meus sonhos: práticas pedagógicas freirianas para uma aprendizagem significativa. *In:* ANTUNES, Ângela; ABREU, Janaina; PADILHA, Paulo Roberto (org.). **EaD Freiriana [livro eletrônico]**: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso A escola dos meus sonhos, ministrado pelo professor Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018. p. 132-143.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia na prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. *In:* BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Rio de Janeiro: Vozes, 1998a. p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital. *In:* BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Rio de Janeiro: Vozes, 1998b. p. 71-80.
- CANÁRIO, Rui. **O que é a escola?** Um olhar sociológico. Porto, Portugal: Porto Editora, 2005.
- CAVALIERE, Gláucia de Cássia Magalhães da Silva. **Pra que eu tenho que ir à escola?** Com a palavra os praticantes do cotidiano escolar. 2016. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magre. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHARLOT, Bernard (org.). **Os jovens e o saber**. Perspectivas mundiais. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- COMENIO, Jan Amos. **Didática Magna**, Madrid: Akal, 1986.
- DUBET, François. A escola e a exclusão. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 29-45, 2003a.
- DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Ijuí: Unijuí, 2003b.
- DUBET, François. **O que é uma escola justa**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, 2000.

FERNANDES ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIMENO SACRISTÁN, José. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOUVEIA JUNIOR, Sérgio Augusto. **Jovens alunos no Ensino Médio e suas relações com a sala de aula**. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, Célio Rodrigues. **Percepções de alunos adolescentes do ensino médio sobre os estilos de liderança de professores**. 2016. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOTTA, Maryangela Mattos da. **Porque ninguém escuta a gente!** Jovens, avaliação em larga escala e cotidiano escolar, entre significados e sentidos. 2019. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. Escola Estadual Gustavo Barroso. **Plano Gestão da Escola Estadual Gustavo Barroso**. São Paulo, 2020.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. Escola Estadual Gustavo Barroso. **Plano Gestão da Escola Estadual Gustavo Barroso**. São Paulo, 2021.

SILVA, Ana Tereza Vital. **Roda de conversa como metodologia para partilha de saberes docentes**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.

SOUSA, Larissa Renó Gomide. **Trajetórias escolares no Ensino Fundamental**: um estudo de uma escola pública. 2015. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

SOUTO, Rosiley Aparecida Teixeira. **Recrutamento e qualificação de professores primários instituídas na Instrução Pública Paulista**: um estudo das tecnologias de estado no campo educacional (1892 a 1933). 2005. 258 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: A implantação da escola graduada no Estado de São Paulo (1890-1930). São Paulo: Editora Unesp, 1998.

STACH-HAERTEL, Brigitte Ursula. **Afetividade, valores e referências morais**: um estudo com jovens estudantes da rede estadual paulista. 2017. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TEIXEIRA, Rosiley Aparecida. **As práticas de recrutamento de professores primários na instrução pública Paulista (1892-1933)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

VANEIGEM, Raoul. **Aviso a escolares y estudiantes**. Barcelona: Debate, 2001.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982001000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 fev. 2022.

ANEXO A – Questionário da Pesquisa Socioeconômica**Qual a sua idade?****Qual a sua identidade de gênero?**

Masculino

Feminino

Você nasceu em qual região do Brasil?

Norte / Sul / Nordeste / Sudeste / Centro-Oeste

Em relação à cor da pele, você se considera:

Amarela / Branca / Parda / Preta / Indígena / Prefere não declarar

Você tem filho (a)?

Sim / Não

Atualmente, você:

Apenas estuda / Estuda e trabalha

Quantos livros você costuma ler por ano?

Um / Dois / Três / Mais de três

Você tem computador em casa com acesso à internet?

Sim / Não

Você tem celular com acesso à internet?

Sim, tenho celular COM acesso à internet / Sim, tenho celular, mas SEM ACESSO à internet / Não tenho celular

Qual o seu meio de locomoção até a escola?

A pé / De bicicleta / De skate / De transporte público (lotação) / De transporte pago / De carro com os pais

A residência da sua família é:

Alugada / Emprestada / Própria / Financiada

Qual o tipo da sua residência?

Casa de alvenaria (tijolos) / Casa de madeira / Casa mista (alvenaria e madeira) / Apartamento

Há saneamento básico?

Sim / Não

A rua é asfaltada?

Sim / Não

Há rede elétrica?

Sim / Não

Em relação à situação familiar, os pais são:

Casados / Separados / Pai falecido / Mãe falecida

Qual a escolaridade da sua MÃE?

Sem escolaridade / Ensino fundamental incompleto / Ensino fundamental completo / Ensino médio incompleto / Ensino médio completo / Ensino superior incompleto / Ensino superior completo

Qual a escolaridade do seu PAI?

Sem escolaridade / Ensino fundamental incompleto / Ensino fundamental completo / Ensino médio incompleto / Ensino médio completo / Ensino superior incompleto / Ensino superior completo

Assinale a situação de trabalho da sua MÃE:

Está trabalhando com registro em carteira / Trabalho temporário / Trabalho autônomo / Trabalho informal / Desempregado / Aposentado / Pensionista / Recebendo seguro desemprego / Afastado

Assinale a situação de trabalho do seu PAI:

Está trabalhando com registro em carteira / Trabalho temporário / Trabalho autônomo / Trabalho informal / Desempregado / Aposentado / Pensionista / Recebendo seguro desemprego / Afastado

Qual a Região do Brasil em que sua MÃE nasceu?

Norte / Sul / Sudeste / Nordeste / Centro-Oeste

Qual a Região do Brasil em que seu PAI nasceu?

Norte / Sul / Sudeste / Nordeste / Centro-Oeste

Qual a renda familiar mensal?

Nenhuma / Menos de um salário-mínimo / De um a dois salários-mínimos (R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00) / De dois a quatro salários-mínimos (R\$ 2.090,00 a R\$ 4.180,00) / Benefício social governamental

Sua família recebe Bolsa Família?

Sim / Não

Quais dos itens abaixo você possui em sua casa?

Rádio / Carro / Moto / Máquina de lavar roupas / Geladeira / Tv / Ar-condicionado / Microondas / Tv por assinatura / Telefone fixo / Computador

ANEXO B – Perguntas para as Rodas de Conversa

Perguntas para todos os educandos

Qual a sua concepção de Escola?

O que deveria aprender na Escola?

O que não se aprende na Escola?

O que você faz no período que não está na Escola?

É melhor estar na escola ou em casa?

Qual o valor da escola para a sua vida?

Qual seria a escola ideal, a escola dos sonhos?

Quadro: Estudantes, como se percebem, o que pensam sobre a escola, sala de aula e professores?

Perguntas para os sujeitos novatos

6º e 7º ano EF e 1ª série do EM

Essas perguntas são específicas para esse grupo, relacionadas às primeiras percepções dos alunos para com a Escola Gustavo Barroso.

Como foi seu primeiro contato com a Escola Gustavo Barroso? Quais eram as suas expectativas? E como elas se transformaram?

Como está sendo a interação com a Escola Gustavo Barroso no período de pandemia?

Perguntas para os educandos veteranos: adolescentes em trajetória

Alunos do 8º e 9º ano do EF e 2ª e 3ª série do EM

Essas perguntas são específicas para esse grupo e eles serão os responsáveis por caracterizar profundamente a escola Gustavo Barroso.

Como você avalia a atuação dos agentes formadores (diretora, vice-diretores, coordenadores, professores, inspetores de alunos, funcionárias da limpeza e cozinha)

Qual a sua visão da Escola Gustavo Barroso?

Como você avalia a estrutura da Escola Gustavo Barroso?

Quais os professores que mais gostam? E as matérias?

Qual a diferença da escola de hoje (pandemia) com a escola de ontem (normalidade)?

Perguntas para os alunos da 3ª série do EM

A PARADA OU A PARTIDA: UM CONCEITO PESSOAL

Esse grupo final é para os alunos da 3ª série e buscaremos comparar a escola de ontem (sem pandemia) e a escola de hoje (na pandemia) e fazer uma avaliação mais crítica da escola.

O que mais amo e o que menos gosto na Escola Gustavo Barroso?

O que marcou a sua trajetória na Escola Gustavo Barroso?

Qual será a sua trajetória na vida ao término da 3ª série?

Em que a Escola Gustavo Barroso foi significativa na sua formação para a vida?